

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

AINGRID FABIANE DE SOUZA

**TERRITÓRIOS NEGROS NA CIDADE DE VITÓRIA-ES (2024):  
PROPOSTA DE CIRCUITO PARA AULA DE CAMPO DE GEOGRAFIA**

Vitória, ES 2024

AINGRID FABIANE DE SOUZA

**TERRITÓRIOS NEGROS NA CIDADE DE VITÓRIA-ES (2024): PROPOSTA DE  
CIRCUITO PARA AULA DE CAMPO DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo - Campus de Goiabeiras, sob a orientação do prof. Dr. Cássio Arruda Boechat

Vitória, ES 2024

## RESUMO

O trabalho apresenta o resultado de uma investigação, por meio de pesquisa documental, que tem por objetivo identificar os territórios negros (que resistiram e resistem) existentes atualmente na cidade de Vitória-ES e sugerir um roteiro para aula de campo de geografia com possibilidades de diálogo interdisciplinar com história, artes, sociologia e relações étnico raciais, com potencialidade de ser adotado com turmas do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, pois permite diversas abordagens. Não é objetivo da pesquisa esgotar o tema e apontar todos os possíveis territórios, uma vez que tal empreitada é impossível, seja pela fonte de pesquisa documental, seja pela necessidade de resguardar práticas religiosas de matriz africana expostas frequentemente a violência motivada pela intolerância religiosa, racismo e pré-conceitos. A realização de uma aula de campo por um circuito de territórios negros na cidade de Vitória-ES proporcionará aos alunos uma experiência educativa rica e multifacetada. Essa prática não apenas complementarizará o conhecimento teórico, mas também promoverá uma conexão significativa com a cidade e com a realidade social e cultural dos locais visitados, contribuindo para uma formação mais completa e reflexiva dos estudantes. Para os fins desta pesquisa, adotaremos a concepção de território negro relacional proposto por Pedrosa (2023) que dialoga com os conceitos de território e territorialidade abordados por Milton Santos (2000) e Haesbaert (2004). Entendemos o território negro como os diversos espaços ocupados pela população negra, variando em escalas e contextos, demarcados por limites que nem sempre são fixos, reconhecidos e caracterizados pela coletividade que os conforma. Incluem-se tanto os espaços que a população negra frequenta e utiliza para sociabilidade e práticas culturais quanto os monumentos e edificações que evocam simbolicamente a presença ou a memória negra. A breve análise histórica e demográfica da cidade de Vitória, ES, revela um padrão persistente de segregação e exclusão da população negra que se estende desde o período colonial até os dias atuais. Desde a chegada dos africanos escravizados até o presente momento, a população negra em Vitória tem enfrentado uma trajetória marcada por dificuldades socioeconômicas e desigualdades. Apesar de representarem mais de 50% da população de Vitória, os negros e pardos continuam a residir predominantemente em bairros com menor valorização econômica. A concentração significativa da população negra em áreas como o bairro da Piedade e nas regiões administrativas de São Pedro, Santo Antônio, Goiabeiras e Grande Maruípe, em contraste com sua escassez em bairros de maior poder econômico, sublinha a persistência de desigualdades espaciais. Conclui que os processos raciais são fenômenos que imprimem suas marcas no espaço geográfico e propor a realização aulas de campo pelo circuito resgata, registra, traz visibilidade e valoriza a história e a presença comunidade negra e sua existência na cidade de Vitória-ES.

*Palavras-chave: aula de campo; aula de campo de geografia; território; território negro; territórios negros na cidade de Vitória-ES; ensino de geografia.*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da cidade de Vitória (1895) .....	23
Figura 2 - Projeto do Novo Arrabalde .....	24
Figura 3 - Vista aérea do centro histórico de Vitória-ES no ano de 1955 .....	25
Figura 4 - Vista aérea do centro histórico de Vitória-ES no ano de 2023 .....	25
Figura 5 – Regionais/Regiões Administrativas de Vitória .....	26
Figura 6 - Concentração da população cativa (%) na província do Espírito Santo em 1872 .....	29
Figura 7 - Rua do Piolho (Atual Rua 13 de Maio) e Largo da Conceição – Prainha (atual Praça Costa Pereira) .....	30
Figura 8 – Participação da população negra no total de habitantes por bairro de Vitória - 2010 .....	33
Figura 9 (a) – Distribuição espacial dos territórios - Vista aérea superior da cidade de Vitória .....	65
Figura 10 – Vista aérea do Circuito .....	70
Figura 11 – Deslocamento Sambódromo Walmor Miranda ao Momumento Quebra dos Grilhões – Memorial do Centanário da Abolição .....	72
Figura 12 – Deslocamento Momumento Quebra dos Grilhões – Memorial do Centanário da Abolição ao Mercado da Vila Rubim .....	73
Figura 13 – Deslocamento Mercado da Vila Rubim ao Parque Moscoso.....	74
Figura 14 – Deslocamento Parque Moscoso ao Museu Capixaba do Negro .....	75
Figura 15 – Deslocamento Museu Capixaba do Negro ao Monumento Estátua de Dona Dominga .....	77
Figura 16 – Deslocamento Estátua de Dona Dominga a Igreja de São Gonçalo .....	78
Figura 17 – Deslocamento Igreja de São Gonçalo a Ladeira do Pelourinho-Escadaria Maria Ortiz.....	80

Figura 18 – Deslocamento Ladeira do Pelourinho-Escadaria Maria Ortiz a Praça Costa Pereira.....	81
Figura 19 – Deslocamento Praça Costa Pereira a Rua 13 de maio .....	83
Figura 20 – Deslocamento Rua 13 de maio a Igreja Nossa Senhora do Rosário .....	85
Figura 21 – Deslocamento da Igreja Nossa Senhora do Rosário ao Chafariz da Capichaba .....	87

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População do Espírito Santo (1827) .....	28
Tabela 2 – Territórios Negros na Cidade de Vitória-ES .....	36
Tabela 3 - Escolas de Samba de Vitória- ES.....	45
Tabela 4 – Bandas de Congo na cidade de Vitória- ES.....	51
Tabela 5 – Hip-Hop na cidade de Vitória- ES. ....	55
Tabela 6 – Grupos de capoeira cidade de Vitória- ES.....	56
Tabela 7 – Blocos de carnaval Vitória – ES.....	57
Tabela 8 – Circuito Proposto - Identificação ponto de partida, pontos intermediárias e ponto de chegada, coordenadas UTM de cada território e distância média percorrida:	70

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 - Sambódromo Walmor Miranda (Sambão do Povo).....	71
Foto 2 – Monumento Quebra dos grilhões – Memorial Centenário da abolição.....	73
Foto 3 – Mercado da Vila Rubim .....	74
Foto 4 – Parque Moscoso .....	75
Foto 5 – Museu Capixaba do Negro.....	76
Foto 6 – Monumento - Estátua de Dona Dominga .....	78
Foto 7 – Igreja de São Gonçalo.....	79
Foto 8 – Ladeira do Pelourinho – Escadaria Maria Ortiz.....	81
Foto 9 – Praça Costa Pereira .....	83
Foto 10 – Rua 13 (Treze) de Maio.....	84
Foto 11 – Igreja Nossa Senhora do Rosário – Escadaria do Rosário .....	87
Foto 12 – Chafariz da Capichaba.....	88

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>AULA DE CAMPO: A IMPORTÂNCIA PARA O ENSINO</b> .....	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E TERRITÓRIO NEGRO</b> .....	<b>18</b>
<b>4</b>	<b>A URBIS: VITÓRIA-ES</b> .....	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>A POPULAÇÃO NEGRA NA CIDADE DE VITÓRIA-ES</b> .....	<b>27</b>
5.1.	PERÍODO COLONIAL.....	27
5.2.	DÉCADA DE 2010.....	32
<b>6</b>	<b>TERRITÓRIO NEGROS NA CIDADE DE VITÓRIA (ES)</b> .....	<b>34</b>
6.1.	TERRITÓRIOS NEGROS IDENTIFICADOS .....	35
6.1.1.	<i>Museu Capixaba do Negro – MUCANE</i> .....	38
6.1.2.	<i>Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos</i> .....	39
6.1.3.	<i>Igreja de São Gonçalo</i> .....	39
6.1.4.	<i>Rua Treze de maio, antiga Rua do Piolho</i> .....	39
6.1.5.	<i>Ladeira do Pelourinho atual Escadaria Maria Ortiz</i> .....	40
6.1.6.	<i>Chafariz da Capichaba</i> .....	41
6.1.7.	<i>Monumento - Estátua de Dona Dominga</i> .....	42
6.1.8.	<i>Quebra dos Grilhões – Memorial Centenário da Abolição</i> .....	43
6.1.9.	<i>Monumento Pier de Iemanjá – Estátua de Iemanjá</i> .....	43
6.1.10.	<i>Guerreiro Zulu – Monumento à comunidade negra capixaba</i> .....	44
6.1.11.	<i>Escolas de Samba de Vitória</i> .....	44
6.1.12.	<i>Sambódromo Walmor Miranda – Sambão do Povo</i> .....	47
6.1.13.	<i>Bar da Zilda – Reduto de Samba Raiz</i> .....	48
6.1.14.	<i>Bandas de congo</i> .....	49
6.1.15.	<i>Associação das Paneleiras de Goiabeiras</i> .....	52
6.1.16.	<i>Hip-Hop</i> .....	53
6.1.17.	<i>Capoeira</i> .....	56
6.1.18.	<i>Blocos Carnavalescos</i> .....	57
6.1.19.	<i>Mercado Municipal Vila Rubim</i> .....	58

6.1.20.	<i>Parque Moscoso</i> .....	60
6.1.21.	<i>Praça Costa Pereira</i> .....	61
6.1.22.	<i>Núcleo Afro Odomodê</i> .....	62
6.1.23.	<i>Bairro São Benedito – Rota de Turismo do São Benedito</i> .....	62
6.1.24.	<i>Quintal Bantu</i> .....	63
6.2.	MAPEAMENTO DOS TERRITÓRIOS NEGROS IDENTIFICADOS .....	64
<b>7</b>	<b>PROPOSTA DE CIRCUITO PARA AULA DE CAMPO</b> .....	<b>69</b>
7.1.	PERCORRENDO O CIRCUITO .....	70
<b>8</b>	<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>89</b>
<b>9</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>90</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Antes de iniciarmos o percurso da pesquisa é importante esclarecer que a motivação parte do olhar de uma pessoa que vivencia a cidade Vitória e a cultura negra por meio das escolas de samba, experiências musicais educativas no espaço do Mucane (Museu Capixaba do Negro) e blocos de carnaval de rua Coisas de Negres. No início dos anos 2000 participei da minha primeira oficina de percussão no Mucane, um espaço que me chamava atenção por ter uma fachada e arquitetura não contemporânea e pela precariedade interna das instalações físicas, mas que vibrava vida com os projetos de ensino musical que ali aconteciam. No ano de 2004, por intermédio do meu irmão, me aproximei da escola de samba do bairro que residia, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Independes de Boa Vista, onde pude vivenciar a potência do desfile de uma escola de samba e o tanto de alma e energia que são entregues a realização de um desfile de escola de samba. Em 2005 tive a honra de assinar o enredo intitulado: *“Do princípio ao final, com histórias, lendas e fantasias Boa Vista faz do 7 o carnaval da alegria”* vivenciando todo o processo de construção do carnaval, partindo desde a escrita do enredo, produção dos croquis, composição do samba-enredo, confecção de fantasias, burocracias, falta de verba financeira, etc., que a agremiação enfrentava para conseguir levar ao sambódromo o seu desfile. Sou uma pessoa extremamente apaixonada e interessada pela cultura brasileira e pela busca da valorização das contribuições que o povo africano e seus descendentes deram a esta cidade e ao Brasil.

A partir do projeto Visitar o Centro, que é um conjunto de ações integradas voltadas ao fomento do turismo histórico-cultural da nossa capital visando uma política de requalificação do Centro Histórico de Vitória me aproximei ainda mais da cidade, sua história, monumentos, edificações do período colonial, etc. Em 2024, estudante de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), durante a disciplina de Território e Territorialização, passei a me questionar quais seriam os espaços/territórios que em suas diversas possibilidades e potencialidades pudessem de alguma forma resgatar a memória, a cultura e as contribuições que os africanos e seus descendentes trouxeram a esta cidade.

No movimento inicial de pesquisa me deparei com a dissertação de mestrado de Kaira Bicalho Pedrosa (2023): *Na Cidade escravista: Territórios negros no espaço urbano*

de Vitória-ES (1850-1876), que traz mapeamento e discussões de territórios negros com foco no período colonial e suas reminiscências na atualidade. Avançando no estudo do tema tomei conhecimento de projetos que refletiam nesta direção, sendo estes projetos: **a)** O projeto "Territórios Negros: Afro-brasileiros em Porto Alegre", desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (RS) em colaboração com a Companhia Carris, a Secretaria Adjunta do Povo Negro e a Procempa, que objetiva promover a educação e a valorização da cultura afro-brasileira, por meio de visitas semanais a locais históricos relevantes para a população negra aos alunos da Rede Pública e, uma vez por mês, está disponível para a comunidade em geral. Através de um ônibus especialmente adaptado, os participantes têm a oportunidade de aprender sobre a história e a cultura dos afrodescendentes no Brasil, desde a época da escravidão até os dias atuais, através de um tour cultural que vai além de um simples passeio turístico (PMPOA-SEME, 2024); **b)** O Afro Centrão – I Circuito Cultural Afro do Centro Histórico de Vitória - foi concebido para valorizar a cultura negra e promover a ressignificação do 13 de maio, tradicionalmente associado à Abolição da Escravatura no Brasil. Desenvolvido por um coletivo de espaços dedicados à identidade negra, o circuito abrange um percurso que vai da rua Barão de Monjardim ao Parque Moscoso (Vitória-ES), incluindo dez locais. O projeto visa destacar a vivência da população negra, combater o racismo e fomentar a valorização do patrimônio afro. A iniciativa busca evidenciar o trabalho realizado por mulheres negras. O circuito integra espaços como o Museu Capixaba do Negro “Veronica da Pas” (Mucane), o Instituto das Pretas, o Avivar, o Núcleo Afro Odomodê, o Ponto Black e a Raiz Forte, o Bar do Nei, Bar da Zilda, a Casa da Barão, espaço Hip-Hop na escadaria do Rosário e a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos (FOLHA VITÓRIA, 2017); **c)** O projeto Rota Ancestral, turismo afrocentrado, coordenado por Adriana da Silva (Presidenta da Unegro-ES), tem seu início com estudantes do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) e visa abordar a falta de representatividade das comunidades negra e indígena na indústria do turismo do estado. Um projeto de turismo focado em questões étnico-raciais que visa valorizar história e monumentos do Espírito Santo (TAVEIRA, 2023).

Somando o contexto de vivência da cidade Vitória e de espaços de cultura afro-brasileira, os objetivos do projeto Visitar o Centro, da prefeitura Municipal de Vitória, o trabalho de pesquisa de PEDROSA (2023) e os ideais dos projetos Território Negros

em Poa, Afro Centrão I e Rota Ancestral, nasce a ideia de pesquisar, identificar e mapear os territórios negros na cidade de Vitória (ES) na atualidade.

De acordo Florestan Fernandes (2008), a experiência da escravidão não apenas moldou as condições materiais e sociais das comunidades afro-brasileiras, mas também foi um catalisador para a formação de uma cultura resiliente e adaptativa. Freyre (1933) acrescenta que a miscigenação não apenas transformou a demografia brasileira, mas também influenciou profundamente as formas de expressão cultural. As expressões artísticas, a culinária e a religiosidade são alguns dos componentes essenciais na expressão cultural afro-brasileira. Nascimento (1980) argumenta que essas formas de expressão não apenas refletem a herança africana, mas também enriquecem a tapeçaria cultural brasileira com suas influências distintas. Lopes (2005) ressalta que a música afro-brasileira, por exemplo, não é apenas uma forma de entretenimento, mas uma poderosa ferramenta de afirmação identitária e de conexão comunitária. Bastide (1971) argumenta que as práticas religiosas não são apenas formas de espiritualidade, mas também meios de resistência cultural contra opressões históricas.

As cidades, sendo espaços vivos, não apenas testemunham a história de lutas e conquistas da comunidade afrodescendente, mas também oferecem uma plataforma vital para o estudo da geografia. Aulas de campo de geografia podem explorar “*in loco*” as dinâmicas espaciais, socioeconômicas e culturais de territórios, proporcionando uma compreensão mais profunda das complexidades urbanas e das interações entre espaço, poder e identidade. Segundo Milton Santos (1996), a cidade é um espaço de contradições e conflitos, onde as desigualdades sociais se refletem na distribuição desigual de recursos e na configuração física do ambiente urbano. Santos argumenta que a estruturação do espaço urbano não é apenas resultado de processos naturais ou técnicos, mas também de relações sociais complexas que moldam e são moldadas por ele.

A identificação de território e/ou dos fragmentos socioespaciais negros é tarefa desafiadora por diversos fatores, tais como: a invisibilidade social dos negros; as sub-representações em mapas e registros oficiais; dinâmicas de gentrificação, revitalização urbana e deslocamento forçado; espaços com múltiplos usos. Os territórios negros rurais podem ser identificados de forma mais objetiva, pois estão representados nas estruturas das senzalas (espaço de confinamento dentro das

fazendas) e nos quilombos e mocambos (espaços de resistência e luta fora das fazendas), enquanto os territórios negros urbanos podem ser representados por espaços físicos e espaços simbólicos, relacionados às práticas neles existentes, carregados de sentidos e significados (REIS e GOMES, 2000).

A cidade de Vitória-ES passou por intensas transformações do espaço urbano, ocorridas a partir da década de 1920, e nos processos de remodelagem da cidade territórios foram apagados da paisagem<sup>1</sup> e do mapa da cidade, e por consequência, apagando marcas da presença negra no espaço urbano. A remodelação do espaço urbano, as mudanças nas toponímias mascaram de forma significativa a presença e a memória do povo negro no contexto da cidade. A cidade como um todo perde, pois, as transformações dificultam conhecer sobre a sua geografia, a história dos seus espaços e a dinâmica social da sua ocupação. A identificação de territórios e/ou dos fragmentos socioespaciais negros na cidade pode contribuir significativamente para ampliação do debate sobre este conceito e sobre as marcas que o racismo imprime no espaço geográfico.

Propor um circuito para aulas de campo para fomentar, principalmente, discussões geográficas sobre o tema poderá contribuir significativamente para ampliação do debate sobre este conceito e sobre as marcas que o racismo imprime no espaço geográfico e na sociedade. É relevante destacar que aulas de campo exploratórias desses territórios podem implicar na atualização da memória dos espaços onde a presença do negro e de suas práticas são relevantes na cidade de Vitória-ES.

Não há pretensão de determinar ou definir que o circuito e/ou proposta de circuito dê conta de responder as diversas questões, mas que seja mais uma ferramenta para

---

<sup>1</sup> Conforme apontado por Venturi (2018), a Geografia apresenta uma ampla gama de conceituações e definições sobre a paisagem, mas o autor argumenta que é fundamental adotar uma abordagem que vá além das concepções que priorizam a aparência visual em detrimento das dinâmicas e processos subjacentes. Venturi defende que a compreensão da paisagem deve ser feita através da perspectiva de um sistema integrado e dinâmico, regido por leis naturais, conforme a definição proposta por Alexander Von Humboldt, que entende a paisagem como um complexo holístico e interdependente de elementos físicos e humanos. Em contraste, diversos estudiosos têm abordado a paisagem em termos do campo visual. Matthews e Herbert (2004) definem a paisagem como a expressão visível ou "a face" da Terra, enquanto Park (2011) a considera como a extensão do cenário visível a partir de um único ponto de vista. Mayhew (2009) amplia essa definição ao incluir todas as características visíveis de uma área, bem como a aparência da mesma e os objetos que a compõem. Milton Santos (1997), por sua vez, reforça a ideia de que a paisagem é a parte da configuração territorial que pode ser percebida visualmente, e Jakob (2008) descreve a paisagem como a porção do território que é rapidamente percebida. No entanto, Venturi (2018) critica essas abordagens, argumentando que associar a paisagem unicamente ao campo visual resulta em uma perspectiva empobrecida e limitada.

auxiliar professores em suas aulas de campo e sobretudo que desperte o encantamento e o respeito pela cultura negra, pelo povo negro e suas contribuições com a cidade e com a cultura brasileira.

O circuito será proposto a partir dos territórios identificados por meio de pesquisa documental em livros, pesquisas acadêmicas, sites e revistas eletrônicas. Adotar sites e revistas eletrônicas como fonte de pesquisa é justificado pela sua capacidade de fornecer uma base informativa robusta e diversificada, fundamental para o mapeamento de compreensão dos territórios negros contemporâneos em Vitória-ES. Nos apoiaremos especialmente na pesquisa de mestrado de Kaira Bicalho Pedrosa (2023): *Na Cidade escravista: Territórios negros no espaço urbano de Vitória-ES (1850-1876)*. Além de pesquisas em sites e revistas eletrônicas para identificação de possíveis territórios na atualidade apoiamo-nos: Gilton Luís Ferreira (2016): *A reinvenção da cidade: a transformação das ruas e o reordenamento da vida na cidade de Vitória/ES–1890/1928*; Cleber Maciel (2016) *Negros no Espírito Santo*; Geisa Lourenço Ribeiro (2012) *Enlaces e desenlaces : família escrava e reprodução endógena no Espírito Santo (1790-1871)*; Azânia Mahin Romão Nogueira (2018) e (2020): *A construção e apagamento de territórios negros*; Daniele Machado Vieira (2021): *Território Negros em Porto Alegre – RS (1800 – 1970): Geografia histórica da presença negra no espaço urbano*; Milton Santos (1987) *O espaço do cidadão*; Claude Raffestin (2011): *Por uma geografia do poder*. Alex Ratts (2012); Raquel Rolnik (2024) *Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro*; Rogério Haesbaert (2008): *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*.

É importante ressaltar que não cabe dentro dos objetivos da pesquisa identificar todos os territórios negros na cidade, pois seria impossível tal empreitada, seja pelo tempo ou materiais disponíveis. Optamos ainda pela não identificação de territórios ligados às religiões de matriz africana (umbanda e candomblé) pela necessidade de resguardar a segurança destes espaços que nos últimos tempos sofrem agressões e depredações constantes, motivadas por preconceito e intolerância religiosa. O mapeamento cartográfico a que nos propomos não pretende expor ou servir de ferramenta a más intenções.

## **2 AULA DE CAMPO: A IMPORTÂNCIA PARA O ENSINO**

A utilização da aula de campo como recurso didático no ensino de Geografia tem se consolidado como uma estratégia pedagógica essencial para a formação dos estudantes de todos os níveis educacionais. Esse método, ao proporcionar uma conexão prática com o conteúdo estudado em sala de aula, oferece uma abordagem rica e contextualizada que amplia a compreensão do espaço geográfico e suas dinâmicas. Neste capítulo, exploraremos a importância da aula de campo para o ensino.

Abreu (1994, p. 205) apud Robaina, (2018, p. 242) destaca que a geografia brasileira consolidou o trabalho de campo e a observação direta como atividades essenciais não apenas para a pesquisa, mas também para o aprendizado. Esse caráter formativo continua a ser valorizado na atualidade. No ensino superior, é comum a presença formal da prática no currículo dos cursos de graduação, tanto em disciplinas específicas, como os Estágios de Campo, quanto na previsão de carga horária dedicada ao campo em disciplinas temáticas. Na educação básica, a realização de passeios ou excursões, frequentemente com um caráter lúdico e contemplativo, evidencia a importância do trabalho de campo para o ensino de geografia.

O trabalho de campo desempenha papel fundamental na formação dentro da geografia, enquanto também possibilita, de maneira reflexiva, novos movimentos que impulsionam a disciplina. Esse processo é caracterizado por uma série de contestações, esgarçamentos e rupturas de alguns postulados e determinações, bem como por novas aberturas e reflexões teóricas onde a abordagem adotada deve refletir sobre a importância das diversas relações e dinâmicas que compõem o desenvolvimento da pesquisa, entendendo-as como um processo que pode orientar novas produções de conhecimento geográfico (ROBAINA, 2018).

De acordo com Da Silva (2021), a aula de campo não se configura apenas como uma viagem ou passeio, mas como uma ferramenta ativa e interativa que integra o espaço com a teoria estudada em sala. Essa prática permite aos alunos compreender melhor o lugar e o mundo ao articularem teoria e prática através da observação direta e análise do espaço (Lima; Assis, 2005 apud Da Silva 2021).

A aula de campo transforma o espaço em um ambiente educativo contínuo, que vai além das paredes da sala de aula, englobando a escola e seu entorno imediato, e até

mesmo a comunidade (Passini, 2007 apud Da Silva, 2021). Essa abordagem possibilita uma experiência educacional mais rica e significativa, ao aproximar os alunos da realidade e tornar o aprendizado mais tangível e relevante. Carbonell (2002) apud Da Silva (2021) aponta a eficácia das atividades práticas, afirmando que a interação física com o ambiente favorece a retenção de informações e a compreensão dos conceitos, em contraste com métodos passivos de ensino que tendem a ter impacto efêmero. Segundo Libâneo (1994) apud Da Silva (2021) o ensino deve estimular o desejo de aprender e conectar o conhecimento à vida prática, e não apenas transmitir conteúdos de forma descontextualizada.

A aula de campo deve ser planejada com antecedência para garantir que os objetivos pedagógicos sejam alcançados. O planejamento inclui a visita prévia ao local, a coleta de dados e a construção de um percurso que facilite a análise e discussão dos temas abordados. Essa preparação é fundamental para que a atividade não se torne um simples passeio, mas uma experiência educacional estruturada e produtiva (OLIVEIRA e ASSIS, 2009).

A metodologia para a realização de uma aula de campo envolve várias etapas e práticas que garantem seu sucesso. Primeiramente, é necessário um planejamento detalhado que considere os objetivos pedagógicos, o contexto do local a ser visitado e as atividades a serem realizadas. Da Silva (2021) sugere que o planejamento deve contemplar tanto os aspectos teóricos quanto os práticos, de forma a integrar o conhecimento prévio com a experiência em campo. O trabalho de campo deve ser precedido por uma preparação que inclui a leitura e análise de materiais relevantes, além de debates em sala de aula para preparar os alunos para a experiência (Souza; Pereira, 2007). O planejamento deve também incluir a organização de atividades que estimulem a observação, a análise crítica e a discussão dos fenômenos observados (Cordeiro; Oliveira, 2011).

Adicionalmente, é importante que a aula de campo possa ser interdisciplinar, como indicado por Azambuja (2012), que destaca a relevância de conectar áreas distintas do conhecimento para uma compreensão mais abrangente e integrada. As aulas devem permitir aos alunos desenvolver habilidades de investigação, formulação de hipóteses e tomada de decisão, conforme descrito por Justen e Carneiro (2009).

A realização de uma aula de campo passando por territórios negros na cidade de Vitória-ES proporcionará aos alunos uma experiência educativa rica e multifacetada. Essa prática não apenas complementarará o conhecimento teórico, mas também promoverá uma conexão significativa com a cidade e com a realidade social e cultural dos locais visitados, contribuindo para uma formação mais completa e reflexiva dos estudantes. Como observa Carbonell (2002), “a mente tem a capacidade de aprender e reter melhor as informações quando o corpo interage de maneira ativa na exploração de lugares”. Nesse sentido, a experiência direta com os territórios negros oferecerá uma oportunidade ímpar para a construção de uma consciência sobre espaço, paisagens, cultura, arte, inclusão e diversidade.

### 3 TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E TERRITÓRIO NEGRO

O conceito de território é fundamental para Geografia, referindo-se à relação entre poder e espaço. Segundo Raffestin (2011, p. 128), o território resulta da ação e apropriação de um espaço por um indivíduo, grupo ou instituição, associando-se intrinsecamente à ideia de poder. Nesse contexto, o espaço é visto como um campo de possibilidades que pode se transformar em território quando apropriado e controlado por ações específicas. Haesbaert (2008) complementa essa visão ao afirmar que a apropriação do espaço pode ocorrer por meio de vínculos simbólicos ou pelo uso da força física. O território, portanto, se manifesta como resultado das relações de poder estabelecidas sobre um espaço físico, podendo ser observadas, cartografadas e nomeadas.

Quando um geógrafo reconhece a inseparabilidade entre sociedade e espaço geográfico e considera o território tanto como objeto das ações quanto como sujeito, como proposto por Milton Santos, ele adota uma perspectiva geográfica distinta. Essa abordagem não apenas oferece uma compreensão única do mundo, mas também se destaca por sua importância social. Ao analisar o território como um fenômeno dinâmico e não fragmentado, o geógrafo consegue revelar de maneira mais clara os principais problemas enfrentados por uma nação (CAMPOS, 2008).

A noção de território é passível de diversas interpretações. Os estudos sobre território e territorialidade frequentemente se baseiam na Geografia Humana, buscando um conceito de território que ressalte a relação afetiva que o indivíduo estabelece com o espaço vivido, percebido e pensado. Nessa abordagem, o território é definido como um ambiente que abrange dimensões espaciais, sociais, temporais e culturais, e que se estrutura progressivamente através das relações e experiências socioespaciais (FREMONT, 1976; DI MEO, 1998; LEVY, 2000 apud CAMPOS, 2008). Portanto, a ideia de pertencer a um lugar, a um território e a uma paisagem envolve transformá-los em um espaço de vida e construir uma identidade com base nas percepções e relações singulares, no contexto de um processo contínuo de construção das representações do mundo e do espaço (CAMPOS, 2008).

Milton Santos distingue o território como recurso (valor de troca), como prerrogativa dos “atores hegemônicos”, e o território como abrigo (valor de uso), como prerrogativa “atores hegemonzados” (Santos et al., 2000:12). Ao refletir sobre o valor de uso

pensamos em territorialidade, em como as pessoas organizam e dotam os espaços de significados e significações.

“A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado,” (SACK, 1986:219 apud HAESBAERT, 2004).

De acordo com Haesbaert (2004, p. 1) o território nasce com dupla conotação, material e simbólica:

“etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-territor (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”.

O autor conclui que todo território “funcional” tem sempre alguma carga simbólica e todo território “simbólico” tem sempre algum caráter funcional, por mais reduzido que ele seja (HAESBAERT, 2004).

Quando pensamos em valor de uso evocamos a dimensão simbólica e a importância para o uso dos sujeitos (apropriação mais subjetiva e/ou cultural-simbólica) e, em contrapartida, o valor de troca é vinculado a funcionalidade (dinâmica de acumulação capitalista – mercadoria) (LEBFEVRE, 2004). O valor de uso implica em apropriar-se e o valor de troca a propriedade. Segundo Lefebvre o valor de uso e o valor de troca geram conflito:

“à própria apropriação implica tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. Tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos “agentes” que o manipulam tornando-o unifuncional, menos ele se presta à apropriação. Por quê? Porque ele se coloca fora do tempo vivido, aquele dos usuários, tempo diverso e complexo. (Lefebvre, 1986:411-412, grifo do autor)

O território, para os sujeitos hegemonzados, combina, de maneira equilibrada, funcionalidade e identidade. Bonnemaizon e Cambrèzy (1996) apud Haesbaert (2004) afirmam que, para esses indivíduos, “perder seu território é desaparecer”, ressaltando

que o território representa não apenas uma questão de função ou posse, mas também de existência. Essas dimensões do território muitas vezes aparecem entrelaçadas, sem uma lógica prévia para determinar qual delas é mais importante. De fato, é comum que formas mais profundas de apego às identidades territoriais se manifestem entre aqueles que possuem menos recursos materiais.

Haesbaert (2004) nos leva a refletir sobre territorialidade, trazendo como exemplo a "Terra Prometida" dos Judeus, como "algo abstrato", que existe e pode inserir-se como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território físico ao qual se refira não esteja concretamente manifestado. A rigidez na distinção entre território entendido como dominação material e território visto como apropriação simbólica muitas vezes resulta na negligência da complexidade e riqueza da "multiterritorialidade" que caracteriza nossa realidade (HAESBAERT, 2004).

A noção de territorialidade, conforme Robert Sack (2011, p. 76), é descrita como "um conjunto de ações e comportamentos empreendidos por parte de indivíduos ou grupos, na tentativa de afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, através do controle do território". Isso se aplica aos territórios negros, onde as práticas e ações dos grupos negros não apenas ocupam, mas também moldam e significam o espaço.

No âmbito das discussões sobre o conceito de território negro citamos Vieira (2021) que conceitua territórios negros como espaços que se concretizam através de práticas culturais e sociais, como rodas de samba, carnaval e saraus de poesia negra, que configuram e delimitam esses espaços, criando o que chamamos de territorialidades negras.

A abordagem do território negro é enriquecida pela perspectiva do protagonismo negro, que reconhece os negros como agentes ativos na formação e configuração de seus próprios territórios. Rolnik (2009, p. 2) enfatiza que a concepção do grupo negro como formador de territórios através de suas ações no espaço não só restitua o "lugar do negro" no espaço físico, mas também nas representações sociais. Esta perspectiva alinha-se com a visão de que, apesar das opressões e subjugações, os negros são agentes ativos na criação e afirmação de seus territórios.

Os territórios negros envolvem também a mobilidade e os encontros sociais dos negros em diferentes espaços urbanos e naturais. Esses territórios incluem tanto a

ocupação residencial quanto interacional, como os espaços de comércio, lazer e religião que a população negra frequenta e utiliza para sociabilidade e práticas culturais (PEDROSA, 2023, p. 48;69). Pedrosa (2023) traz o conceito de território negro relacional, conceito que enfoca a forma como diferentes grupos sociais, especialmente aqueles marginalizados como os negros, escravizados e libertos, utilizam e interpretam o espaço urbano de maneiras que refletem suas identidades, necessidades e estratégias de resistência. Essa abordagem permitiu a compreender como os negros em Vitória-ES, durante o período escravista, criavam e mantinham seus próprios espaços de pertencimento e resistência dentro da cidade, muitas vezes em contraste com as normas e estruturas dominantes impostas pelos brancos e pelas autoridades locais. Em vez de considerar o território apenas como uma área delimitada ou uma unidade administrativa, o conceito de território relacional enfatiza como as dinâmicas sociais, culturais e políticas moldam e são moldadas pelos espaços urbanos.

Para os fins desta pesquisa, adotaremos a concepção de território negro relacional proposto por Pedrosa (2023) que dialoga com os conceitos de território e territorialidade abordados por Milton Santos (2000) e Haesbaert (2004). Entendemos o território negro<sup>2</sup> como os diversos espaços ocupados pela população negra, variando em escalas e contextos, demarcados por limites que nem sempre são fixos, reconhecidos e caracterizados pela coletividade que os conforma. Incluem-se tanto os espaços que a população negra frequenta e utiliza para sociabilidade e práticas culturais quanto os monumentos e edificações que evocam simbolicamente a presença ou a memória negra.

---

<sup>2</sup> Não é objetivo desta pesquisa aprofundar nas discussões sobre o conceito de território, território negro e territorialidades, sendo assim sugerimos, baseado em NOGUEIRA (2018), os trabalhos a seguir para aprofundamento no tema: SOUZA, (2011) é fundamental para a discussão sobre a espacialidade e as relações de poder que moldam os territórios negros; ARAÚJO; MENESES; MAESO, (2010) discutem como o racismo é uma força estruturante da sociedade; BENEDITO (2013) crucial para entender os "marcadores culturais e simbólicos" que caracterizam os territórios negros; SODRÉ (1988) para compreender como o território é essencial na formação da identidade grupal e individual; ARRUTI (2016) ajuda a entender a construção da identidade coletiva no contexto dos territórios negros; SANTOS (2012) - Discute as expressões espaciais da segregação racial, que são relevantes para pensar nos marcadores dos territórios negros; LEITE (1990) fundamental para entender a complexidade dos espaços ocupados por grupos negros; RATTS (2004; 2012) oferece uma visão sobre os territórios negros como espaços "apropriados, marcados e qualificados" por grupos negros, focando na presença de códigos e símbolos compartilhados; Esses autores e suas pesquisas podem fornecer uma base sólida para entender as múltiplas dimensões do conceito de território negro, incluindo suas construções sociais, culturais e políticas. Eles abordam tanto a geografia quanto as dimensões simbólicas e identitárias que são cruciais para a definição e análise desses territórios.

## 4 A URBIS: VITÓRIA-ES

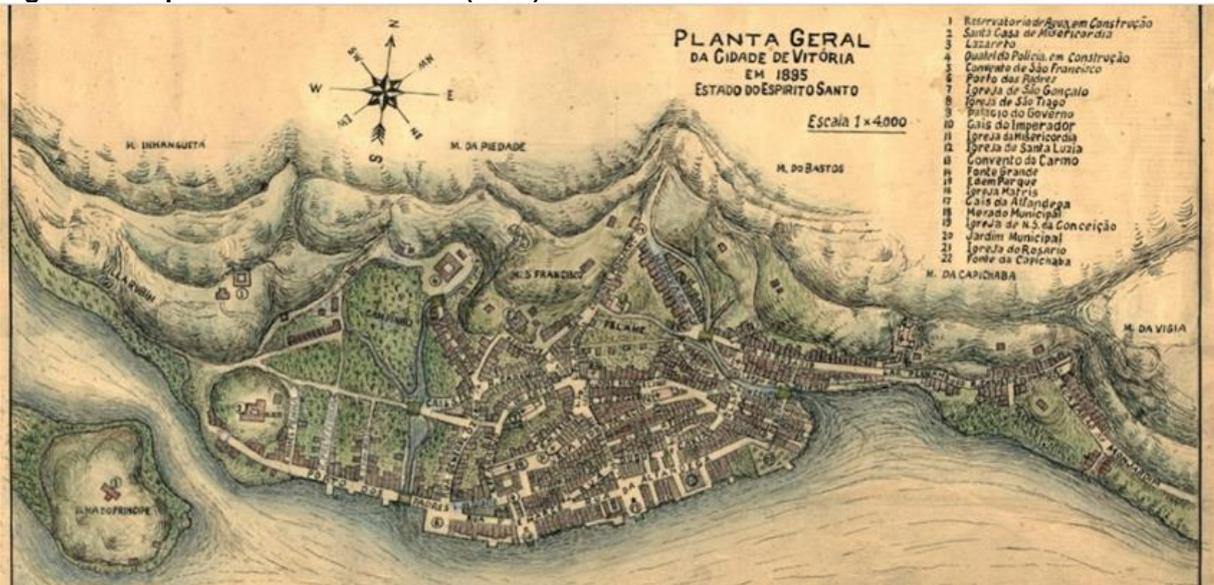
A cidade de Vitória, atual capital do Espírito Santo, era o principal núcleo urbano da Província do Espírito Santo, sendo a sede administrativa, com uma variada rede de serviços e ocupações burocráticas. Cercada por fazendas de cana, algodão, milho, etc., a cidade contava com diversos trabalhadores, sendo muitos deles escravizados, os quais exerciam as mais diversas funções (PEDROSA, 2023, p. 49).

A cidade de Vitória, iniciou sua expansão urbana no século XIX com aterros como o Do Largo da Conceição (atual Praça Costa Pereira), que permitiram o crescimento da cidade e a criação de novas áreas habitáveis e comerciais (ZIPPINOTTI, 2014).

Entre 1812 e 1819, foram realizados aterros nas regiões alagadas próximas ao núcleo central, abrindo possibilidade de ocupação de novas áreas na cidade. Tem início o aterro de parte do manguezal do Campinho (Atual Parque Moscoso), com intuito de fazer uma passagem para o centro da vila. Inicia-se, também, o aterro do Largo da Conceição (atual Praça Costa Pereira) possibilitando o aparecimento de novas ruas e residências que margeavam o sopé do Maciço Central, na região do Morro da Capixaba e do Morro do Vigia. Esses aterros foram concluídos nos anos de 1830 e 1860 (KLUG, 2009, p.22 apud Zippinotti, 2014, p. 58)

O núcleo populacional se desenvolveu e expandiu a partir da Cidade Alta em direção leste (Forte São João) e a oeste (Vila Rubim), ficando por muitos séculos compreendida em tais espaços limites, para depois, então, expandir-se para além desses marcos. Até o final do século XIX, a cidade ainda ficava entre a Lapa do Mangal (o aterro do Campinho – Parque Moscoso) e o Largo da Conceição (atual Praça Costa Pereira). Na verdade, essa delimitação se referia à área da cidade de fato (e densamente) habitada, pois o Forte São João existia, mas estava fora dos limites da urbis, e o Hospital da Misericórdia estava localizado na região do Campinho (LIMA, 1993). Na figura 1 apresenta-se a planta geral do núcleo urbano da cidade de Vitória no ano de 1895.

Figura 1 - Mapa da cidade de Vitória (1895)



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico do Exército – RJ. Nota: Autoria de André Carloni (FERREIRA, 2016, p. 96).

No período de 1908-1912 foram criados a Vila do Moscoso e o Parque Moscoso. Com as mudanças, na parte mais antiga da cidade, conhecida como Cidade Alta, ficaram os prédios religiosos e administrativos e, na parte “nova”, a parte baixa da cidade, ficou o comércio em geral. Depois do Forte São João, existiam algumas chácaras até chegar na Fazenda Monjardim. Além da Vila Moscoso, existia a Vila Rubim e ainda seguindo o contorno da ilha, para o lado de Santo Antônio, uma área residencial. A região mais densamente habitada compreendia a Vila Moscoso até um pouco além do Largo da Conceição (atual Praça Costa Pereira) (OLIVEIRA, 2005).

Segundo Diniz e Ribeiro (2015), o Projeto do Novo Arrabalde, desenvolvido durante o governo de Muniz Freire (1890-1896), tinha como objetivo expandir o núcleo urbano da cidade para áreas antes desabitadas. Esse projeto (figura 2) visava uma ocupação ordenada do espaço, criando um bairro para a elite urbana com lotes espaçosos e vias largas, que são hoje conhecidas como Praia do Canto. Para a habitação popular, estava prevista a construção da Vila Monjardim, um núcleo operário localizado em Jucutuquara, uma área mais próxima ao centro histórico e interiorizada. (PEDROSA, 2023, p. 114)

**Figura 2 - Projeto do Novo Arrabalde**



Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Nota: Identificação da ocupação original da cidade e os eixos de sua expansão com o Novo Arrabalde (FERREIRA, 2016, p. 156)

Nos anos de 1940-1950, Vitória continuou sua modernização com a construção da Avenida Beira Mar e a expansão de novos aterros (OLIVEIRA, 2002). Na figura 02 visualizamos o projeto de ampliação das áreas urbanas da cidade com a criação de um novo arrabalde para região que atualmente compreende a Enseada do Suá e Praia do Canto.

No início do século XX, a cidade se expandiu para áreas ao redor da Ilha de Vitória, formando novos arrabaldes como Santa Lúcia e Jardim da Penha, refletindo um período de crescimento acelerado (OLIVEIRA, 2002).

Na década de 1970, Vitória adotou um planejamento urbano mais rigoroso, semelhante ao que ocorreu no Rio de Janeiro com a expansão suburbana e melhorias na infraestrutura (SILVA, 2015). Durante as décadas de 1980 e 1990, Vitória focou na requalificação e expansão dos aterros, destacando a revitalização da Praia do Canto (OLIVEIRA, 2002; VARGAS, 2010). No século XXI, a cidade prioriza o desenvolvimento sustentável e a verticalização para enfrentar limitações de espaço e impactos ambientais (LIMA, 1993; VARGAS, 2010).

Nas imagens aéreas, figuras 3 e 4, observando os referenciais do Forte São João (a Leste) e a Vila Rubim (a oeste), pontos que delimitavam a cidade colonial, é possível perceber o processo de evolução e expansão urbana da cidade no período entre 1955 a 2023.

**Figura 3 - Vista aérea do centro histórico de Vitória-ES no ano de 1955**



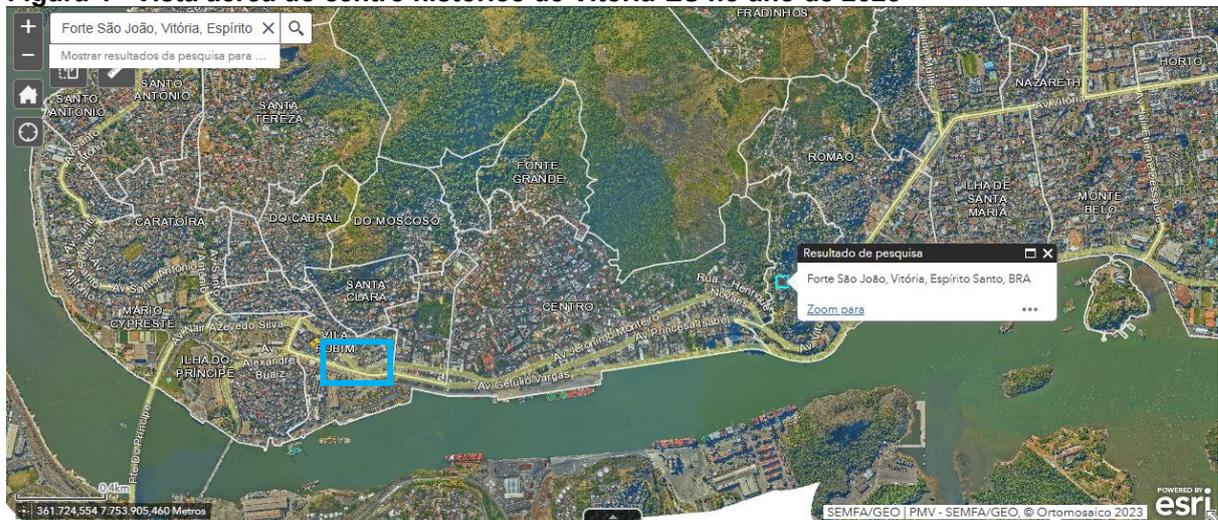
Fonte: Geowebvitoria

Disponível

em:

<<https://geowebvitoria.maps.arcgis.com/apps/webappviewer/index.html?id=c15700ebec4f4c7d85ee46474dc06fcb>>

**Figura 4 - Vista aérea do centro histórico de Vitória-ES no ano de 2023**



Fonte: Geowebvitoria

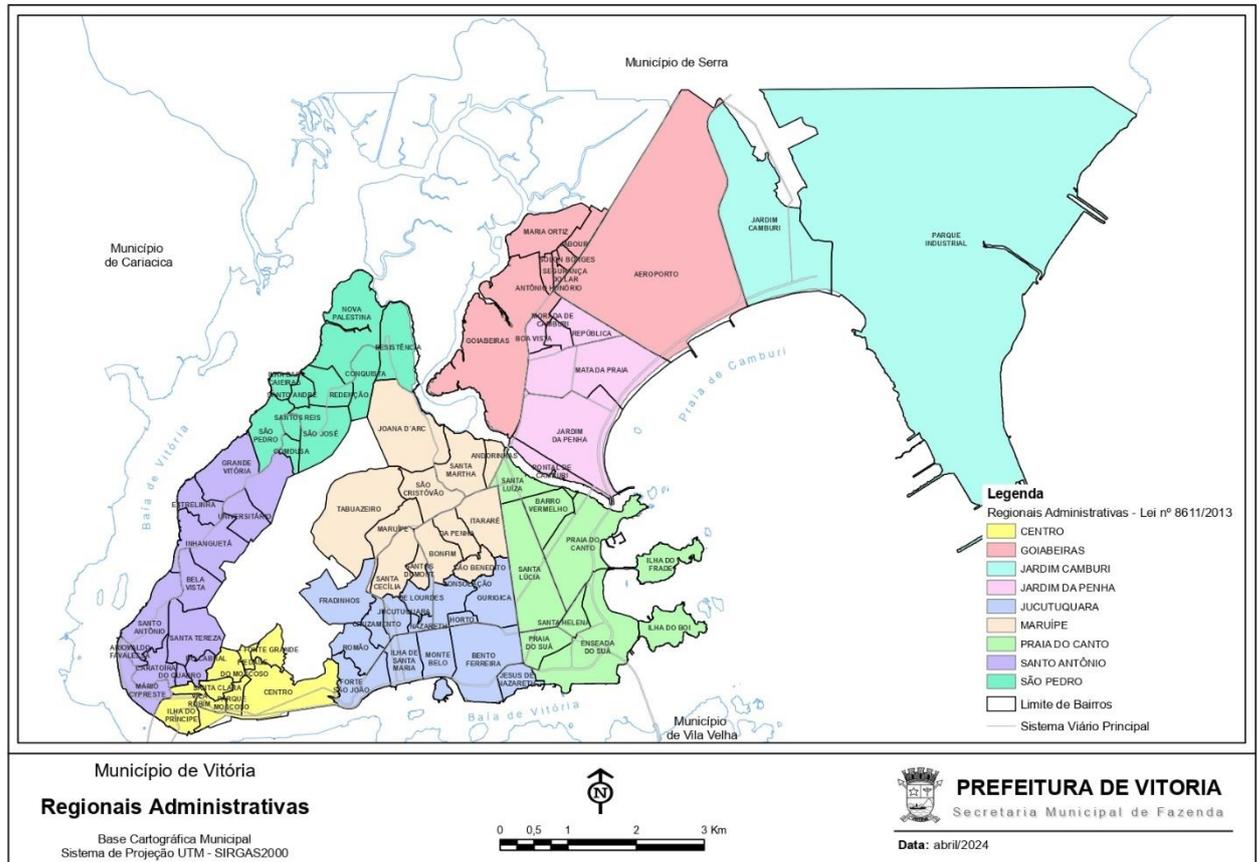
Disponível

em:

<<https://geowebvitoria.maps.arcgis.com/apps/webappviewer/index.html?id=c15700ebec4f4c7d85ee46474dc06fcb>>

A administração da Prefeitura Municipal de Vitória divide a cidade em nove regionais administrativas que abrigam os 80 bairros. Na figura 5 apresenta-se mapa com identificação das 9 regionais no ano de 2024.

**Figura 5 – Regionais/Regiões Administrativas de Vitória**



Fonte: Prefeitura Municipal de Vitória (2024)

Para aprofundamento sobre a evolução urbana da cidade de Vitória-ES recomendamos as seguintes pesquisas: Pinheiro, Larissa Franco de Mello Aquino: O Parque Moscoso como espaço memória da cidade de Vitória / Larissa Franco de Mello Aquino Pinheiro, Priscila de Souza Chisté Leite. – Vitória, ES: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, 2018; Vanderson Moreira Silva Alves. A produção do espaço urbano de Vitória–ES pela construção imobiliária entre o final do século XIX e meados do século XX / Vanderson Moreira Silva Alves. – 2015; Gilton Luis Ferreira. A reinvenção da cidade: a transformação das ruas e o reordenamento da vida na cidade de Vitória/ES–1890/1928, 2016; Marcos Cândido Mendonça. A modernização do atraso: os fundamentos da urbanização de Vitória-1889-1930. 2014; entre outros trabalhos. Vitória: transformações na ordem urbana: metrópoles: território, coesão social e governança democrática. / editores Pablo Lira, Adilson Pereira de Oliveira Júnior, Latussa Laranja Monteiro; coordenação Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital; Observatório das Metrópoles, 2014, entre outros

## 5 A POPULAÇÃO NEGRA NA CIDADE DE VITÓRIA-ES

Na tentativa de identificar os territórios negros na cidade se faz necessário observar a dinâmica populacional dos negros (africanos e afrodescendentes) no contexto da cidade. Desta forma neste capítulo recorreremos as estatísticas populacionais para tentar aproximações que favoreçam o entendimento da participação dessa população no contexto da população geral da cidade e, posteriormente, correlacionar sua espacialização e a espacialização dos territórios identificados.

Até a conclusão desta pesquisa, enfrentamos desafios significativos na obtenção de dados abrangentes e satisfatórios sobre a população negra na cidade de Vitória. Não conseguimos acessar informações que cobrissem de maneira consistente do período colonial até o ano de 2010. Entre março e setembro de 2024, realizamos pesquisas intensivas em sites de busca de trabalhos acadêmicos, site da Prefeitura Municipal de Vitória e no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para localizar dados relevantes. Contudo, enfrentamos dificuldades como a instabilidade no site do IBGE, que comprometeu o acesso a dados censitários específicos para Vitória, indisponibilidade de dados no site da Prefeitura Municipal de Vitória. Esses obstáculos evidenciam a necessidade de explorar métodos alternativos de coleta e análise de dados, como fontes históricas e registros administrativos, para obter uma visão mais completa da demografia da população negra em Vitória ao longo dos séculos.

Nesta pesquisa consideramos negro o conjunto formado por pretos e pardos, em suas diversas variações de características fenotípicas. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE), no Brasil, negro é quem se autodeclara preto ou pardo, pois a população negra é o somatório de pretos e pardos, pessoas de ancestralidade africana, desde que assim se identifique. De acordo com Leite (1991, p. 41) apud Vieira (2017) “a população de origem africana, ainda que bastante miscigenada, tem permanecido como categoria distinguível”.

### 5.1. PERÍODO COLONIAL

A data de 1621 é considerada por Maciel (2016) como inicial para a vinda direta de africanos para o Estado do Espírito Santo, direcionados, principalmente, ao trabalho nos plantios de cana-de-açúcar. No Espírito Santo, requer atenção especial a

participação dos escravizados no conjunto demográfico da capital e principal praça mercantil até meados do século XIX, Vitória. No ano de 1790 cerca de 67,79% da população residente na Vila de Vitória era formada por negros escravizados, conforme o levantamento feito pelo Capitão-Mor Monjardino (RIBEIRO, 2012, p. 45). No ano de 1827 há significativa redução no percentual de escravizados no contexto da população total da cidade onde aproximadamente 34% da população era composta de sujeitos escravizados (ver tabela 1). A redução significativa no percentual de escravizados na população total em 1827 pode ser explicada por uma combinação de fatores legais e pressões internacionais, já que a partir da década de 1820 começou a evidenciar mudanças nas atitudes em relação à escravidão com a pressão internacional, especialmente da Grã-Bretanha, que intensificou seus esforços para abolir a escravidão e pressionou o Brasil a seguir esse caminho, exercendo influência sobre as políticas brasileira.

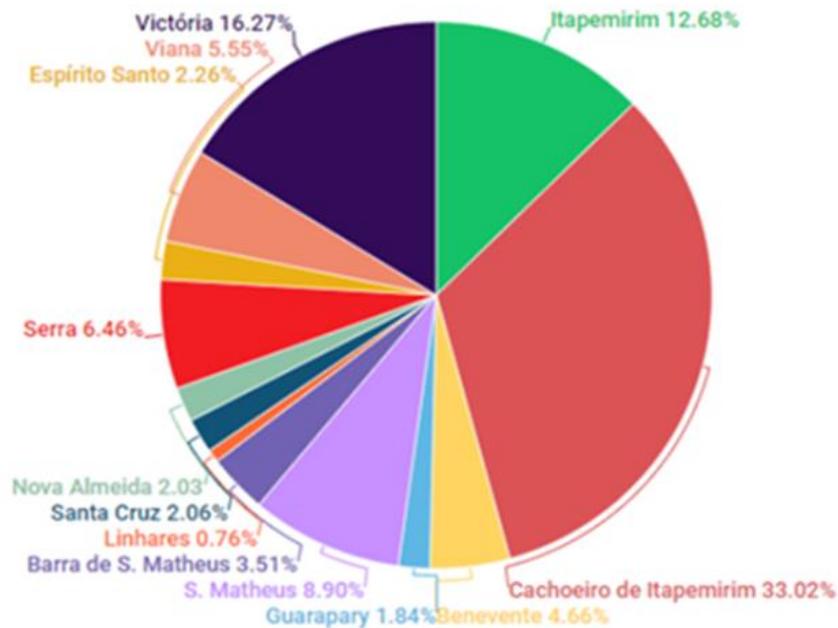
**Tabela 1 - População do Espírito Santo (1827)**

Freguesias	Livres		Escravos		Total	Fogos
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres		
Vitória	3.872	4.508	2.164	2.160	12.704	2.600
Itapemirim <sup>88</sup>	382	415	567	471	1.835	229
Beneventes	855	1063	319	270	2.507	491
Guarapari	629	857	407	545	2.438	377
Espírito Santo	554	578	541	447	2.120	342
Viana	254	251	52	28	585	106
Serra	701	744	943	625	3.013	428
Almeida	1.736	1.717	166	170	3.789	475
Linhares	281	215	30	16	542	88
São Mateus	1.654	1.565*	1.561	1.466	6.346	547
<b>Total</b>	<b>10.918</b>	<b>11.913</b>	<b>6.750</b>	<b>6.198</b>	<b>35.879</b>	<b>5.683</b>

Fonte: (RIBEIRO, 2012, p. 48)

Em 1872 apesar de ser o segundo município mais populoso, era em Vitória que se concentrava a maior população livre, deixando Cachoeiro de Itapemirim em segundo lugar nessa questão, tendo Cachoeiro a maior quantidade de habitantes e escravizados, conforme gráfico da figura 6 (PEDROSA, 2023, p. 47).

**Figura 6 - Concentração da população cativa (%) na província do Espírito Santo em 1872**



Fonte: JESUS (2009) adaptado por PEDROSA, 2023, p. 47 – dados censo do IBGE 1872.

No período colonial, de acordo com Pedrosa (2023), para além das senzalas os negos estabeleciam residência em áreas periféricas a Cidade Alta, considerada área nobre da cidade à época. Os dois locais estão indicados na figura 7: **a)** Rua do Piolho (Atual Rua 13 de maio) - local para a busca de serviços prestados por negros e local de moradia de pessoas negras. **b)** Largo da Conceição - Prainha (antigo “Reguinho” e atual Praça Costa Pereira) - local de moradia e espaço em que se localizava a capela Nossa Senhora da Conceição da Prainha, que era reconhecida por ser uma edificação religiosa voltada para os pescadores (grupo formado por também por pescadores negros, tanto escravizados quanto ex-escravizados).

Figura 7 - Rua do Piolho (Atual Rua 13 de Maio) e Largo da Conceição – Prainha (atual Praça Costa Pereira)



Fonte: Extraído e adaptado de Pedrosa (2023), p. 113

Após abolição em 1888 muitos dos negros da região de Vitória continuaram trabalhando nas obras públicas, como soldados na polícia militar e nas atividades portuárias pesadas, como pequenos artesãos, pescadores, nos serviços domésticos etc., quase sempre, desqualificadas e mal remuneradas, entretanto boa parte dos libertos não conseguiram uma ocupação com rendimento financeiro. A falta de trabalho impossibilitou e renda empurrou grande número de negros para as periferias das cidades e, assim, muitos foram tentar sobreviver morando nos morros, mangues, palafitas, lixões etc., (MACIEL, 2016). A população liberta de Vitoria se estabelece nas áreas periféricas da cidade, tais como o Morro da Capichaba, Morro da Piedade, Vila Rubim, etc., uma vez que, de acordo com Diniz e Ribeiro (2015), na capital do Espírito Santo a formação de cortiços na região central foi tímida. No século XX com os processos de urbanização pautados pelo pensamento higienista/sanitarista é possível ainda inferir que o planejamento urbano também impactou na distribuição dos cidadãos em setores periféricos específicos da cidade, conforme aponta Diniz e Ribeiro (2018)

As políticas higienistas na cidade de Vitória começaram no governo de Muniz Freire (1890-1896), sob o Projeto do Novo Arrabalde (1896), que previa a expansão do antigo núcleo urbano da cidade. A esse respeito, explanam Diniz e Ribeiro (2015): O projeto que estendia a cidade a áreas antes desabitadas, ordenando uma ocupação de espaço de forma racional e criando um bairro destinado a elite urbana, voltado para os ares salubres da praia, com lotes espaçosos e vias largas que ainda hoje são referência da Praia do Canto (nome atual da região). No que tange à habitação popular previa a construção da Vila Monjardim (núcleo operário) em Jucutuquara, uma região mais próxima do centro histórico e mais interiorizada.” (DINIZ e RIBEIRO, 2015, p. 2 apud PEDROSA 2023, p. 114)

Os problemas urbanos e de moradia no Brasil têm suas raízes na Lei de Terras de 1850, que impôs restrições ao acesso à terra para a população de baixa renda, especialmente a população negra que foi lançada a própria sorte após o fim do período da escravidão. A lei, além de criar valor para o solo rural, também o fez para o solo urbano, estabelecendo pela primeira vez a distinção entre solo público e privado. No final do século XIX e início do século XX, reformas visaram embelezar as cidades e ocultar a pobreza através de regulamentações urbanísticas e da expansão do mercado imobiliário, enquanto a população de baixa renda era deslocada para periferias. Na década de 1930, a industrialização e urbanização aceleradas, impulsionadas pela crise econômica e pela Revolução de Getúlio Vargas, contribuíram para um crescimento urbano desigual e segregado (NEGRI, 2008).

O crescimento urbano no Brasil ocorreu por meio da exclusão social e da segregação socioespacial, especialmente com o surgimento do trabalhador livre para as indústrias, o que intensificou os problemas de habitação e segregação residencial. O processo de periferização e divisão social do espaço urbano é um fenômeno em que a segregação socioespacial atua não apenas como um fator de divisão de classes, mas também como um instrumento de controle. Morar em áreas periféricas implica oportunidades desiguais e limitações na mobilidade social e econômica (NEGRI, 2008).

## 5.2. DÉCADA DE 2010

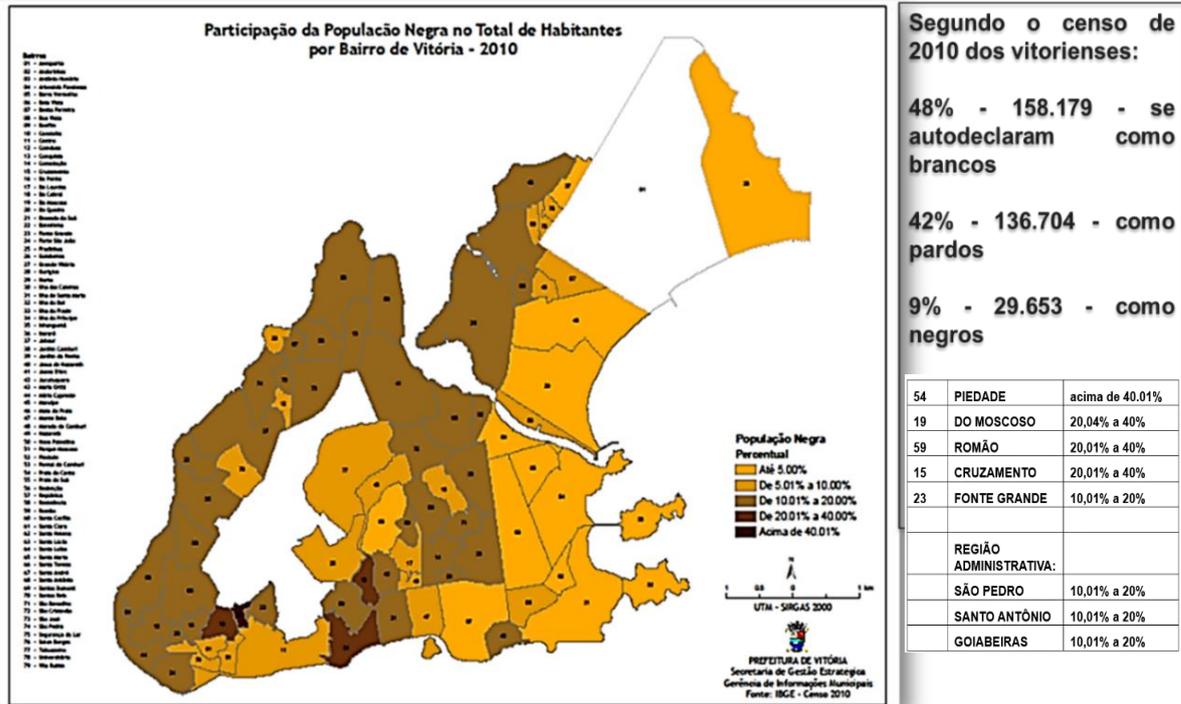
Segundo dados fornecidos pela Gerência de Informações da Prefeitura Municipal de Vitória e extraídos do censo realizado em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Vitória, no Espírito Santo, possuía uma população de 359.555 habitantes, sendo que destes 166.357 se declararam negros e pardos.

Na Figura 8 observamos a distribuição da população negra pelos bairros de cidade no ano de 2010. A distribuição da população negra na cidade de Vitória-ES, assim como em outros centros urbanos, vincula-se fortemente ao contexto de racismo, exclusão social e reformas urbanas. Residir em morros ou áreas periféricas não foi uma escolha para os negros, mas imposição das conjunturas sociais e dinâmicas socioespaciais.

Analisando a figura 8 observamos que no bairro da Piedade, mais de 40% da população se declara negra. Na região administrativa de São Pedro e Santo Antônio, com exceção dos bairros Ilha das Caieiras, Santos Reis e Universitário, e na região administrativa de Goiabeiras, exceto nos bairros Aeroporto, Solon Borges e Jabour, a população negra varia de 20,01% a 40%. Em contraste, nas regiões dos bairros da população de maior poder econômico, como Jardim Camburi, Mata da Praia, Jardim da Penha, Barro Vermelho, Santa Lúcia, Praia do Canto, Ilha do Boi, Ilha do Frade e Enseada do Suá, a presença de população negra é inferior a 5%. A concentração significativa da população negra em áreas como o bairro da Piedade e nas regiões administrativas de São Pedro, Santo Antônio, Goiabeiras e Grande Maruípe, em contraste com sua escassez em bairros de maior poder econômico, sublinha a persistência de desigualdades espaciais marcada pelo racismo, causando dificuldades socioeconômicas e desigualdades estruturais.

A análise da distribuição populacional em diferentes bairros da cidade revela um panorama contundente sobre a desigualdade racial e econômica. O racismo se manifesta não apenas nas relações interpessoais, mas também nas oportunidades econômicas e no acesso a recursos e serviços de qualidade. Isso demonstra que é crucial que políticas públicas e iniciativas sociais abordem de forma abrangente e sistemática a desigualdade racial e econômica, visando promover uma redistribuição justa de renda e condições de acesso a serviços. Apesar de representarem mais de 50% da população de Vitória, os negros e pardos continuam a residir predominantemente em bairros com menor valorização econômica.

Figura 8 – Participação da população negra no total de habitantes por bairro de Vitória - 2010



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social de Vitória Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (setades.es.gov.br)

A breve análise histórica, demográfica e dos processos de expansão urbana da cidade de Vitória, ES, revelam um padrão persistente de segregação e exclusão da população negra que se estende desde o período colonial até os dias atuais. A partir de 1621, com a chegada dos africanos para trabalhar, até o presente momento, a população negra em Vitória tem enfrentado uma trajetória marcada por dificuldades socioeconômicas e desigualdades estruturais.

Diante desse panorama, no próximo capítulo, nos dedicaremos à identificação e mapeamento dos territórios negros na cidade de Vitória-ES na atualidade. O mapeamento será importante para reflexões sobre a distribuição espacial dos territórios, dar visibilidade aos territórios e servir como uma ferramenta pedagógica para fomentar a conscientização e o debate sobre a importância da equidade e da inclusão social, enriquecendo a formação dos estudantes.

## 6 TERRITÓRIO NEGROS NA CIDADE DE VITÓRIA (ES)

No espaço geográfico cristalizam-se momentos anteriores que mediante as relações sociais do presente possibilita o encontro entre passado, presente e futuro (SANTOS, 1994, p. 122). As sobras materiais são denominadas por Milton Santos de rugosidades, uma metáfora de inspiração geomorfológica. São objetos do passado que permanecem e servem ao presente; existiram como significado e se comportam como um traço de união com os novos significados da vida social (CAMPOS, 2008). Na Geografia o tempo deve ser percebido pelas coexistências e simultaneidades, diferente do chamado tempo histórico, que é o tempo entendido como sucessão:

“[...] ... não há nenhum espaço em que o uso do tempo seja o mesmo para todos os homens. Pensamos que a simultaneidade dos diversos tempos sobre um pedaço da crosta da Terra é que seja o domínio propriamente dito da Geografia.” (SANTOS, 1994, p.164).

A contextualização da história e da configuração urbana de Vitória-ES revela um panorama complexo e multifacetado da presença negra na cidade. Desde o período colonial até as transformações urbanas mais recentes a trajetória dos negros é marcada por resistência, adaptação e resiliência cultural. A escravidão e o racismo estrutural não só moldaram a configuração física e social da cidade, mas também deixaram marcas profundas na memória coletiva e na paisagem urbana.

Neste capítulo apresentaremos os territórios identificados, por meio de pesquisa documental, e o mapeamento será realizado com o apoio do Google Earth, uma ferramenta geoespacial que oferece recursos avançados para análise e visualização de dados. Ao combinar a pesquisa documental com Google Earth buscamos proporcionar um mapeamento atualizado dos territórios negros na cidade de Vitória-ES.

No contexto da pesquisa documental realizada, foram identificados diversos territórios que refletem a rica variedade histórica, cultural e social da região em estudo. Esses locais abrangem manifestações artísticas, instituições educativas e monumentos de grande relevância para a memória e a identidade negra na cidade. Destaca-se o papel fundamental das bandas de Congo, escolas de samba, blocos carnavalescos, que são essenciais para a celebração do carnaval e a representação das tradições festivas da cidade. Monumentos como Dona Dominga, Guerreiro Zulu à Memória Negra, Quebra

dos Grilhões, o Píer de Iemanjá e o Museu Capixaba do Negro servem como testemunhos tangíveis do legado e das contribuições da população negra na história local. O Sambódromo Walmor Miranda (conhecido como Sambão do Povo), o Mercado Municipal da Vila Rubim, a Igreja São Gonçalo e a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, assim como as praças e parques, são locais de encontro e celebração das tradições. Locais como a Escadaria Maria Ortiz (anteriormente conhecida como Ladeira do Pelourinho) e a Rua Treze de Maio (anteriormente denominada Rua do Piolho) evidenciam a importância histórica desses espaços na memória coletiva da cidade. Esses territórios não apenas celebram a herança afro-brasileira, mas também atuam como centros de resistência e afirmação da identidade em Vitória. É fundamental ressaltar que a procissão de São Benedito, os eventos de hip-hop, as rodas de capoeira, os desfiles das escolas de samba e os desfiles dos blocos de rua carnavalescos são aqui entendidos como territórios negros, dado seu impacto na transformação do ambiente urbano. Embora essas transformações sejam temporárias e não promovam mudanças duradouras no uso ou na posse dos espaços físicos, a cidade vivencia uma reconfiguração espacial que possibilita a manifestação visível e expressiva da cultura negra, evidenciando sua influência no cenário urbano de Vitória.

Estamos conscientes que existam na cidade outros territórios negros (coletivos, associações civis, espaços culturais, institutos, etc.) que em suas especificidades atuam na resistência, cultura, apoio emocional, social e psicossocial a população negra, entretanto dentro desta pesquisa não foi possível contemplar todos, pois não pretendemos esgotar o tema e, também, por fontes documentais deixarem lacunas, sendo necessário um trabalho de campo mais aprofundado e detalhado para ampliar a identificação e mapeamento.

## 6.1. TERRITÓRIOS NEGROS IDENTIFICADOS

A seguir apresentaremos os territórios identificados e as informações inerentes a cada um, de forma sintética, com intuito de não tornar por demais extenso este capítulo, uma vez que todas as informações e aspectos mais aprofundados podem ser encontradas nos documentos de referência e sites eletrônicos.

Tabela 2 – Territórios Negros na Cidade de Vitória-ES (2024)

TERRITÓRIO	REGIONAL/REGIÃO ADMINISTRATIVA
HIP-HOP - STREET CAIEIRAS	São Pedro
CAPOEIRA - GRUPO RENASCER	São Pedro
BLOCO CARNAVALESCO – PINDURÁÍ	São Pedro
BLOCO CARNAVALESCO - DA PELADA	São Pedro
BLOCO CARNAVALESCO - SEIS A UM	São Pedro
BLOCO CARNAVALESCO - EU QUERO ELA	São Pedro
SAMBÓDROMO WALMOR MIRANDA - SAMBÃO DO POVO	Santo Antônio
ESCOLA DE SAMBA - NOVO IMPÉRIO	Santo Antônio
ESCOLA DE SAMBA - CHEGA MAIS	Santo Antônio
QUEBRA DOS GRILHÕES - MEMORIAL CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO	Santo Antônio
NÚCLEO AFRO ODOMODÊ	Santo Antônio
HIP-HOP - COLETIVO TERRITÓRIO CULTURAL	Santo Antônio
BLOCO CARNAVALESCO - BLOCO DA 10	Santo Antônio
BLOCO CARNAVALESCO - BK FOLIA	Santo Antônio
MERCADO MUNICIPAL DA VILA RUBIM	Centro
PARQUE MOSCOSO	Centro
MUSEU CAPIXABA DO NEGRO – MUCANE	Centro
MONUMENTO ESTÁTUA DE DONA DOMINGA	Centro
IGREJA SÃO GONÇALO	Centro
LADEIRA DO PELOURINHO - ATUAL ESCADARIA MARIA ORTIZ	Centro
PRAÇA COSTA PEREIRA	Centro
RUA TREZE DE MAIO - ANTIGA RUA DO PIOLHO	Centro
BAR DA ZILDA	Centro
ESCOLA DE SAMBA - UNIDOS DA PIEDADE	Centro
BANDA DE CONGO VIRA MUNDO	Centro
QUINTAL BANTU – FONTE GRANDE	Centro
IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS	Centro
CHAFARIZ DA CAPIXABA - CHAFARIZ DA ESPLANADA	Centro
HIP-HOP - BATALHA N9V	Centro
PROCISSÃO SÃO BENEDITO	Centro
HIP-HOP - CIRCUITO MAR DE MONSTROS - CMDM	Centro
BLOCO CARNAVALESCO - PROJETO SUBÚRBIO	Centro
BLOCO CARNAVALESCO -	Centro
BLOCO CARNAVALESCO - REGIONAL DA NAIR	Centro
BLOCO CARNAVALESCO - PUTA BLOCO	Centro
BLOCO CARNAVALESCO - MALUCO BELEZA	Centro
BLOCO CARNAVALESCO - BATUQUEDELLAS	Centro
BLOCO CARNAVALESCO - VAI QUE GAMA	Centro
BLOCO CARNAVALESCO - COISAS DE NEGRES	Centro

<b>TERRITÓRIO</b>	<b>REGIONAL/REGIÃO ADMINISTRATIVA</b>
<b>BLOCO CARNAVALESCO - AMIGOS DA ONÇA</b>	Centro
<b>BLOCO CARNAVALESCO - GALINHA PRETA</b>	Centro
<b>CAPOEIRA - GRUPO CAPOEIRA BESOURO DO ES</b>	Centro
<b>CAPOEIRA - GRUPO DE CAPOEIRA CATIVEIRO</b>	Centro
<b>ESCOLA DE SAMBA - IMPERATRIZ DO FORTE</b>	Jucutuquara
<b>ESCOLA DE SAMBA - UNIDOS DE JUCUTUQUARA</b>	Jucutuquara
<b>ESCOLA DE SAMBA - PEGA NO SAMBA</b>	Jucutuquara
<b>BLOCO CARNAVALESCO - BLOCO DA PELADA</b>	Jucutuquara
<b>BLOCO CARNAVALESCO - G.R.B.C TRADIÇÃO DA ILHA</b>	Jucutuquara
<b>ESCOLA DE SAMBA - INDEPENDENTE DE EUCALIPTO</b>	Maruípe
<b>ESCOLA DE SAMBA - UNIDOS DE BARREIROS</b>	Maruípe
<b>ESCOLA DE SAMBA - ANDARAÍ</b>	Maruípe
<b>BANDA DE CONGO AMORES DA LUA</b>	Maruípe
<b>BAIRRO SÃO BENEDITO – ROTA DE TURISMO DE SÃO BENEDITO</b>	Maruípe
<b>HIP-HOP - BATALHA DO ESTACIONAMENTO - BTE</b>	Maruípe
<b>HIP-HOP - BATALHA DO CORETO</b>	Maruípe
<b>BLOCO CARNAVALESCO - GURIGIÇÃO</b>	Maruípe
<b>BLOCO CARNAVALESCO - AMIGOS DO ITARARÉ</b>	Maruípe
<b>ESCOLA DE SAMBA - CHEGOU O QUE FALTAVA</b>	Goiabeiras
<b>BANDA DE CONGO PANELA DE BARRO</b>	Goiabeiras
<b>ASSOCIAÇÃO DAS PANELEIRAS DE GOIABEIRAS</b>	Goiabeiras
<b>CAPOEIRA - GRUPO BERIBAZU – NÚCLEO MESTRA SABRINA</b>	Goiabeiras
<b>BLOCO CARNAVALESCO - PIRANHAS DO BAIRRO JABOUR</b>	Goiabeiras
<b>BLOCO CARNAVALESCO - BLOCO DE GOIABEIRAS</b>	Goiabeiras
<b>HIP-HOP - BATALHA DO ATLÂNTICA - ATL</b>	Jardim Camburi
<b>BLOCO CARNAVALESCO - BEER BACON ROCK IN ROLL</b>	Jardim Camburi
<b>BLOCO CARNAVALESCO - TE PEGO LÁ FORA</b>	Jardim Camburi
<b>BLOCO CARNAVALESCO - KUSTELÃO</b>	Jardim Camburi
<b>CAPOEIRA - GRUPO BARRAVENTO VOLTA AO MUNDO</b>	Jardim da Penha
<b>BLOCO CARNAVALESCO – ANTIMOFOLIA</b>	Jardim da Penha
<b>BLOCO CARNAVALESCO - TÔ BABY</b>	Jardim da Penha
<b>MONUMENTO PIER DE IEMANJÁ - ESTÁTUA DE IEMANJÁ</b>	Jardim da Penha
<b>HIP-HOP - SOUL DA RIMA</b>	Jardim da Penha
<b>GUERREIRO ZULU - MONUMENTO À COMUNIDADE NEGRA CAPIXABA</b>	Praia do Canto
<b>ESCOLA DE SAMBA - MOCIDADE DA PRAIA</b>	Praia do Canto
<b>CAPOEIRA - GRUPO SAPEBA</b>	Praia do Canto

### **6.1.1. Museu Capixaba do Negro – MUCANE**

O Mucane, localizado a Av. República, 121 – Centro – Vitória – ES, é um espaço que sintetiza lutas sociais e coletivas, refletindo o trabalho de pessoas politicamente engajadas e estimulando um fluxo contínuo de ações relacionadas. O museu teve sua origem a partir do protagonismo de Verônica da Pas, uma mulher negra fundamental para sua criação. O prédio que abriga o museu, construído em 1912 por Francisco Schwab, é um dos remanescentes da arquitetura eclética do início do século XX e representa a modernização da cidade de Vitória. O espaço foi inicialmente utilizado para diversos serviços, incluindo correio e estatística, antes de se transformar no Mucane em 13 de maio de 1993, durante a gestão do Governador Albuíno Azeredo, o primeiro governador negro do Brasil. Idealizado por Maria Verônica da Pas<sup>3</sup>, com a proposta de refletir sobre a presença negra na sociedade, o museu inicialmente deveria ser instalado na Igreja Nossa Senhora do Rosário São Benedito dos Homens Preto, no entanto, a proposta foi rejeitada, e o governo estadual cedeu o prédio atual. Após anos de reivindicações, a reforma do edifício começou em 2009, e o Mucane se firmou como um importante centro de promoção da cultura afro-brasileira, oferecendo exposições e atividades culturais que fortalecem sua função como agente de resistência e conhecimento histórico (MORAIS, 2018).

A relevância do Museu Capixaba do Negro (Mucane) para a cidade de Vitória e, especialmente, para a população negra é significativa e abrangente. Desde sua inauguração em 1993, o Mucane se consolidou como um símbolo de resistência e valorização da cultura afro-brasileira, destacando-se em um contexto urbano que historicamente careceu de reconhecimento para as contribuições da população negra. Sugerimos a Revista Mucane, ano 2012, para acesso por meio do endereço eletrônico <[https://issuu.com/elimuinstituto/docs/revista\\_14maio2012\\_baixa/2?f](https://issuu.com/elimuinstituto/docs/revista_14maio2012_baixa/2?f)>, para aprofundamento sobre o Museu Capixaba do Negro. O site foi acessado em 08/2024 e a publicação nesta data encontra-se acessível.

---

<sup>3</sup> Maria Verônica Pas foi uma médica psiquiatra e ativista antirracista, reconhecida como precursora do feminismo negro no Espírito Santo. Desempenhou um papel fundamental como mentora e idealizadora do MUCANE, buscando ampliar sua visibilidade para além do Movimento Negro e do público habitual do espaço. Formou-se em medicina pela Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM) e especializou-se em psiquiatria. Além de sua militância no Movimento Negro, Maria Verônica foi uma figura central no movimento de mulheres negras no estado, atuando em diversas frentes da luta feminina e coordenando o museu até seu falecimento em 1996 (SOUZA & SANTOS, 2022)

### **6.1.2. Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos**

A Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, localizada a ruado Rosário, 135 - platô do morro Pernambuco, Centro, Vitória – ES, atualmente conhecida como Igreja do Rosário, foi construída no ano de 1765, e tomada pelo Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, em julho de 1946. A Igreja possui uma trajetória significativa desde sua construção no século XVIII. A Irmandade responsável pela igreja recebeu o terreno em 1765 e iniciou a construção, que foi realizada com o trabalho de escravizados e negros libertos. A igreja apresenta características típicas do período colonial, sendo implantada em área elevada e distante do núcleo urbano da época. As expansões ao longo dos séculos incluíram a adição de uma torre sineira e a ampliação da capela e sacristia, refletindo o crescimento da devoção local. A igreja também desempenhou um papel social importante, com arrecadação de fundos, por meio de realização de leilões, para compra de alforria de escravizados. Oferecia sepultamento para os negros, em um contexto de exclusão dos negros dos cemitérios públicos (PEDROSA, 2023).

### **6.1.3. Igreja de São Gonçalo**

A Igreja de São Gonçalo, localizada a Rua Cosme Rolim, 56 - Centro, Vitória – ES, tem fundação em 1707. Inicialmente era uma pequena capela erigida pelas irmandades de Nossa Senhora do Amparo e Nossa Senhora da Boa Morte. A construção de uma nova e maior igreja, consagrada a São Gonçalo Garcia em 1776, substituiu a capela original. Diferencia-se das demais igrejas da época por sua localização e estrutura, serviu principalmente à comunidade parda livre e escravizada (PEDROSA, 2023). A relação entre a construção da igreja e a classificação social da época, destaca como a presença de pardos influenciou a localização e o prestígio da edificação religiosa. Devido à sua relevância histórica e arquitetônica, o templo foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1948.

### **6.1.4. Rua Treze de maio, antiga Rua do Piolho**

A rua Treze de Maio passou por diversas transformações ao longo do tempo, desde quando era inundada pelo mar e servia como local para a construção do Forte São Diogo, até sua reconfiguração como Rua 13 de Maio no final do século XIX. A Rua

Treze de maio, antiga Rua do Piolho, situada entre a Igreja Matriz e a Igreja Nossa Senhora da Conceição, foi historicamente associada à moradia de pessoas negras, incluindo escravizados e forros, e também ao lazer devido, à presença da Irmandade do Rosário, que tinha sua banda de música ensaiando no local. O espaço, era caracterizado por sua insalubridade e sua proximidade com a Igreja do Rosário. A mudança de nome para Rua 13 de Maio em 1888 reflete uma possibilidade de tentativa de reconfiguração da memória e identidade local, embora o exato motivo para a mudança de nome não seja totalmente claro. A Rua do Piolho servia como um território de moradia, interação e construção identitária para seus habitantes (PEDROSA, 2023).

#### **6.1.5. Ladeira do Pelourinho atual Escadaria Maria Ortiz**

A Escadaria Maria Ortiz, representa um marco histórico e cultural significativo para a cidade, destacando a interação complexa entre memória histórica e toponímia<sup>4</sup>. Originalmente conhecida como Ladeira do Pelourinho, a via recebeu este nome devido à localização do pelourinho, um símbolo de opressão e castigo para os escravizados durante o período escravocrata. A nova nomenclatura reflete a tentativa de invisibilização da história associada à escravidão na cidade, um fenômeno comum em sociedades que buscam reescrever ou ocultar aspectos dolorosos de seu passado. A Escadaria serve como um poderoso lembrete da complexa dinâmica entre o reconhecimento histórico e o apagamento de memórias, refletindo a luta contínua para manter viva a herança cultural e as narrativas de resistência (PEDROSA, 2023). Em 1899, a Ladeira do Pelourinho foi renomeada para Ladeira Maria Ortiz, em homenagem a uma figura heroica da história capixaba. Maria Ortiz ganhou destaque por sua valentia durante a tentativa de invasão da ilha de Vitória por corsários holandeses em 1625. No evento, Ortiz defendeu a cidade com coragem notável,

---

<sup>4</sup> Os nomes de lugares podem ser vistos como "testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados em diversos momentos da vida de uma população" (DICK, 1990, p.22 apud NASCIMENTO, ANDRADE, PEREIRA, 2018, p. 1005). Nesse contexto, o estudo linguístico dos topônimos se revela como uma atividade multifacetada, que pode contribuir para o entendimento do "significado e da motivação do nome do lugar", levando em conta as relações linguísticas, sociais e culturais entre o universo pesquisado e o topônimo em si (PEREIRA, 2009 apud NASCIMENTO, ANDRADE, PEREIRA, 2018, p. 1005). Além disso, a análise do ato de nomeação de lugares reflete o "pensamento, valores pessoais e sociais do homem enquanto ser social em diferentes sociedades ao longo da história" (ISQUERDO; KRIEGER, 2004 apud NASCIMENTO, ANDRADE, PEREIRA, 2018, p. 1005).

lançando água fervente e incendiando equipamentos bélicos dos invasores, o que contribuiu significativamente para a resistência local e a expulsão dos agressores. O reconhecimento da bravura de Maria Ortiz levou à transformação da ladeira em Escadaria Maria Ortiz em 1924, projeto do engenheiro Henrique Novaes (PMV – SEMC, 2024). A escadaria preserva a memória de Maria Ortiz e apaga as memórias da escravidão do povo negro na cidade de Vitória-ES.

#### **6.1.6. Chafariz da Capichaba**

O chafariz da Espanada Capichaba (Chafariz da Esplanada), está localizado a rua Barão de Monjardim - Centro, Vitória – ES, foi o primeiro chafariz construído na cidade de Vitória no ano de 1828. No final do século XIX e início do século XX, em Vitória, o abastecimento de água era realizado através de chafarizes e carroças que transportavam água em barris. Os habitantes que precisavam de água enfrentavam filas, utilizando baldes, panelas, talhas ou latas, e durante períodos de estiagem, buscavam água no Rio Marinho usando canoas. Havia cinco chafarizes na cidade, localizados na Fonte Grande, Capichaba, Lapa, Ladeira do Chafariz e São Francisco, cujas águas eram canalizadas a partir de fontes situadas na encosta ao redor da baía de Vitória. Além de sua função pública, os chafarizes também eram considerados monumentos artísticos e arquitetônicos (CAUS, 2012).

De acordo com Pedrosa (2023), em Vitória, alguns serviços contribuía para uma maior mobilidade urbana e, conseqüentemente, para uma ampliação da sociabilidade entre negros escravizados e ex-escravizados. Ao desempenharem suas funções nas ruas, destacando-se os serviços realizados por lavadeiras e o abastecimento de água das residências senhoriais, esses indivíduos tinham a oportunidade de interagir socialmente com seus pares, uma vez que a sua presença nos espaços públicos reduzia a vigilância direta dos senhores, no entanto, essa situação não garantia liberdade plena, pois o Estado também exercia papel de controle, monitorando os movimentos dos cativos. Os chafarizes espalhados pela cidade funcionavam como pontos de encontro e troca entre os negros escravizados, estabelecendo-se, assim, como importantes territórios relacionais de serviços. Pedrosa (2023) relata que, conforme informações da Secult (2009), o Decreto nº 15, de 27 de maio de 1893, estabeleceu três seções responsáveis pela fiscalização e conservação das fontes e

chafarizes na cidade de Vitória. No entanto, com a implementação do sistema de abastecimento de água em 1910, os chafarizes foram demolidos, exceto o chafariz da Capichaba. A Secult observa que a ausência de registros desses chafarizes pode ser interpretada como um indício de um desejo de esquecimento de um passado considerado antiquado e desatualizado. O chafariz da Capichaba, atualmente conhecido como Chafariz da Esplanada, passou por modificações ao longo dos anos e, atualmente, sua estrutura não reflete com precisão a construção original de 1828.

### **6.1.7. Monumento - Estátua de Dona Dominga**

O monumento – Estátua de Dona Dominga está localizada na Praça Presidente Roosevelt, próximo ao complexo da escadaria Bárbara Lindenberg, que dá acesso ao Palácio Anchieta, no Centro de Vitória-ES. Esculpida pelo artista italiano Carlo Crepaz, que chegou a Vitória no início da década de 1950 para serviços específicos no Santuário de Santo Antônio e estabeleceu residência no bairro de mesmo nome. Há indícios de que Dona Dominga<sup>5</sup> morava nas vizinhanças de seu ateliê. Dona Dominga é representada pelo artista com ombros e cabeça baixos, carregando um saco nas costas. O acesso à pequena praça onde a estátua se encontra requer sair da calçada principal, o que faz com que a obra passe despercebida pelos transeuntes. A estátua reflete a resistência e a existência do negro, simbolizando a conexão com a ancestralidade e a consolidação da identidade e do corpo no espaço urbano. A obra expressa a sensibilidade e a atitude de Dona Dominga, revelando as raízes e a visão de mundo de uma mulher que vivia coletando papel nas ruas da Ilha de Vitória (MORAIS, 2018)

Além da estátua em bronze da Praça Presidente Roosevelt existem mais 3 esculturas retratando Dona Dominga: as de madeira estão em Ortisei na Itália e no Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, esta última com o título “Anoitecer” e outra

---

<sup>5</sup> Dona Domingas uma figura emblemática, neta de escravizados, catadora de papel e papelão, residente do Morro do Pinto, em Santo Antônio - Vitória-ES. Sua vida foi marcada por adversidades, pobreza e solidão. Conhecida por sua determinação, coletava papelão e papel, recusando ajuda e sustentando-se com os rendimentos de seu trabalho. Sua trajetória ainda carece de maior reconhecimento e pesquisa. Dona Domingas faleceu em um dia chuvoso, sendo sepultada como indigente, mas sua história é parte essencial da memória da cidade de Vitória-ES (BARROCA, 2021).

em bronze que foi vendida a um comprador do interior do Espírito Santo (Fonte: Site Monumentos Capixabas, acessado em 08/2024)

A obra transcende sua função estética, oferecendo uma crítica ao tratamento histórico da população pobre e negra, ao mesmo tempo em que promove uma reflexão sobre o legado e a memória de Dona Dominga (NUNES et al., 2023). Segundo Lefebvre (2001), monumentos e festas nas cidades ajudam a compreender a realidade, sendo frutos de um processo de significações provenientes do campo, da vida imediata, da religião e da ideologia política.

#### **6.1.8. Quebra dos Grilhões – Memorial Centenário da Abolição**

A obra "Quebra dos Grilhões", erguida na Praça da Rodoviária de Vitória, ES, celebra o centenário da abolição da escravidão no Brasil, foi inaugurada em 1988. O monumento, idealizado pelo artista Ioannis Andonios Zavoudákis, é composto por uma estrutura de concreto e ferro, com elementos simbólicos como uma bigorna, um piquete, um martelo de operário, uma corrente e uma algema. O monumento, enquanto uma expressão do passado e presente histórico, é analisado como um documento histórico e um espaço de apropriação ideológica e interpretativa, evocando reflexões em relação às atrocidades da escravidão e a negação da essência humana dos escravizados. O impacto desses elementos sobre a percepção e a consciência social é uma área de discussão relevante para a compreensão da luta e sobrevivência negra (MORAIS, 2018).

#### **6.1.9. Monumento Píer de Iemanjá – Estátua de Iemanjá**

O Píer de Iemanjá, localizado na Praia de Camburi em Vitória, é um espaço significativo para as tradições afro-brasileiras. O Píer foi inaugurado em 1988 com a intenção inicial de combater a erosão e embelezar a cidade, mas sua concepção foi influenciada pelo desejo de incluir um símbolo cultural representativo. A estátua de Iemanjá, inicialmente recebida com resistência devido a questões religiosas e raciais, passou por alterações, incluindo a mudança da cor da pele da figura, atendendo às demandas de representatividade cultural. Atualmente, o Píer se tornou um ponto de encontro crucial para as celebrações de festas afro-brasileiras, especialmente em 31 de dezembro e 2 de fevereiro, e é reconhecido como um "símbolo de resistência"

dentro do calendário municipal de festas do Espírito Santo, refletindo sua importância na formação cultural e no reconhecimento das manifestações religiosas afro-brasileiras. O monumento, em concreto armado, foi concebido por Iannis Zavoudakis, artista de nacionalidade grega, radicado no Espírito Santo. Traz como inscrição a frase “A luz do sol ilumina a terra, a luz de Deus os que tem fé” (RODRIGUES, 2019).

#### **6.1.10. *Guerreiro Zulu – Monumento à comunidade negra capixaba***

O monumento Guerreiro Zulu, localizado à Av. Américo Buaiz, 205 - Enseada do Suá, Vitória – ES, em frente à Assembleia Legislativa do Espírito Santo, foi criado para evidenciar a contribuição dos negros no desenvolvimento sociocultural e econômico do estado. A obra, foi inaugurada em 2006, resultado do trabalho do artista negro Irineu Pinto Ribeiro, simboliza a resistência socioeconômica e cultural da comunidade negra capixaba. A implementação do monumento envolveu um processo de mobilização e reivindicações do movimento negro e da comunidade artística local, culminando na publicação de um edital para a seleção de uma obra que refletisse a representatividade negra. O monumento, com sete metros de altura, retrata um homem negro e incorpora elementos culturais significativos, como a casaca, um instrumento de percussão típico da influência africana na música local. A análise crítica do monumento permite compreender sua importância como um símbolo de memória e identidade, além de seu papel na promoção e ressignificação do patrimônio cultural dos negros no Espírito Santo (MORAIS; SANGENIS, 2019).

#### **6.1.11. *Escolas de Samba de Vitória***

De acordo com as ligas das escolas de samba LIESGE - Liga Independente das Escolas de Samba do Grupo Especial e LISES Liga Espírito-Santense de Escolas de Samba a cidade de Vitória-ES abriga 11 escolas de samba que participam dos desfiles oficiais, realizados atualmente no Sambódromo Walmor Miranda. Na tabela 3 apresentamos a relação das escolas de samba, e a distância média em relação ao Sambódromo Walmor Miranda.

**Tabela 3 - Escolas de Samba de Vitória- ES.**

ESCOLA DE SAMBA VITÓRIA-ES	BAIRRO	REGIÃO ADMINISTRATIVA	DISTÂNCIA MÉDIA DO SAMBÃO DO POVO (km)
NOVO IMPÉRIO	Caratoira	Santo Antônio	0,5
CHEGA MAIS	Morro do Quadro	Santo Antônio	2,2
UNIDOS DA PIEDADE	Morro da Piedade	Centro	3,0
IMPERATRIZ DO FORTE	Forte São João	Jucutuquara	5,6
PEGA NO SAMBA	Consolação	Maruípe	7,0
UNIDOS DE JUCUTUQUARA	Cruzamento	Jucutuquara	7,7
INDEPENDENTE DE EUCALIPTO	Maruípe	Maruípe	7,7
UNIDOS DE BARREIROS	Santa Martha	Maruípe	8,9
ANDARAÍ	Itararé	Maruípe	9,1
MOCIDADE DA PRAIA	Praia do Canto	Praia do Canto	10,5
CHEGOU O QUE FALTAVA	Goiabeiras	Goiabeiras	12,8

Para garantir que este capítulo não se torne excessivamente extenso, optamos por uma contextualização histórica sucinta das escolas de samba no estado do Espírito Santo. Essa abordagem visa oferecer uma visão abrangente do contexto histórico e social que favoreceu o surgimento dessas instituições culturais, sem comprometer a profundidade da discussão. O intuito é situar o leitor dentro do cenário que influenciou o desenvolvimento das escolas de samba na cidade de Vitória. Junto a LIESGE, LISES e agremiações é possível buscar informações particulares.

A memória sobre o samba no Espírito Santo remonta a um período anterior à existência das escolas de samba. No início da década de 1950 os morros da Piedade e Fonte Grande já contavam com diversas batucadas e blocos carnavalescos, como as batucadas Mocidade e Chapéu de Lado, e os blocos Amarra o Burro e Deixa Cair (OLIVEIRA, 2011).

De acordo com Oliveira (2011) foram jovens militares dos morros da Piedade e da Fonte Grande (entre eles Sebastião Rômulo Nascimento, conhecido como Rominho, Aloísio Abreu e José Puri), que fundaram no ano de 1955 a primeira escola de samba do Estado, apesar de toda repressão policial direcionada aos batuques e ao samba na cidade de Vitória-ES. Ao servirem no exército no Rio de Janeiro, no início da década de 1950, eles entraram em contato com as Escolas de Samba Carioca e ficaram impressionados com as semelhanças entre as práticas das Escolas de Samba e as batucadas que conheciam. Impactados com o que vivenciaram decidiram fundar o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Piedade em 15 de janeiro de 1955. No mesmo ano a escola realizou seu primeiro desfile, apresentando-se na rua

Graciano Neves, Centro de Vitória e no pé do morro da Fonte Grande, com carros alegóricos, passistas, baianas, mestre-sala e porta-bandeira e com diversas alas.

No ano de 1956 a Unidos da Piedade já tinha a estrutura de desfile composta por comissão de frente, mestre-sala e porta-bandeira, bateria, fantasias e alegorias. Em 1957, estima-se que havia três escolas de samba constituídas na cidade: Unidos da Piedade, Acadêmicos do Moscoso e a Império da Vila, a qual é hoje conhecida como Novo Império. O primeiro desfile competitivo entre escolas de samba aconteceu em 1958, na Avenida Jerônimo Monteiro – Centro – Vitória (ANDRADE, 2015).

O primeiro samba-enredo do Espírito Santo foi composto em 1962 por Mário Benedito Ramos para a Unidos da Piedade, e homenageava o aviador Alberto Santos Dumont. O primeiro disco oficial com os sambas-enredos capixabas foi lançado em 1984 (ANDRADE, 2015).

Ao integrar a Escola de Samba Independentes de Boa Vista, em setores diversos (enredista, diretora de ala e ritmista), foi fundamental para conhecer os diversos desafios enfrentados para garantir a realização do desfile no sambódromo. A questão financeira se destaca como um dos maiores obstáculos. O custo de um desfile é extremamente elevado, englobando despesas com profissionais como carnavalescos, armadores, costureiras, músicos, coreógrafos, equipes de barracão de fantasias, equipes de barracão de carros alegóricos, ensaios e transporte, entre outros. Muitas escolas dependem de patrocínios (privados e público) para assegurar que todos os aspectos do desfile sejam devidamente desenvolvidos e escola cumpra todos os quesitos para competir. A logística é um aspecto crítico na organização do desfile. A coordenação de elementos diversos, como a construção dos carros alegóricos, a organização das fantasias e os ensaios das alas, exige um planejamento meticuloso e uma execução precisa. Essa complexidade logística é um desafio constante, pois envolve a integração de vários componentes e etapas. A mobilização e coordenação de recursos humanos é complexa, pois a escola precisa gerenciar centenas de integrantes e administrar para os conflitos internos não impactem na eficiência na qualidade. São em média 11 meses de muito trabalho para 62 minutos de apresentação no Sambódromo.

A dependência de financiamento público e privado impacta diretamente na saúde e sobrevivência das escolas de samba e do carnaval. Em 1992, por exemplo, o

financiamento público destinado às escolas de samba foi interrompido, o que, somado a disputas internas, levou à suspensão dos desfiles no ano de 1993. Vitória vivenciou o período de 05 anos sem desfile das escolas de samba. Em 1998, os desfiles foram retomados, mas passaram a ser realizados na Avenida Jerônimo Monteiro. Em 2002 os desfiles retornaram ao Sambão do Povo (ANDRADE, 2015).

Há urgência de um modelo de apoio robusto e sustentável. As escolas de samba são pilares da herança cultural afro-brasileira e desempenham um papel crucial na preservação da identidade social e cultural brasileira. O Carnaval e as escolas de samba são manifestações vibrantes e significativas da cultura negra no Brasil, refletindo e celebrando tradições que são essenciais para a rica tapeçaria cultural do país. Para garantir a continuidade e o fortalecimento das instituições carnavalescas é necessário desenvolver estratégias de financiamento que atendam não apenas às suas necessidades imediatas, mas que também promovam a sustentabilidade a longo prazo. Sem um sistema de apoio robusto corre-se o risco de comprometer a riqueza cultural e social que essas manifestações representam. A valorização e o suporte adequado são, portanto, fundamentais para preservar e promover a herança cultural afro-brasileira, garantindo que essas expressões continuem a enriquecer e diversificar o panorama cultural da cidade de Vitória e do Brasil.

#### **6.1.12. Sambódromo Walmor Miranda – Sambão do Povo**

O complexo do Sambódromo Walmor Miranda está localizado à Av. Dário Lourenço de Souza - Mário Cypreste, Vitória – ES. O complexo que sedia os desfiles das escolas de samba do Carnaval de Vitória é oficialmente denominado Walmor Miranda, em homenagem ao sambista e antigo Rei Momo do carnaval. No entanto, é amplamente conhecido como Sambão do Povo, uma referência ao empenho das pessoas que participaram de sua construção meses antes do carnaval. O sambódromo foi construído em 112 dias e inaugurado com o desfile das agremiações capixabas em 27 de fevereiro de 1987. Este sambódromo foi o segundo a ser erguido no Brasil, precedido pelo do Rio de Janeiro, que foi inaugurado em 1985 (A GAZETA, 2019).

A LIESGE (Liga Independente das Escolas de Samba do Grupo Especial), sob a liderança do presidente Edson Neto, tem mantido um diálogo contínuo com a Prefeitura de Vitória com o objetivo de expandir o Carnaval local. Em 23 de julho de

2024, foi apresentado à comunidade do samba o projeto da Cidade do Samba Capixaba, que terá uma área de 16 mil metros quadrados localizada entre o Tancredão e o Sambão do Povo. O projeto incluirá dois galpões — um com quatro espaços e outro com três — destinados às agremiações do Carnaval Capixaba. Além disso, a Cidade do Samba Capixaba contará com uma área de eventos, quiosque, área de convivência, Pet Park, espaço kids, estacionamento e uma sede administrativa para a LIESGE. As obras estão previstas para iniciar em 2025, após os desfiles oficiais, com a expectativa de gerar mais empregos e renda para a comunidade e elevar ainda mais a qualidade dos espetáculos no Sambão do Povo. Edson Neto, presidente da LIESGE, expressou entusiasmo ao afirmar que a Cidade do Samba representa um avanço significativo para o Carnaval, permitindo às escolas trabalhar com maior segurança, infraestrutura e qualidade, o que coroará o trabalho árduo de um ano inteiro das agremiações (CHAFIK, 2024).

#### **6.1.13. Bar da Zilda – Reduto de Samba Raiz**

O Bar da Zilda, localizado à rua Maria Saraiva<sup>6</sup>, 30 - Centro, Vitória – ES, é reconhecido como um dos principais redutos de samba raiz e uma das referências mais notáveis em Vitória. Sob a liderança de Zilda Antônio de Aquino, o bar tem uma trajetória de 22 anos. Inicialmente, no bar predominava o estilo musical seresta, mas, após perceber que esse estilo não correspondia à cultura local de samba, Zilda decidiu substituir a seresta pelo samba raiz há uma década. Segundo Zilda, o samba trouxe uma transformação significativa para o bar, pois no início, os frequentadores participavam dos ensaios da escola de samba no Morro da Piedade durante a semana e depois se reuniam no bar para formar rodas de samba. Ela comenta que o crescimento do bar não foi imediatamente perceptível. Além disso, Zilda destaca que o bar se tornou um ponto de referência também pela sua gastronomia, explicando que a combinação de um ambiente tranquilo, localizado na subida da periferia, e a sua paixão pela culinária contribuem para a experiência apreciada pelos frequentadores,

---

<sup>6</sup> Maria Saraiva, reconhecida como uma figura emblemática de Vitória no final do século XIX, foi doceira, ex-escravizada e empreendedora de sucesso, além de devota de São Benedito. Em 1938, em homenagem a sua trajetória, o prefeito Américo Poli Monjardim nomeou uma rua no Centro da cidade em sua memória. Saraiva faleceu em 1912 (ES 360, 03/2022).

que se sentem à vontade para desfrutar do samba, que é uma tradição da comunidade (FRIEDRICH, 2024).

De acordo com Augusto (2024), o Bar da Zilda experimenta transformações significativas nas dinâmicas sociais e territoriais, evidenciando um processo de territorialização e desterritorialização temporária com o início das apresentações do Grupo Regional da Nair. Este grupo, ativo desde 2008, ganhou notoriedade por suas apresentações vibrantes, introduzindo uma nova "territorialidade" ao bar. Esse fenômeno resulta na distinção clara entre o público habitual do estabelecimento e o novo público atraído pelos eventos do grupo. A presença do Grupo Regional da Nair provoca uma inversão no perfil do público do bar e redefine as práticas de apropriação do espaço. Um exemplo dessa dinâmica é observado quando o grupo de samba Lobos do Samba e o Grupo Regional da Nair se apresentam no mesmo dia. Enquanto o Lobos do Samba atrai um público mais tradicional e local, a apresentação do Grupo Regional da Nair, predominantemente frequentada por jovens universitários, cria um ambiente efêmero de exclusividade e renovação cultural. Esse cenário exemplifica uma forma de "desterritorialização temporária", na qual o espaço é reconfigurado conforme o "código-território" do grupo, mas sem uma transformação permanente, revelando uma mobilidade cultural que não resulta necessariamente em uma gentrificação completa do local (AUGUSTO, 2024).

#### **6.1.14. *Bandas de congo***

Segundo a tradição local, a origem das festas de Congo está ligada ao mito fundacional do naufrágio de um navio negreiro. De acordo com a narrativa, os sobreviventes do naufrágio, em um ato de devoção, clamaram a São Benedito pela salvação e se agarraram ao mastro do navio até conseguirem alcançar a praia. Desde então, os grupos de Congo perpetuam essa história através de um cortejo em que cantam, dançam e conduzem um mastro, que é fincado em um local simbólico para a comunidade em homenagem a São Benedito (MADEIRA; MARRA, 2019).

O Congo Capixaba representa uma manifestação cultural de grande relevância no estado do Espírito Santo, sendo oficialmente reconhecido como o primeiro patrimônio imaterial estadual. Até 2009, o Atlas do Folclore Capixaba contabilizava 61 grupos dedicados a essa tradição no estado. A importância do Congo é evidenciada por

registros históricos, como os de Dom Pedro II, que descreveu a casaca (o reco-reco típico dos grupos) em suas visitas ao Espírito Santo. As Bandas de Congo, que se apresentam em festas religiosas dedicadas a santos como São Benedito e São Sebastião, são caracterizadas pela presença de elementos africanos, indígenas e europeus em sua música e dança. Esses grupos são conhecidos por suas celebrações, que incluem etapas como a cortada, puxada e fincada do mastro, e a mistura de ritmos e elementos de diversas tradições culturais, refletindo a diversidade e riqueza da cultura capixaba. A manifestação também funciona como um espaço de educação não formal e identidade comunitária, perpetuando saberes e práticas culturais através da oralidade e memória coletiva (PIRCHINER; PASSAMAI; OLIVEIRA, 2021).

O Congo Capixaba é uma forma de resistência à aculturação católica durante o período colonial. Apesar das tentativas da Igreja Católica de converter os africanos escravizados e a repressão das religiões africanas, as práticas culturais e religiosas desses grupos conseguiram se adaptar e sobreviver. Através das festas de Congo os africanos e seus descendentes mantiveram e adaptaram suas tradições religiosas africanas, criando uma identidade que, embora influenciada pelo catolicismo, preservou elementos de sua herança africana. Esses eventos, originalmente associados a diversas etnias africanas, evoluíram para se tornarem símbolos de resistência e afirmação cultural no Brasil, destacando a importância da memória e da identidade afro-brasileira (SANTOS JÚNIOR, 2021).

As festas de Congo enfrentaram desafios, incluindo períodos de proibição. Em 1854, uma lei em Nova Almeida proibiu "batuques, danças e ajuntamentos de escravizados". Mais recentemente, a prática enfrentou resistência religiosa e institucional, evidenciada por casos em que grupos foram forçados a interromper suas atividades devido a pressões externas. Por exemplo, a Banda de Congo Amores da Lua, de Goiabeiras, enfrentou tentativas de supressão por parte de membros da comunidade e líderes religiosos, resultando em períodos de silêncio e dificuldades financeiras. Essas disputas destacam a resistência contínua do Congo em afirmar seu espaço e identidade dentro do contexto cultural e social capixaba (MADEIRA; MARRA, 2019).

A resistência do congo capixaba na cidade de Vitória-ES está representado nas bandas de congo e na procissão de São Benedito, que tem seu percurso realizado no Centro Histórico de Vitória. Na cidade de Vitória-ES identificamos, por meio do Atlas

do Folclore Capixaba (2009) e da pesquisa de ANJOS; TAVARES, SANETO (2013), bandas de congo (Tabela 4).

**Tabela 4 – Bandas de Congo na cidade de Vitória- ES.**

	<b>Local</b>	<b>Mestre</b>
Banda de Congo Amores da Lua	Bairro Santa Martha	Reginaldo Barbosa Sales
Banda de Congo Panela de Barro	Bairro Goiabeiras	Valdemiro Sales
Banda de Congo Viramundo em Vitória	Piedade e Parque Moscoso	Renato Pereira dos Santos

Fonte: Atlas do Folclore Capixaba / Usina de Imagem; Coordenação de Humberto Capai; Fotografias da Usina de Imagem - Espírito Santo, SEBRAE, 2009. e ANJOS; TAVARES, SANETO (2013)

A procissão de São Benedito é aqui entendida como um território negro por criar territorialidade transitória e efêmera, onde a cidade de Vitória se reconfigura para acolher e refletir a identidade da comunidade negra. Essa territorialidade efêmera permite que a procissão estabeleça um espaço temporário de expressão cultural que se sobrepõe à configuração social e urbana permanente da cidade.

A procissão de São Benedito, realizada anualmente, no período colonial tinha um caráter grandioso e misturava o sagrado com o profano. Era uma ocasião onde a inversão social ocorria, permitindo que negros escravizados se apresentassem em posição de destaque. O culto a São Benedito<sup>7</sup>, iniciado em 1595, tornou-se uma expressão de resistência e solidariedade entre os escravizados e libertos. A procissão simbolizava não apenas a fé, mas também uma oportunidade de reinvenção cultural e social para a população negra, apesar das restrições impostas pela sociedade da época. A rivalidade entre as procissões do Convento São Francisco e da Igreja do Rosário exemplifica as tensões entre diferentes grupos de devotos. A importância da procissão de São Benedito é evidenciada por sua capacidade de mobilizar todas as camadas da sociedade de Vitória, refletindo a significativa influência e o impacto cultural da festa na cidade (PEDROSA, 2023).

Ainda de acordo com Pedrosa (2023) a procissão na era colonial possuía um percurso e atualmente o percurso sofreu algumas alterações: **a) Percurso Original da Procissão:** No período colonial e até meados do século XIX, a procissão de São Benedito seguia um trajeto mais longo e complexo. Partindo da Igreja de Nossa

---

<sup>7</sup> Os devotos de São Benedito eram divididos em dois partidos, chamados de caramurus, os do Convento de São Francisco, por causa das exibições de riquezas, e peroás, os da Igreja de Nossa Senhora do Rosário pelo fato de esse ser um peixe sem valor (PEDROSA, 2023, p. 90)

Senhora do Rosário, a procissão atravessava a cidade de Vitória, incluindo diversas áreas que refletiam a segregação social da época. O percurso se iniciava na Igreja do Rosário e seguia pelas ruas da cidade, passando pelo Parque Moscoso e seguindo em direção à Vila Rubim. O trajeto incluía um retorno pelos antigos cais da barca e pelo porto, com um momento culminante no Forte São João. Este percurso não apenas englobava uma parte significativa da cidade, mas também permitia a inclusão dos diversos grupos sociais que participavam da festa, desde moradores dos morros até trabalhadores e descendentes de negros. O trajeto terminava com uma recepção festiva na Igreja do Rosário, marcada por repiques de sinos e queima de fogos, refletindo a grandiosidade e o espírito comunitário da celebração. A extensão e a complexidade do percurso original demonstram a importância da procissão como um evento de grande relevância tanto para a vida religiosa quanto para a coesão social entre os membros da irmandade e a comunidade em geral. **b) Percurso Atual da Procissão:** com as mudanças urbanas, o percurso da procissão de São Benedito foi reduzido e adaptado. O trajeto atual, que preserva o caráter festivo e devocional da celebração, segue um caminho mais curto pelas principais ruas do Centro Histórico de Vitória. A procissão inicia-se na Igreja do Rosário, avança pela Rua do Rosário e segue pela Rua Graciano Neves. Um dos pontos altos do percurso é a parada na Fonte Grande, onde é realizado o tradicional foguetório. Após essa celebração, os participantes seguem até a Catedral de Vitória, na Cidade Alta, para a missa em louvor a São Benedito. A procissão conclui seu percurso retornando à Igreja do Rosário, onde a imagem do santo é novamente acolhida com repiques de sinos e mais fogos. Este trajeto, embora mais curto em comparação ao percurso histórico, ainda reflete a importância do evento para a comunidade, mantendo viva a tradição e a devoção de seus participantes.

#### **6.1.15. Associação das Paneleiras de Goiabeiras**

A associação das Paneleiras de Goiabeiras se localiza na Rua das Paneleiras, 55 - Goiabeiras, Vitória – ES. A tradição cerâmica de Goiabeiras, embora inicialmente indígena, também foi influenciada por descendentes de colonos e escravizados africanos, destacando-se como um importante patrimônio cultural. As Paneleiras são reconhecidas como as principais representantes dessa herança cultural, enfatizando a continuidade e a legitimidade do saber-fazer na região (Dossiê IPHAN 3, 2006 apud

MARQUES. 2017). A produção de panelas de barro em Goiabeiras, possui uma longa tradição, inicialmente atribuída às culturas ceramistas indígenas Tupi-Guarani e Una, conforme descrito por Perota et al. (1997) apud Marques (2017). Essa interpretação é corroborada por relatos históricos, como o de Saint-Hilaire (1974), que descreveu artefatos cerâmicos na região no início do século XIX. A produção de panelas de barro, é um hábito que foi herdado de indígenas e afrodescendentes residentes naquela região há mais de 300 anos, é uma prática predominantemente feminina, transmitida de geração em geração. A produção envolve modelagem manual, queima a céu aberto e uso de tintura de tanino para impermeabilização. As paneleiras utilizam a planta "mangue vermelho" para colorir o barro, o que destaca a integração com a biodiversidade local. Historicamente realizada de forma individual, a produção de panelas evoluiu com a formação da Associação das Paneleiras de Goiabeiras, que organiza as artesãs em um sistema cooperativo, proporcionando suporte econômico significativo para suas famílias. As panelas produzidas pelas paneleiras de Goiabeiras são certificadas e o selo de qualidade da associação atesta a autenticidade das panelas de barro, incluindo moquequeiras, panelas de arroz, caldeirões e outros utensílios, e protege a marca contra falsificações. A indicação de procedência confere um reconhecimento nacional e proteção ao nome Goiabeiras, valorizando a tradição artesanal e combate à pirataria. Internacionalmente, a Associação recebeu o Prêmio Melhores Práticas de Dubai e o certificado da Organização das Nações Unidas (ONU), destacando suas contribuições para o engajamento cívico, igualdade de gênero, geração de emprego e práticas ambientais sustentáveis. Essas iniciativas são amplamente divulgadas e suas melhores práticas são compartilhadas globalmente para servir de modelo para outras comunidades (Fonte: Revista A Lavoura Edição Nº 707/2015 - Goiabeiras | INDICAÇÃO GEOGRÁFICA (IG) ([indicacaogeografica.com.br](http://indicacaogeografica.com.br)) – Acessado em 11/08/2024).

#### **6.1.16. Hip-Hop**

Torreão (2014) explora o desenvolvimento do Hip Hop na Grande Vitória, destacando como bailes e eventos de break serviram como centros de sociabilidade e troca de informações, promovendo a formação de redes locais e a difusão de notícias sobre disputas de b-boys na cidade. Locais como o Parque Moscoso e a Prainha emergiram como importantes centros culturais para a prática do break, enquanto a centralidade

de Vitória facilitava o acesso desses espaços para trabalhadores periféricos. Além disso, o surgimento do rap no Brasil marcou uma transformação significativa no Hip Hop, tornando-o um movimento social politizado e alinhado com o movimento negro. A relevância do rap na afirmação dos espaços periféricos é sublinhada pela produção musical que expressa e critica as desigualdades sociais e o papel do Hip-Hop na construção de uma identidade comunitária e política

Na reportagem de Isabela Santos (2023), é destacado que o Hip Hop, surgido na década de 70, encontrou no Brasil, especialmente em Vitória, uma plataforma para que jovens da periferia expressem suas realidades cotidianas através do freestyle. Em Vitória, a Batalha do Nove, realizada semanalmente em frente ao portal do bairro Ilha do Príncipe, é organizada pelo Mc Noventa, que utiliza sua notoriedade para promover o evento e fortalecer a cena local. A reportagem também destaca a presença de jovens como Afonso, que vê nas batalhas uma forma de se inspirar, e de mulheres como Bibi e Ana Clara, que enfrentam preconceitos e contribuem para a visibilidade e empoderamento feminino no cenário do rap, lutando contra o machismo e promovendo a inclusão na arte (SANTOS, 2023).

Em 2023, a Secretaria da Cultura do Espírito Santo promoveu o "Edital Prêmio Hip Hop Capixaba" para comemorar os 50 anos do movimento, premiando 60 artistas locais. O evento, realizado no Teatro Universitário da UFES, contou com apresentações de diversos artistas e uma programação que incluiu rodas de break, performances musicais e exposições de grafites. O secretário de Cultura, Fabricio Noronha, enfatizou a importância do Hip-Hop como uma ferramenta de transformação social e empoderamento, ressaltando seu papel na educação e na mudança das realidades locais (AC SECULT, 2023)

Na pesquisa de Torreão (2014) o Parque Moscoso figurava como ponto da cultura Hip-Hop na cidade, entretanto na década de 2020 não encontramos informações sobre batalhas frequentes no local, somente eventos de maior porte como o Festival Rap no Parque realizado em 16/07/2022 de acordo com a reportagem do site DNA Urbano publicada em 10/07/2022.

O Museu Capixaba do Negro de acordo com a reportagem do Século Diário, publicada em 09/03/2020, foi o local de celebração do Dia Mundial do Hip Hop no ano de 2020, uma das organizadoras, destaca que o evento é uma iniciativa colaborativa,

totalmente gratuita, com a intenção de resgatar a essência do hip-hop e sua relevância histórica e social. A organizadora ressalta o papel crucial do hip-hop na denúncia do racismo e do capitalismo, e sua importância para a juventude periférica e movimentos sociais, acreditando que o evento servirá como um ponto de partida para futuras atividades de formação e promoção da cultura hip-hop no Espírito Santo (SÉCULO DIÁRIO, 2020).

A identificação dos locais onde essa expressão cultural se materializa na cidade de Vitória-ES se deu por meio de contas da rede social Instagram, utilizando a hashtag #rapcapixaba para que a pesquisa obtivesse retorno de sucesso. Há escassez de material jornalístico ou pesquisas em relação aos espaços de hip-hop no contexto atual para além dos grandes eventos como por exemplo Mar de Monstros, Duelo Nacional de MC's, Nosso Rap Festival, sendo as redes sociais, como o Instagram e o streaming YouTube, as ferramentas de divulgação e encontro virtual dos participantes do movimento do Hip-Hop Capixaba.

**Tabela 5 – Hip-Hop na cidade de Vitória- ES.**

	<b>Local</b>	<b>Rede Social – Instagram</b>
Batalha N9V	Portal da Ilha do Príncipe	@batalhadon9v
Soul Da Rima	Rua Alziro Zarur, 130 – Jardim da Penha	@souldarima
Batalha do Atlântica – ATL	Atlântica Parque Viaduto Araceli Cabreira Crespo, 4902-4924 - Jardim Camburi	@bdatlantica
Batalha do Estacionamento – BTE	Horto de Maruípe – Av, Maruípe – Bairro da Penha	@batalhadoestacionamento
Batalha do Coreto	Praça São José Operário – Maruípe	@batalhadocoretoes
Circuito Mar de Monstros Eliminatórias	Praça Costa Pereira – Centro	@circuitomdm
Coletivo Território Cultural	Bomfim – Bairro da Penha	@territorio. cultural
Street Caieiras	Ilha das caieiras e Casa Caipora Centro Cultural - Centro Vitória	@streetcaieiras

Em janeiro de 2023, o governo do Espírito Santo sancionou a Lei 11.771, que declara a cultura Hip-Hop como patrimônio cultural imaterial do estado. Esta legislação abrange várias expressões artísticas do Hip-Hop, incluindo Breaking, Grafite, Rap, MC e DJ. A lei estabelece que o poder público deve promover e apoiar a cultura Hip-Hop sem discriminação e garantir a realização de manifestações culturais. Além disso, a lei prevê a promoção de rodas culturais e a inclusão de atividades relacionadas ao Hip-Hop em instituições de ensino. É enfatizado que não deve haver discriminação de

qualquer natureza contra a cultura ou seus artistas, que são reconhecidos como agentes da cultura popular (BORÉM, 2023).

### **6.1.17. Capoeira**

A presença africana no Brasil colonial não só impactou a vida econômica, mas também a formação sócio-histórica do país. Apesar da aculturação forçada imposta pela cultura ocidental, o processo de troca cultural nunca é unilateral, refletindo relações de poder entre culturas (CUCHE, 2002 apud AZEVEDO DE ALMEIDA, 2020). A aculturação não destrói a cultura africana, mas resulta em uma combinação complexa de influências. Os escravizados africanos trouxeram consigo um vasto conhecimento cultural e habilidades que influenciaram a sociedade brasileira, visível em práticas como a capoeira (AZEVEDO DE ALMEIDA, 2020).

Os grupos de capoeira em Vitória transformam e reconfiguram espaços públicos, criando territórios efêmeros através de rodas e treinos. A escolha dos locais para a prática da capoeira é baseada em critérios como acessibilidade, capacidade de atendimento, adequação física, visibilidade, proximidade com a cultura capoeirista, demandas locais e histórico de atividades bem-sucedidas. No entanto, a realização de rodas enfrenta desafios, como falta de divulgação, regulamentações locais e tratamento desigual comparado a outras atividades, o que pode afetar projetos sociais importantes. A capoeira está se deslocando de espaços públicos para ambientes mais controlados, como academias e escolas, devido a preocupações com dignidade e a exposição a discriminação e dificuldades associadas a eventos ao ar livre (OLIVEIRA e CAMPELÔ, 2019). Com base no trabalho de Oliveira e Campelô (2019) e pesquisas em sites eletrônicos identificamos os seguintes grupos de capoeira com práticas na cidade e Vitória (Tabela 6).

**Tabela 6 – Grupos de capoeira cidade de Vitória- ES.**

<b>Grupo</b>	<b>Local</b>	<b>Área Administrativa</b>
Grupo Beribazu - Núcleo Mestre Sabrina Abade	Goiabeiras	Goiabeiras
Grupo Renascer	São Pedro	São Pedro
Grupo Sapeba Capoeira	Praia do Canto	Praia do Canto
Grupo Barravento Volta ao Mundo	Mata da Praia	Jardim da Penha
Capoeira Besouro do ES	Moscoso	Centro
Capoeira Cativoiro	Forte São João	Jucutuquara

Apesar dos desafios enfrentados, incluindo marginalização e restrições impostas pelo poder público e pela sociedade, como a necessidade de autorizações e a supervisão rígida em certos locais, a capoeira segue resistindo. Ela se adaptou e encontrou novas formas de se manifestar e segue ressignificando e dinamizando espaços urbanos, contribuindo para a formação e fortalecimento da cidadania, especialmente em áreas periféricas da cidade. Dessa forma, a capoeira não apenas resiste, mas também se reinventa, reafirmando sua importância cultural e social na cidade de Vitória.

### 6.1.18. Blocos Carnavalescos

De acordo com pesquisas no site da prefeitura Municipal de Vitória e portal A Gazeta, no carnaval de 2023, pelo menos 27 blocos carnavalescos<sup>8</sup> receberam alvarás para realização de seus desfiles. Na Tabela 7 identificamos os 27 dos blocos e o local de desfile. O bairro Centro contou com desfile de 10 blocos carnavalescos o que corresponde a 37% dos blocos identificados.

**Tabela 7 – Blocos de carnaval Vitória – ES**

	<b>Bloco</b>	<b>Local Desfile</b>		<b>Bloco</b>	<b>Local Desfile</b>
1	Projeto Subúrbio	Centro	14	Antimofolia	Jardim da Penha
2	Afro Kizomba	Centro	15	Tô Baby	Jardim da Penha
3	Regional da Nair	Centro	16	BK Folia	Bela Vista
4	Putá Bloco	Centro	17	Eu quero ela	Bonfim
5	Maluco Beleza	Centro	18	Bloco de Goiabeiras	Goiabeiras
6	BatuqueDellas	Centro	19	Gurigicão	Gurigica
7	Vai que Gama	Centro	20	G.R.B.C Tradição da Ilha	Ilha de Santa Maria
8	Coisas de Negres	Centro	21	Amigos do Itararé	Itararé
9	Amigos da Onça	Centro	22	Piranhas do Bairro Jabour	Jabour
10	Galinha Preta	Centro	23	Bloco da Pelada	Jesus de Nazareth
11	Beer Bacon Rock in Roll	Jardim Camburi	24	Bloco da 10	Santa Tereza Quadro
12	Te pego lá fora	Jardim Camburi	25	Pindurai	Santos Dumont
13	Kustelão	Jardim Camburi	26	Da Pelada	Nova Palestina - São Pedro
			27	Seis a um	Resistência

Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos do site da prefeitura Municipal de Vitória (PMV) <<https://vitoria.es.gov.br/>> e da reportagem de HELEODORO (2023) disponível no Portal A Gazeta <[HZ | Carnaval 2023: confira a programação dos blocos de rua pelo Espírito Santo | A Gazeta](#)>

Os desfiles de blocos carnavalescos não são apenas eventos festivos, mas representam uma forma de resistência cultural e de afirmação identitária dentro do

<sup>8</sup> Os blocos carnavalescos são aqui interpretados como territórios negros por trazerem o ritmo do samba e o estilo batucada como elementos centrais, porém cabe aprofundamento no tema para identificar quais blocos em seus desfiles fazem referências à luta contra o racismo, visam a valorização da identidade negra e exalta a herança africana.

tecido urbano. É o momento de celebração e reafirmação da cultura negra, proporcionando uma oportunidade para a comunidade expressar sua identidade e memória coletiva. Entretanto no bairro do Centro de Vitória os blocos vêm enfrentando atritos com o poder público e alguns blocos viram seus alvarás suspensos em 2023. De acordo com reportagem de OLIVEIRA (2023) os Blocos Esquerda Festiva e Prakabá, tiveram a licença para desfilar suspensa pela Prefeitura de Vitória com base na decisão que o 12º promotor de Justiça Cível, Marcelo Lemos Vieira, encaminhou a Prefeitura de Vitória para que fossem tomadas medidas para impedir desfiles de blocos e manifestações carnavalescas na região do centro devido: “(...) as irregularidades decorrentes da poluição ambiental na Baía de Vitória, poluição sonora, perturbação ao sossego alheio (...)”.

Observa-se por parte do Poder Público da cidade de Vitória a intenção de concentrar todas as manifestações carnavalescas que ocorrem no Centro de Vitória no complexo do Sambódromo Walmor Miranda. No carnaval de 2024, de acordo com Sena e Barbosa (2024), os desfiles no Centro da cidade encerravam as 19h e um trio elétrico conduzia os foliões até o complexo do sambódromo onde a Prefeitura Municipal de Vitória preparou uma estrutura e apresentações musicais.

O processo de confinamento representa geograficamente uma forma de controle espacial e social exercido pelo poder público. Esse processo não apenas concentra as manifestações culturais em um único espaço, mas também influencia a dinâmica urbana, a mobilidade e as interações sociais dos participantes e espectadores. Tal confinamento afeta a visibilidade e a representação das manifestações culturais afro-brasileiras na cidade, caracterizando dinâmicas de inclusão e exclusão espacial e, impacta a percepção e valorização dessas expressões culturais dentro do contexto urbano de Vitória-ES.

#### **6.1.19. Mercado Municipal Vila Rubim**

A Vila Rubim, anteriormente conhecida como Cidade de Palha, era caracterizada pela pobreza e pelos casebres que abrigavam famílias de migrantes. Após a década de 1920, com os aterros dos mangues ao redor da Cidade Alta, os residentes da antiga Cidade de Palha passaram a se deslocar para outras áreas. A população da Vila Rubim era composta majoritariamente por portuários e pescadores. Na década de

1940, o mercado começou a emergir, sinalizando a transformação do espaço de residencial para comercial. Até 1955, as mercadorias eram vendidas ao ar livre, o que resultava em desorganização. Foi durante a administração de Setembrino Pelissari que começaram a ser construídos os galpões atuais, marcando um período de grande atividade na Vila Rubim, que se destacava em Vitória por seus clubes, gafieiras, grupos musicais e esportivos (PORTO et al 2016)

O Mercado da Vila Rubim é um importante centro comercial em Vitória, onde tradição e modernidade se encontram. Desde sua inauguração o mercado tem sido o coração da atividade econômica e cultural, oferecendo uma ampla gama de produtos, desde especiarias e ervas medicinais até artigos religiosos, pescados frescos, aves, carnes e roupas. Este espaço combina a essência tradicional do comércio de rua com a conveniência das lojas modernas, refletindo a rica história e cultura da região. O mercado não apenas representa um patrimônio significativo da capital capixaba, mas também continua a ser um símbolo da vitalidade e diversidade da economia local. Mesmo com as mudanças ao longo dos anos, o Mercado da Vila Rubim mantém sua importância, proporcionando uma experiência única que une o novo, o tradicional e o antigo para moradores e visitantes (PMV-SEMC, 2024).

A Vila Rubim destaca-se na Grande Vitória pela oferta de produtos religiosos para crenças afrodescendentes, incluindo objetos, imagens, perfumes, ervas e velas utilizados em cultos como Umbanda, Quimbanda e Candomblé. A área tornou-se um ponto de referência para praticantes dessas religiões, atraindo um fluxo constante de clientes ao longo do dia. No entanto, esse movimento constante não é totalmente bem recebido pelos funcionários das lojas, que apontam que o aumento da demanda é resultado da escassez de oferta em outras regiões devido ao preconceito persistente contra as religiões afro-brasileiras. Moisés Santos, um vendedor com mais de 20 anos de experiência, confirmou que a falta de compreensão sobre essas religiões leva a um estigma negativo, fazendo com que as pessoas evitem frequentar lojas especializadas por medo de julgamento (PORTO et al 2016).

A loja Casa de Iemanjá, é o exemplo de uma loja que vende produtos para religiões de matriz africana, e possui uma imponente imagem da rainha do mar com cerca de 1,80m de altura, preservada mesmo após um incêndio devastador que aconteceu, após a explosão de um armazém de fogos de artifício, no ano de 1994 (DAL GOBBO, 2020).

### **6.1.20. Parque Moscoso**

O parque, localizado à Av. Cleto Nunes, s/n - Centro, Vitória – ES, tem uma história peculiar ligada ao século XIX, quando era comum na capital a presença dos chamados “enfezados”. Estes eram indivíduos responsáveis pela coleta de fezes e dejetos das janelas das casas, utilizando tonéis conhecidos como “Tigres”. Para lidar com a desagradável situação das ruas de Vitória, o serviço era realizado por pessoas escravizadas ou ex-escravizados recentemente libertos ou alforriados, que recebiam um vintém pelo trabalho. Os principais locais de descarte dos dejetos eram o cais de São Francisco, na saída da Cidade Alta para o mar, atualmente onde se localiza a rua General Osório, e o “beco Manoel Alves”, também chamado de “lapa do mangal”, que corresponde à área do atual Parque Moscoso (DIAS, 2023). O Parque Moscoso foi estabelecido no início do século XX em uma área conhecida como Lapa do Mangal, que consistia em terrenos alagados pelas marés, situados nas proximidades do porto e próximos ao canal que marcava um dos limites da cidade. Naquela época, a região era propensa a epidemias graves, como a febre amarela, devido à carência de saneamento básico na cidade (PINHEIRO, 2018).

O Parque Moscoso pode ser interpretado como um lugar de memória, de acordo com Le Goff (1992), por ser o parque urbano mais antigo da cidade de Vitória, com mais de cem anos de história. Esse espaço é moldado por elementos históricos e também por fatores políticos, além de ser influenciado por uma ideologia que faz parte de sua constituição. O Parque Moscoso desempenha não apenas uma função ecológica, mas também estética e recreativa. Historicamente, tem sido um espaço frequentado por famílias, especialmente nos finais de semana, que utilizam suas áreas para convivência e lazer (PINHEIRO, 2018).

Após a sua inauguração em 1912, o Parque Moscoso tornou-se um importante centro de eventos em Vitória, destacando-se pela realização de festas populares, incluindo carnavais, bailes, concertos e outros eventos culturais. Apesar de sua associação com a elite local, o parque também acolhia manifestações carnavalescas populares, como blocos oriundos de áreas periféricas vizinhas. Com a popularização dos automóveis na década de 1940, a elite passou a frequentar clubes e bailes fechados, como o Clube Vitória, enquanto o parque continuou a ser um espaço vital para festas e encontros populares (PINHEIRO, 2018).

O Parque Moscoso atualmente recebe de forma esporádica grupos de capoeira, eventos ligados ao hip-hop, matinês de carnaval para crianças, etc.

#### **6.1.21. Praça Costa Pereira**

A praça Costa Pereira (antigo Largo da Conceição), conforme informado por PEDROSA (2023), foi um território residencial da população negra. O espaço passou por transformações na reforma urbana e atualmente não traz resquícios da época de território residencial, mas é um espaço relevante para expressão da cultura negra, pois recebe diversas atividades e eventos culturais de samba, capoeira, hip-hop, etc. No período do carnaval é local de dispersão dos blocos que descem a rua Sete.

A atual Praça Costa Pereira, no período colonial, era um espaço simples, com uma pequena praia e uma igreja dedicada à Nossa Senhora da Conceição. Contudo, com as mudanças urbanas promovidas por Muniz Freire, a área foi aterrada e transformada no Teatro Melpômene, levando à renomeação do antigo largo para Largo do Teatro. Na década de 1920, o engenheiro Moacir Ávidos concretizou o projeto de transformar o largo em uma praça ajardinada, que foi oficialmente inaugurada em 1926 e recebeu o nome de Praça Costa Pereira, em homenagem a José Fernandes da Costa Pereira Júnior, uma figura significativa na abolição da escravatura e presidente da província do Espírito Santo entre 1861 e 1863. Ao longo dos anos, a praça passou por várias reformas paisagísticas, incluindo projetos de Paulo Motta e a adição de um pequeno lago artificial na década de 1940. Essas melhorias embelezaram o espaço e o tornaram um importante centro cultural da cidade. A praça, além de ser um local de lazer e contemplação, é rodeada por marcos culturais relevantes, como o Teatro Carlos Gomes e o Cine Teatro Glória, que reforçam a importância cultural da Praça Costa Pereira na capital capixaba (PMV-SEDEC, 2024).

No ano de 2024 foi um dos palcos da Mostra cultural dedicada ao samba local no Espírito Santo, o evento Samba Que Eu Quero Ver. Com o tema “O Samba é a Vida da Cidade”. A ação cultural destaca a urgência de fortalecer a produção artística do samba no Espírito Santo, buscando resgatar uma parte crucial da identidade capixaba, ainda subestimada (ZANOLI et al 2024). No mesmo ano a praça recebeu o evento "Por Todas Nós: aquilombando a Costa Pereira", promovido pela Secretaria Estadual das Mulheres (SESM). A ação faz parte do projeto “Por Todas Nós: o

protagonismo das mulheres negras na luta antirracista”, em alusão ao Mês da Mulher Negra (MAIA, 2024).

#### **6.1.22. Núcleo Afro Odomodê**

O Núcleo Afro Odomodê é o único equipamento público no Estado do Espírito Santo dedicado à juventude com enfoque racial, atendendo jovens de 15 a 29 anos. Inaugurado em novembro de 2006 e vinculado à Secretaria de Cidadania, Direitos Humanos e Trabalho (Semcid) por meio da Coordenação de Políticas dos Direitos da Juventude. O projeto oferece atividades socioeducativas que visam o resgate da cultura africana e afro-brasileira e o enfrentamento ao racismo, através de oficinas, grupos de estudos, visitas, grupos de convivência e cine afro (BEM BRASIL, 2024).

O Núcleo segue diretrizes estabelecidas pela Lei 12.852/13 (Estatuto da Juventude) e pela Lei 12.288/10 (Estatuto da Igualdade Racial). Desde dezembro de 2017, a execução do projeto é realizada em colaboração com a Organização Bem Brasil, conforme o Termo de Colaboração Nº 117/2017. As atividades promovem a inclusão e a promoção da juventude negra, utilizando arte e cultura como ferramentas para o fortalecimento da identidade étnico-racial e o combate ao racismo. O objetivo é oferecer a 120 jovens em situação de vulnerabilidade social oportunidades de formação, convivência e participação, visando estimular o combate às desigualdades raciais e sociais e a luta contra preconceitos e exclusões (BEM BRASIL, 2024).

#### **6.1.23. Bairro São Benedito – Rota de Turismo do São Benedito**

O bairro São Benedito, situado em Vitória, é um território negro, pois sua rica herança cultural e histórica está vinculada a expulsão dos quilombolas do Quilombo Sapé do Norte, na cidade de São Mateus-ES, na década de 1970 e sua instalação no bairro (Redação de A Gazetaonline, 2022).

Originalmente, o Quilombo do Sapê do Norte ocupava vastas áreas entre os municípios atuais de São Mateus e Conceição da Barra, sendo o lar de cerca de 12 mil famílias distribuídas por mais de 100 comunidades. Essas comunidades foram forçadas a se deslocar devido ao processo de colonização violento patrocinado pelo Estado e pela implantação de monoculturas de eucalipto e cana-de-açúcar durante o

regime militar, que levou à destruição de seus territórios tradicionais e modos de vida. A partir da década de 1960, muitas dessas famílias deslocadas foram forçadas a migrar para as periferias urbanas, como Vitória, em busca de melhores condições de vida (FERREIRA, 2011 apud MAPA DE CONFLITOS-ES).

A persistência da cultura e das tradições quilombolas neste bairro é um reflexo da história de resistência e deslocamento forçado dessas comunidades. Portanto, a fundação do Bairro São Benedito por quilombolas do Sapê do Norte demonstra a continuidade da presença negra e a formação de um território negro na região metropolitana de Vitória (OLIVEIRA, 2011 apud MAPA DE CONFLITOS-ES). A presença significativa de ex-moradores quilombolas, como Dona Nailma, uma das primeiras residentes do bairro que se estabeleceu lá na década de 1970 vinda do quilombo Sapê do Norte, é um testemunho dessa identidade. Nailma não apenas fundou sua residência em São Benedito, mas também ofereceu apoio a outros quilombolas, reforçando a rede de suporte e resistência comum em territórios negros (Redação de A Gazetaonline, 2022).

A "Rota do São Benedito" celebra essas histórias e experiências por meio de murais e um áudio tour, que narram a formação do bairro e destacam o papel crucial das comunidades afro-brasileiras. A rota inclui oito pontos históricos, como a Praça Jair de Andrade e a Igreja do São Benedito, que são relevantes para a memória coletiva da comunidade negra local. Estes pontos são enriquecidos com relatos de moradores e iniciativas comunitárias, como o Banco Bem, que promove a cooperação entre comunidades periféricas. A participação ativa dos moradores, artistas e comerciantes na criação e desenvolvimento da rota demonstra um esforço coletivo para preservar e celebrar a herança negra do bairro. Além disso, a iniciativa de turismo de base comunitária não apenas revigora a economia local, mas também reforça a identidade cultural negra ao destacar a importância da contribuição histórica e cultural dos afro-brasileiros na formação e evolução de São Benedito (Redação de A Gazetaonline, 2022).

#### **6.1.24. Quintal Bantu**

O Quintal Bantu, Instagram @quintalbantu, situado na Escadaria Jayme Figueira, 120 - Morro - Fonte Grande, Vitória - ES, é um espaço de grande importância para a cultura

afrodescendente na cidade. Fundado pela família Pereira dos Santos, o local atua como um centro vital na preservação e celebração das tradições afro-bantu, trazidas ao Espírito Santo no final do século XVI durante o período da escravidão (ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SECULT-ES, 2022). Se destaca na preservação e promoção da cultura negra, especialmente através da medicina tradicional e das práticas agrícolas ancestrais. Esse trabalho enfrenta desafios significativos relacionados à marginalização e à ausência de políticas públicas adequadas. Segundo o mestre Renato Santos, as práticas agrícolas tradicionais dos africanos foram adaptadas e continuam a desempenhar um papel crucial na resistência e preservação cultural, apesar dos desafios atuais de insegurança e apropriação cultural (SOARES, 2023).

A relevância do Quintal Bantu foi ressaltada na exposição "Sete Caminhos: do Maes ao Quintal Bantu", realizada no Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio del Santo (Maes). A exposição incluiu instalações sonoras e multissensoriais que buscavam reconectar o Centro de Vitória com o legado cultural dos bantu, destacando o Quintal Bantu como um símbolo essencial da continuidade cultural e da resistência da comunidade afrodescendente local. O Quintal Bantu não é apenas um local de preservação cultural, mas também um ponto de articulação para a transmissão e afirmação das tradições afro-bantu, refletindo seu papel crucial na manutenção e promoção da identidade cultural negra na cidade (ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SECULT-ES, 2022).

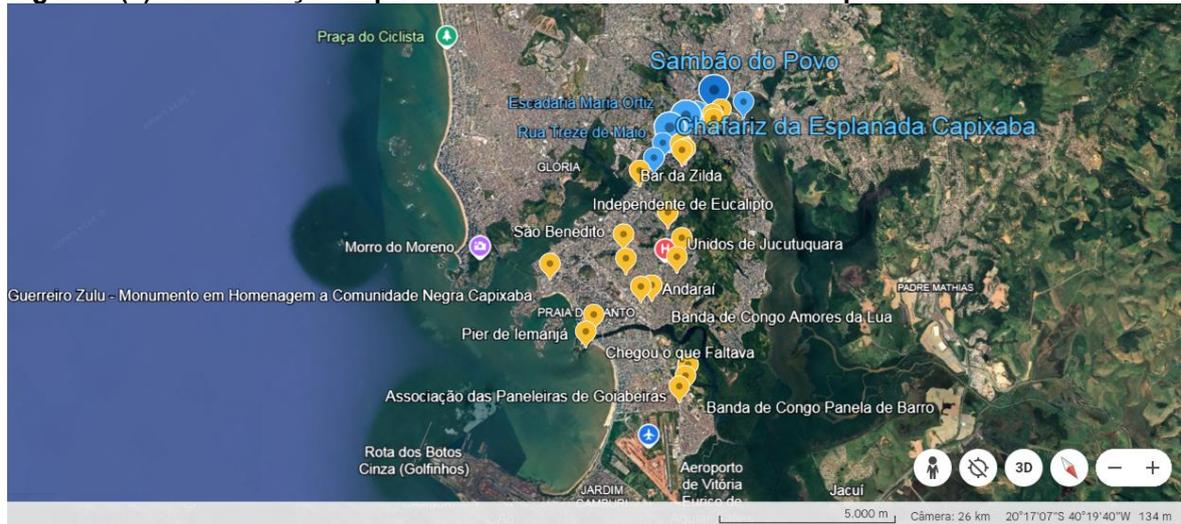
O projeto "De onde o olho mira" (2021), desenvolvido pelos artistas Natan Dias e Rafael Segatto, é uma obra pública localizada no Quintal Bantu. Utilizando ferro, madeira de embarcação naval e concreto de sururu, a peça celebra e reivindica as culturas Bantu no Espírito Santo. Este projeto faz parte das iniciativas da ação "Quintal Bantu" (2019), que comemorou os 484 anos das culturas Bantu na região, com o apoio do Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo (ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SECULT-ES, 2023).

## 6.2. MAPEAMENTO DOS TERRITÓRIOS NEGROS IDENTIFICADOS

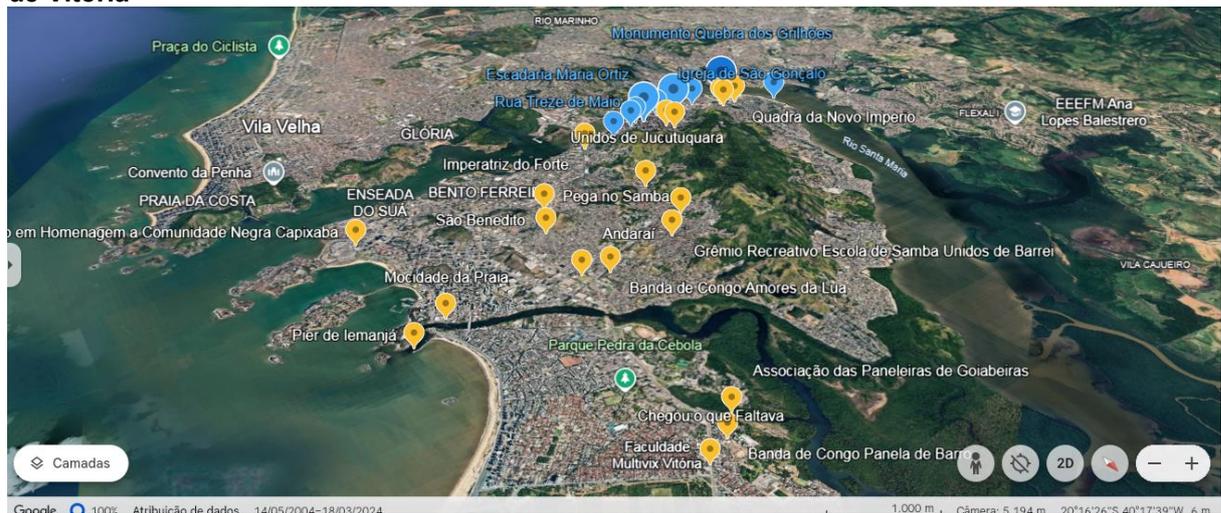
Conforme ilustrado na Figura 9 (a), (b), (c), (d), (e), (f) nas regiões administrativas do Centro e Santo Antônio estão concentrados a maioria dos territórios identificados.

Devido à sazonalidade e efemeridade de alguns eventos e com o objetivo de não poluir a visibilidade da distribuição dos territórios, optou-se por não incluir no registro o circuito da Procissão de São Benedito, os trajetos dos blocos carnavalescos de rua, os locais de manifestações culturais de hip-hop e capoeira, e, o circuito turístico do bairro São Benedito, pois estas informações estão acessíveis nas redes sociais, sites eletrônicos, órgãos competentes e brevemente descritas no tópico 6.1 deste capítulo.

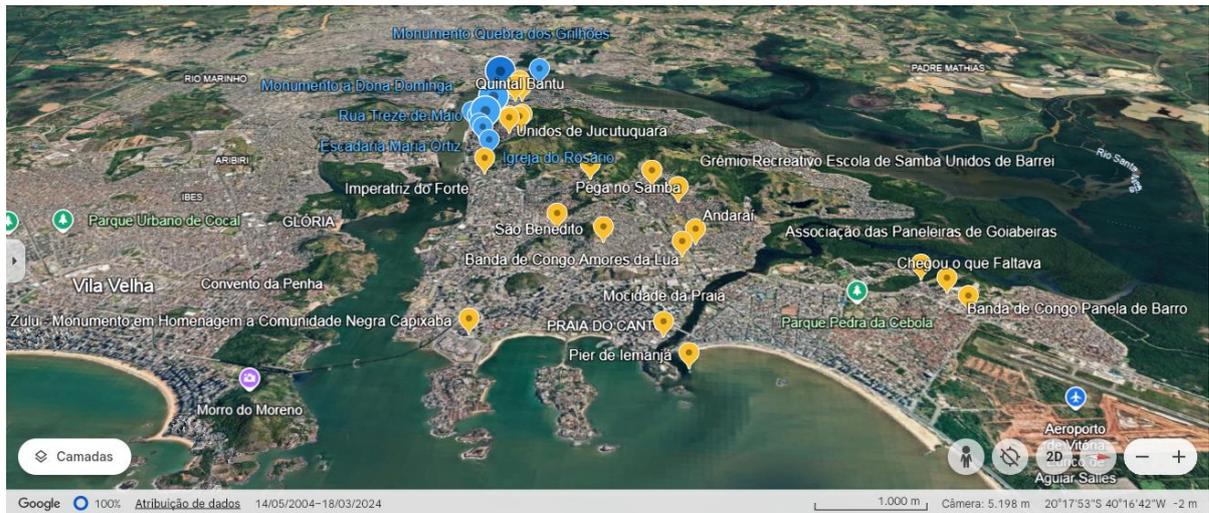
**Figura 9 (a) – Distribuição espacial dos territórios - Vista aérea superior da cidade de Vitória**



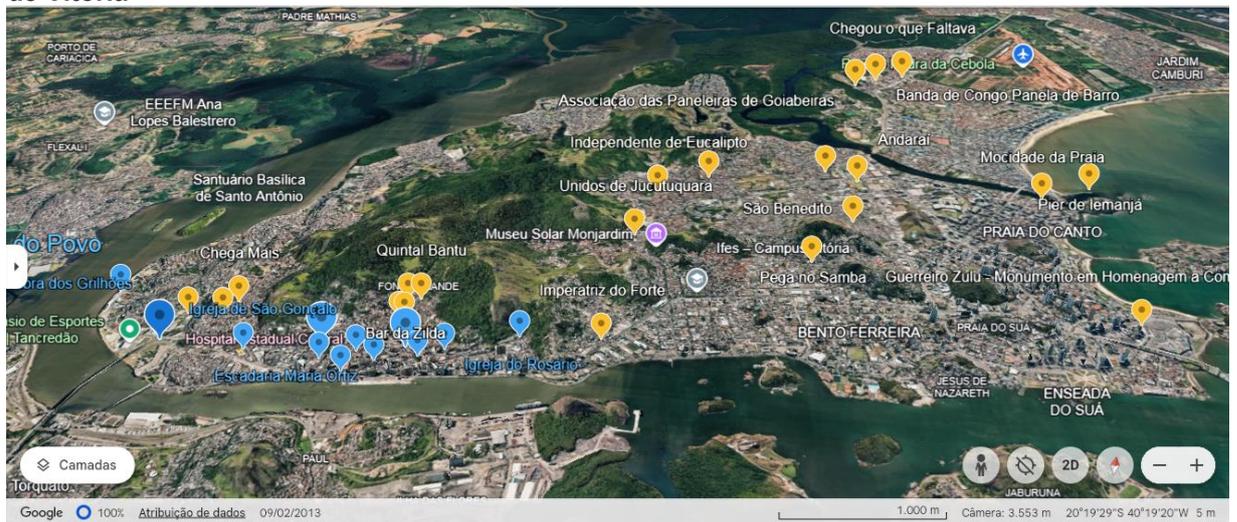
**Figura 9 (b) – Distribuição espacial dos territórios - Vista aérea a partir do aeroporto da cidade de Vitória**



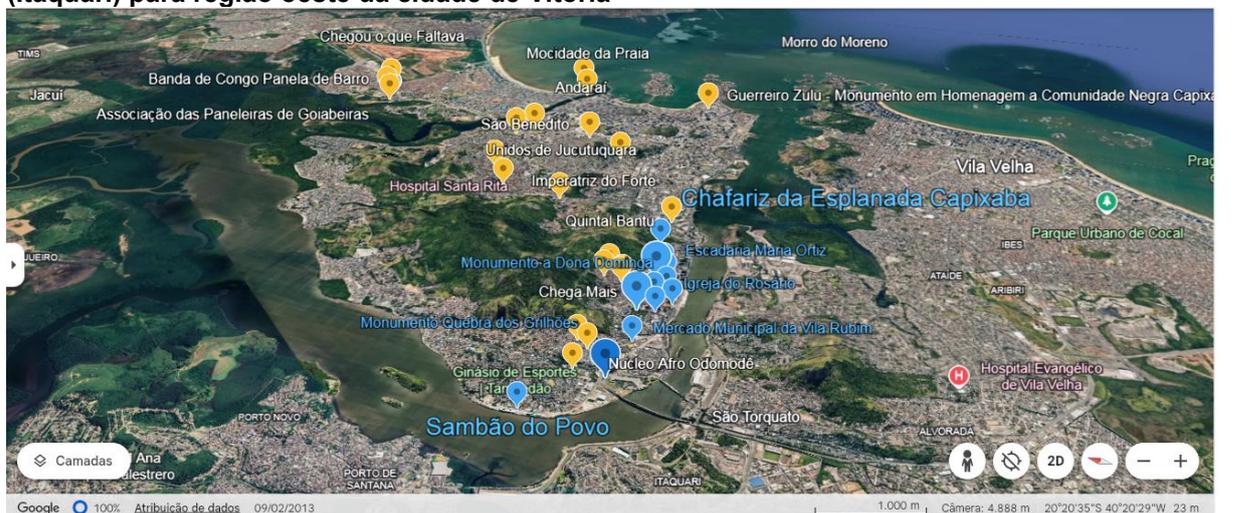
**Figura 9 (c) – Distribuição espacial dos territórios - Vista aérea a partir do mar da Ilha do Boi - leste da cidade de Vitória**



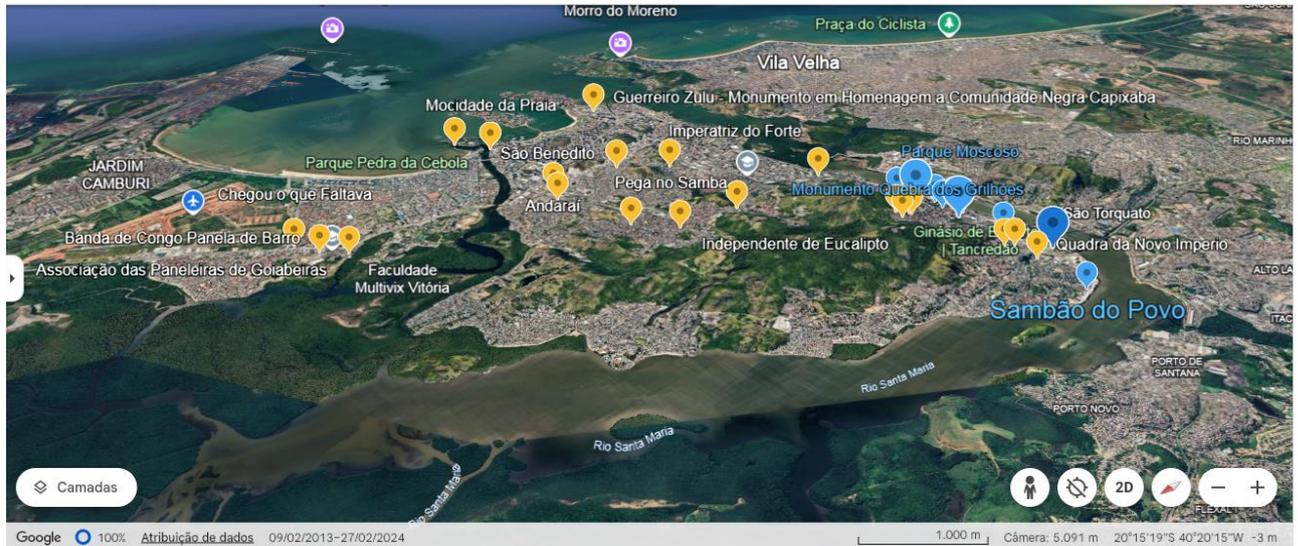
**Figura 9 (d) – Distribuição espacial dos territórios - Vista aérea a partir do mar da Porto da cidade de Vitória**



**Figura 9 (e) – Distribuição espacial dos territórios - Vista aérea a partir do Orla de Cariacica (Itaquari) para região oeste da cidade de Vitória**



**Figura 9 (f) – Distribuição espacial dos territórios - Vista aérea a partir do Orla de Cariacica (Porto de Santana) para região oeste da cidade de Vitória**



Como apresentado no Capítulo 4, desde o período colonial, a população negra em Vitória-ES tem se concentrado predominantemente na área entre as periferias da Cidade Alta e região administrativa de São Pedro. A análise, conforme ilustrado na Figura 9 (a, b, c, d, e, f) e dados da tabela 2, revela que é nesta área que temos a maior concentração dos territórios negros identificados, destacando-se o Centro Histórico da Cidade com mais de 10 territórios. Esta distribuição revela que a dinâmica demográfica pode ter significativa influência na formação e significação dos espaços urbanos.

O bairro da Piedade, que conta com mais de 40% de sua população identificada como negra, exemplifica como a presença significativa da população negra pode levar à criação e consolidação de espaços culturais relevantes. O bairro, conhecido por ter sido o berço do carnaval de blocos e por ter originado a primeira escola de samba oficial da cidade, a Unidos da Piedade, também abriga a banda de congo Vira Mundo, o Bar da Zilda e a Escadaria da Piedade. Estes locais são amplamente reconhecidos como centros do samba e manifestações da cultura negra local, refletindo e perpetuando as tradições e valores da comunidade negra em Vitória-ES. Além disso, nas regiões administrativas de São Pedro e Santo Antônio e Goiabeiras, onde a população negra varia entre 20,01% e 40%, também se observa uma presença significativa de territórios culturais como a escola de Samba Novo Império e o Sambódromo Walmor Miranda, por exemplo. Goiabeiras é o lar das tradicionais

paneleiras de Vitória. Embora a criação desses espaços não seja exclusivamente conduzida pela população negra, a significativa presença dessa comunidade contribui para o desenvolvimento e valorização desses territórios.

Em contraste, nas regiões de maior poder econômico, como Praia de Camburi e Enseada do Suá, onde a população negra representa menos de 5% do total da população, os espaços dedicados à memória e à contribuição da população negra como o Monumento a Iemanjá e Monumento ao Guerreiro Zulu, foram criados pelo poder público. Estes espaços visam reconhecer oficialmente e integrar culturalmente a contribuição da população negra à cidade, mesmo que sua presença nessas áreas seja relativamente baixa. Este cenário evidencia a diferença entre territórios criados e mantidos pela própria população negra e aqueles instituídos pelo poder público como forma de reconhecimento e homenagem.

Os territórios negros da cidade de Vitória-ES podem ser vistos como palimpsestos que revelam profundas camadas da história afro-brasileira, moldadas pela complexidade da escravidão, persistência do racismo estrutural e uma paisagem urbana marcada por rugosidades. Neste contexto, emergem não apenas como espaços geográficos, mas como cenários de resistência e resiliência cultural. Os territórios não só preservam tradições ancestrais, como também se configuram como plataformas de afirmação identitária e mobilização social. Explorar tais territórios fomenta discussões críticas geográficas, históricas, artísticas, sociológicas e de relações étnico-raciais sobre justiça social, pertencimento e os desafios enfrentados pelas comunidades afro-brasileiras na construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

## 7 PROPOSTA DE CIRCUITO PARA AULA DE CAMPO

O circuito foi planejado para uma experiência educativa, levando em consideração a proximidade dos territórios, a acessibilidade e a disponibilidade de recursos essenciais como pontos de descanso, alimentação e hidratação. A proximidade entre os locais permite uma integração contínua e contextualizada do espaço, reduzindo o tempo de deslocamento e maximizando o tempo dedicado às atividades educacionais. A acessibilidade garante a segurança e a participação plena dos alunos, enquanto a disponibilidade de pontos para descanso e refeições contribui para o bem-estar dos estudantes, mantendo seu engajamento e foco.

Este material não se configura como um manual rígido a ser seguido de forma inflexível, mas como um recurso para apoiar a ação pedagógica. Espera-se que o circuito proposto sirva como um guia para a construção de novos conhecimentos e para a transformação da realidade educacional, oferecendo uma perspectiva enriquecedora para o ensino e aprendizado da Geografia.

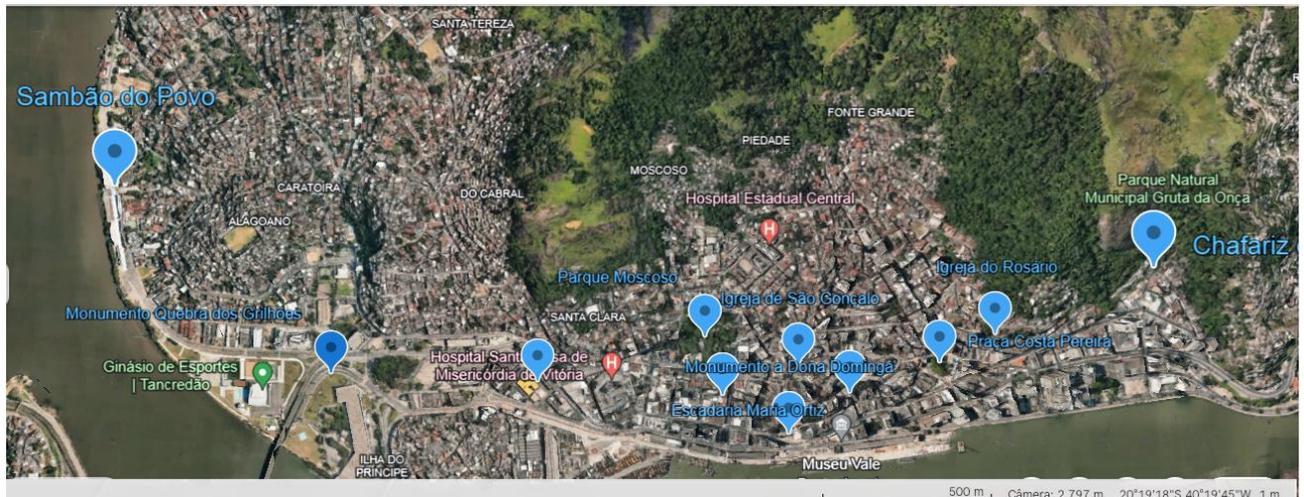
As dinâmicas culturais da cidade podem trazer elementos variáveis ao percurso, sendo possível vivenciar alguns eventos como os que acontecem na semana da consciência negra, por exemplo, enriquecendo a experiência da visita. Então consultar o calendário de eventos ou buscar informações junto as entidades competentes podem ampliar as possibilidades de abordagens no percurso do circuito. É necessário ainda verificar questões como horários de visita.

O circuito proposto tem deslocamento médio total de 5,3km, passando por 11 dos territórios identificados na pesquisa, com possibilidade de ser percorrido 100% totalmente a pé. Optou-se por iniciar pelo Sambódromo Walmor Miranda (Sambão do Povo), por ser um local com facilidade de estacionamento do transporte e desembarque do grupo e por diminuir a necessidade de subir as escadarias para se alcançar os territórios, facilitando a acessibilidade e impactando menos no desgaste físico do grupo. Na tabela 8 e figura 10 sintetizamos o circuito e trazemos informações em relação as coordenadas e distância média de deslocamento.

**Tabela 8 – Circuito Proposto - Identificação ponto de partida, pontos intermediárias e ponto de chegada, coordenadas UTM de cada território e distância média percorrida:**

	Território Negro	Coordenadas UTM		Distância Média Percorrida
Partida (A)	Sambódromo Walmor Miranda	358204	7752879	0
(B)	Monumento Quebra dos Grilhões	358810	7752500	0,5km
(C)	Vila Rubim – Mercado Municipal	359852	7752522	1,1km
(D)	Parque Moscoso	359852	7752604	2,2km
(E)	Museu Capixaba do Negro	359956	7752451	2,4km
(F)	Monumento Estátua Dona Dominga	360139	7752336	2,7km
(G)	Igreja São Gonçalo (Homens Pardos)	360158	7752508	3,0km
(H)	Ladeira do Pelourinho (Escadaria Maria Ortiz)	360295	7752485	3,2km
(I)	Praça Costa Pereira			3,6km
(J)	Rua Treze de maio	360443	7752646	3,7km
(K)	Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos	360736	7752623	4,1km
Chegada (L)	Chafariz da Capichaba	3611963	7752838	5,3km

**Figura 10 – Vista aérea do Circuito**



## 7.1. PERCORRENDO O CIRCUITO

O circuito proposto inicia com a visita ao complexo do Sambódromo. É possível experienciar dois momentos distintos: o período pré-desfiles (outubro e fevereiro) quando o complexo recebe os barracões de alegorias e a estrutura para receber os desfiles começa ser instalada; e o período pós desfile (entre meados de fevereiro e setembro), quando as estruturas estão desmontadas e quase tudo relacionado aos desfiles desaparecem do território. A transformação temporária do território destaca o

papel do Sambódromo como um território vital para a promoção, valorização, visibilidade e reconhecimento das práticas culturais e tradições afro-brasileiras, que se tornam o epicentro das celebrações carnavalescas. A temporariedade do uso do território, ao adaptar-se para o carnaval, proporciona discussões sobre alteração espacial, organização do fluxo de pessoas, a variação da identidade territorial, o impacto na economia local, o gerenciamento do impacto ambiental, a importância na preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro; a vivência dos usuários locais e visitantes; etc. Além de discussões sobre as intencionalidades do confinamento dos eventos ligados ao carnaval no local por parte do poder público.

**Foto 1 - Sambódromo Walmor Miranda (Sambão do Povo)**



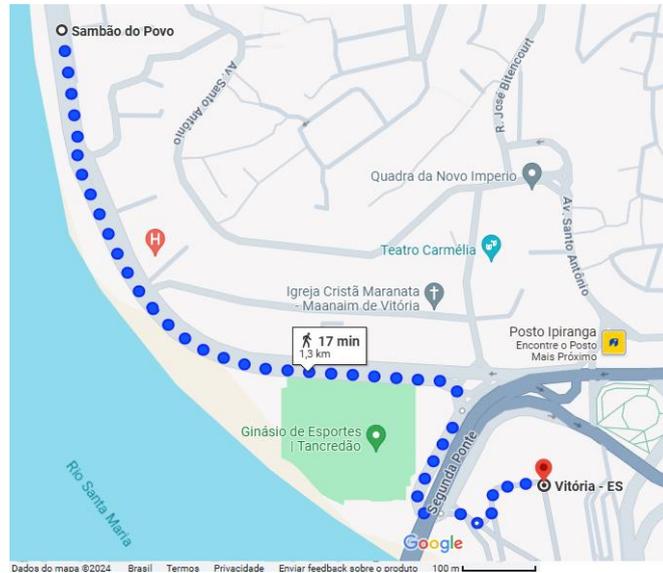
Foto: Aingrid Souza



Foto: Marcos Salles

Ao sair do Sambão do Povo e seguir em direção ao Monumento Quebra dos Grilhões – Memorial do Centenário da Abolição, é necessário percorrer uma distância média de 500 metros. Para garantir a segurança durante o trajeto, recomenda-se utilizar a calçada do Parque Tancredão, atravessar sob a Segunda Ponte e seguir até a calçada da Praça da Rodoviária. Há também a opção do deslocamento até o local ser realizada pelo transporte do grupo, pois há possibilidade para veículos próximo ao local.

**Figura 11 – Deslocamento Sambódromo Walmor Miranda ao Monumento Quebra dos Grilhões – Memorial do Centenário da Abolição**



O Monumento está situado nas proximidades da calçada, mas não possui sinalização visível que atraia a atenção dos transeuntes para sua observação. Este monumento possui uma importância simbólica significativa, pois serve para lembrar a sociedade sobre o período de escravidão e a desumanização da população negra. Contudo, encontra-se em uma localização com baixo fluxo de pedestres, ausência de placas informativas e falta de iluminação noturna, o que compromete sua visibilidade e valorização. A placa existente fornece apenas informações técnicas sobre o monumento, sem abordar a luta, resistência e relevância cultural dos afrodescendentes. Como um espaço de memória e identidade para a população negra, o monumento está em estado de abandono, evidenciado pela falta de manutenção e cuidados por parte do poder público. Esse descaso afeta tanto o patrimônio cultural, material e o simbólico do monumento. Integrar este espaço em um circuito de aula de campo pode ser um passo crucial para campanhas de conscientização e valorização, assegurando que o monumento continue a cumprir seu papel como símbolo de resistência e preservação histórica e receba os devidos cuidados e sinalizações importantes a sua visibilidade.

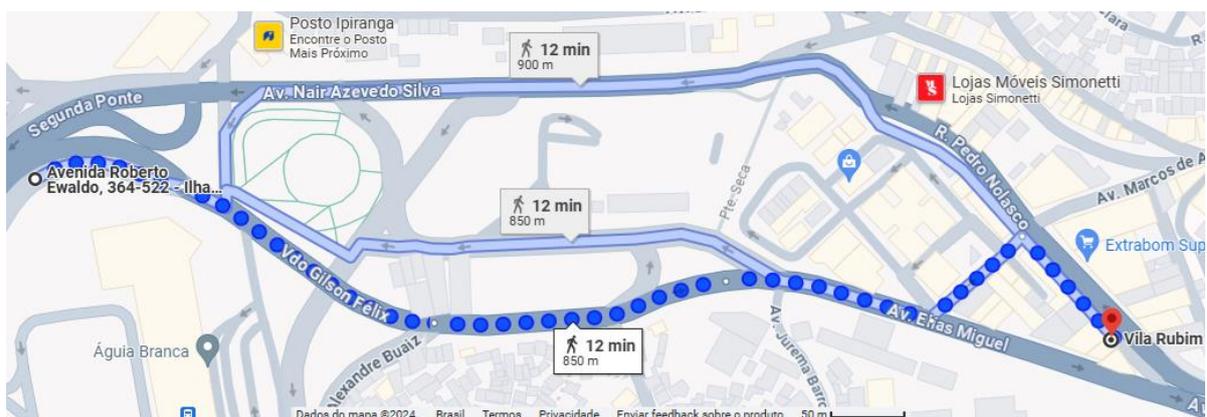
Foto 2 – Monumento Quebra dos grilhões – Memorial Centenário da abolição



Foto: Aingrid Souza

O trajeto do monumento "Quebra dos Grilhões" até o Mercado Municipal da Vila Rubim é de aproximadamente 600 metros. Inicie a caminhada pela calçada até o semáforo mais próximo. Após atravessar a avenida, continue pela Rua Aterro da Condusa até chegar à Ponte Seca, também conhecida como Ponte Florentino Ávidos. Após atravessar a ponte, siga diretamente até o Mercado Municipal da Vila Rubim. Há possibilidade de deslocamento com o veículo do grupo, pois há área de estacionamento.

Figura 12 – Deslocamento Monumento Quebra dos Grilhões – Memorial do Centenário da Abolição ao Mercado da Vila Rubim



O Mercado Municipal da Vila Rubim destaca-se como um território de resistência, sendo um dos poucos locais na Grande Vitória (ES) onde é possível adquirir produtos para rituais religiosos afro-brasileiros. Essas religiões enfrentam preconceito e estigmatização, o que afeta significativamente a vida da comunidade negra. A

presença desses produtos na Vila Rubim reflete a resistência cultural e a importância do espaço para a preservação das tradições afro-brasileiras. O território ainda contribuiu para as discussões sobre a marginalização dessa área da cidade, as transformações e processos de revitalização, oportunizando o diálogo interdisciplinar rico.

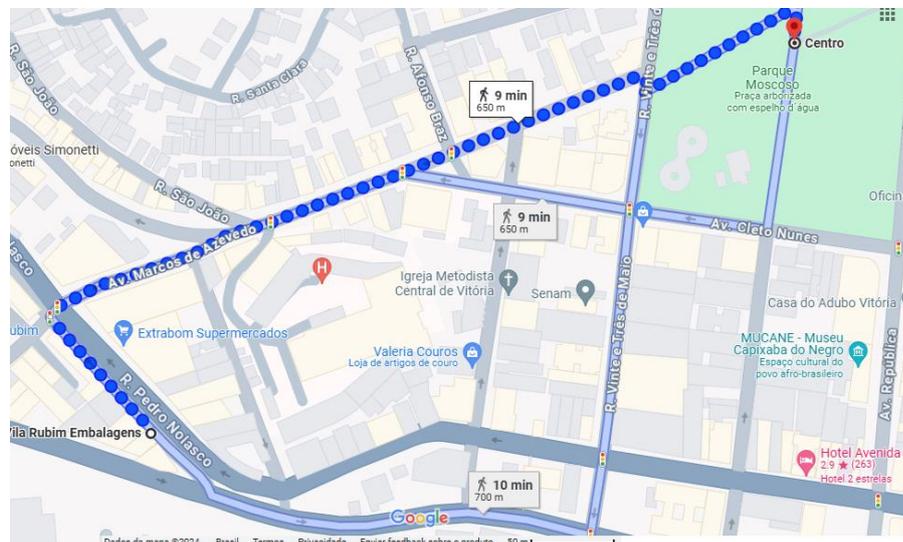
**Foto 3 – Mercado da Vila Rubim**



Foto: Aingrid Souza

A próxima parada é o Parque Moscoso. Saindo da Vila Rubim atravessamos a Rua Pedro Nolasco, alcançamos a Av. Marcos de Azevedo, e após percorrer cerca de 1,1km chegamos ao parque.

**Figura 13 – Deslocamento Mercado da Vila Rubim ao Parque Moscoso**



O Parque Moscoso é um território de múltiplas dimensões, pois carrega memória da escravidão do povo negro, e além disso, evidencia como espaços urbanos podem se transformar e adquirir novos significados ao longo do tempo. Após o período escravocrata o parque foi um dos berços do carnaval de blocos e dos movimentos culturais, como o hip-hop e a capoeira, que reforçam a identidade da comunidade negra.

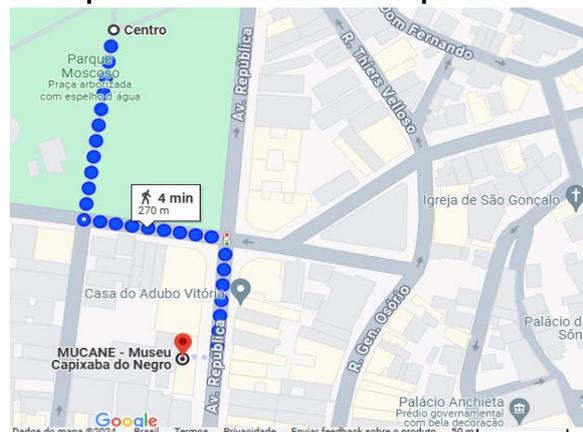
**Foto 4 – Parque Moscoso**



Foto: Aingrid Souza

Ao sair do Parque pelo portão que dá acesso à Avenida Cleto Nunes e atravessar o semáforo, chegamos à Avenida República. Após percorridos 350 metros, encontramos o Museu Capixaba do Negro (Mucane). É um ponto dentro do percurso ideal para utilização de sanitários, reabastecer água, descansar com segurança enquanto aprecia as atividades e área do Museu.

**Figura 14 – Deslocamento Parque Moscoso ao Museu Capixaba do Negro**



O edifício, construído em 1912, é um exemplo significativo do período de modernização urbana e sua transformação em museu marca um momento crucial na luta por reconhecimento e visibilidade da cultura negra na cidade. O Mucane tem como objetivo reconhecer, valorizar, promover e preservar a história negra no contexto urbano de Vitória. Suas exposições e atividades culturais são instrumentos essenciais para fortalecer a identidade cultural e disseminar o conhecimento histórico sobre a presença negra na sociedade. Assim, o Mucane transcende sua função como um edifício, ele é uma representação simbólica e um território de promoção da identidade e memória negra na cidade. Através de sua história e função, o Mucane exemplifica como o espaço urbano é moldado e transformado pelas práticas culturais e sociais. Ele reflete a complexa relação entre espaço, identidade e poder.

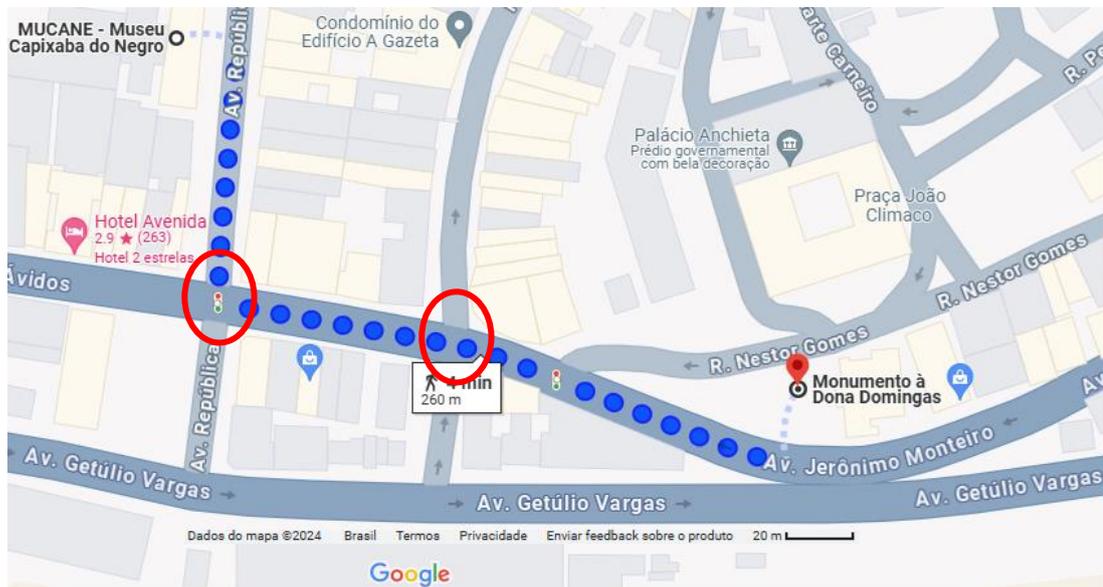
**Foto 5 – Museu Capixaba do Negro**



Foto: Aingrid Souza

Ao percorrermos a Avenida República, chegamos à Avenida Jerônimo Monteiro. Após um trajeto de 300 metros, deparamo-nos com o Monumento – Estátua de Dona Dominga. Neste trajeto é necessário bastante atenção do grupo, pois é necessário atravessar o cruzamento da Avenida República com a Av. Jerônimo e logo em seguida o Cruzamento da Av. General Osório com a Av. República (figura 15, marcação em círculo vermelho), mesmo a existência de semáforo de sinalização a travessia para os pedestres precisa ser realizada com bastante atenção. Em relação à segurança no deslocamento a pé pelo circuito proposto este é o trecho que demanda mais cuidado e atenção com o grupo para manter a segurança.

**Figura 15 – Deslocamento Museu Capixaba do Negro ao Monumento Estátua de Dona Dominga**



A estátua, situada em um espaço de destaque inferior ao imponente Palácio Anchieta, ilustra simbolicamente a disparidade entre as representações de poder. Enquanto o Palácio Anchieta domina a paisagem de forma grandiosa, a figura de Dona Dominga, fica discreta, porém carrega uma importante carga simbólica. A presença de uma mulher negra em um espaço público, mesmo que sutil, é um poderoso símbolo de empoderamento e resistência da comunidade negra, que faz parte integral da sociedade de Vitória. Apesar de Dona Dominga não ser associada a feitos heroicos específicos, sua imagem serve como uma “heroína” simbólica, representando a persistência e a necessidade de ocupação de todos os espaços pela população negra. Essa estátua pode ser interpretada através da perspectiva de Milton Santos sobre a visibilidade reduzida dos sujeitos hegemonzados. Ela pode ser vista como um território simbólico que reflete a resistência da população negra contra a discriminação e marginalização. Ao utilizar a estátua como um ponto de partida para discussões sobre território, hegemonia e justiça social, é possível destacar os desafios enfrentados pela comunidade negra, como a discriminação e a falta de oportunidades. Esse enfoque contribui para a conscientização sobre as desigualdades estruturais que afetam a população negra, promovendo um diálogo mais amplo sobre a necessidade de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. A estátua de Dona Dominga, portanto, não apenas marca um ponto de referência geográfico, mas também serve como um catalisador para a reflexão e discussão sobre justiça social e a luta pela igualdade.

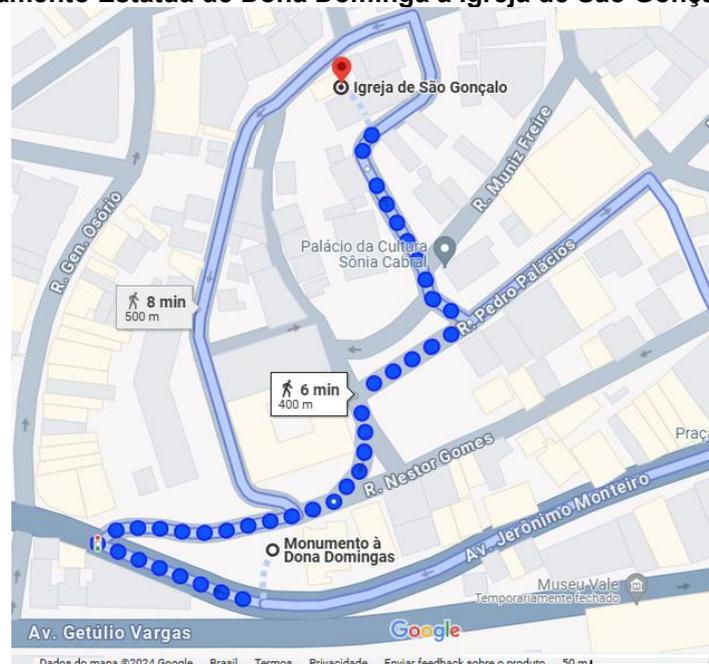
Foto 6 – Monumento - Estátua de Dona Dominga



Foto: Aingrid Souza

Percorrendo 300m após subir o conjunto da escadaria Bárbara Monteiro Lindenberg ou a Rua Nestor Gomes alcançamos a Cidade Alta e passando pela rua São Gonçalo encontramos a Igreja de São Gonçalo.

Figura 16 – Deslocamento Estátua de Dona Dominga a Igreja de São Gonçalo



A Igreja de São Gonçalo em Vitória, ES, é um exemplo notável de como a história e a memória de um território podem ser reconfiguradas ao longo do tempo. Sua origem revela um vínculo profundo com a história afro-brasileira, mas a maneira como essa história é percebida e valorizada atualmente sofreu uma transformação significativa. A Igreja de São Gonçalo pode ser vista como um espaço que foi originalmente

moldado pela necessidade de uma comunidade negra, composta por pardos escravizados e livres, professar sua religiosidade, sendo um espaço de culto, mas também um símbolo de resistência diante da opressão. Na atualidade percebe-se um apagamento da memória desse espaço históricos, uma vez que seu reconhecimento e importância se revela pela superstição de que os casamentos nela realizados são duradouros, ou seja, passa a ser reconhecida, de acordo com registro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN - Tombamento: Livro das Belas Artes, em 06/11/1948 e Livro Histórico, em 08/11/1948 ) como "a igreja dos casamentos duradouros", o que reflete uma transformação significativa na forma como ela é percebida e utilizada. A ênfase em casamentos duradouros pode ser percebida como uma forma de apropriação do espaço para fins comerciais, que desvia a atenção do seu passado negro e escravocrata. As territorialidades não são fixas; elas se sobrepõem e se transformam conforme as dinâmicas sociais, econômicas e culturais mudam, mas a maneira como esse território passa a ser reinterpretado e apropriado enfraquece ou até mesmo invisibiliza o vínculo com a memória negra e o passado escravista da cidade. Na paisagem a igreja precisa ser lida como um testemunho da luta e resistência desses grupos. O fato de que esses espaços, originalmente criados como centros de identidade e cultura negra, possam ser reconfigurados para fins que não reconhecem ou celebram esse passado, revela um aspecto importante da dinâmica de poder e da construção da memória urbana.

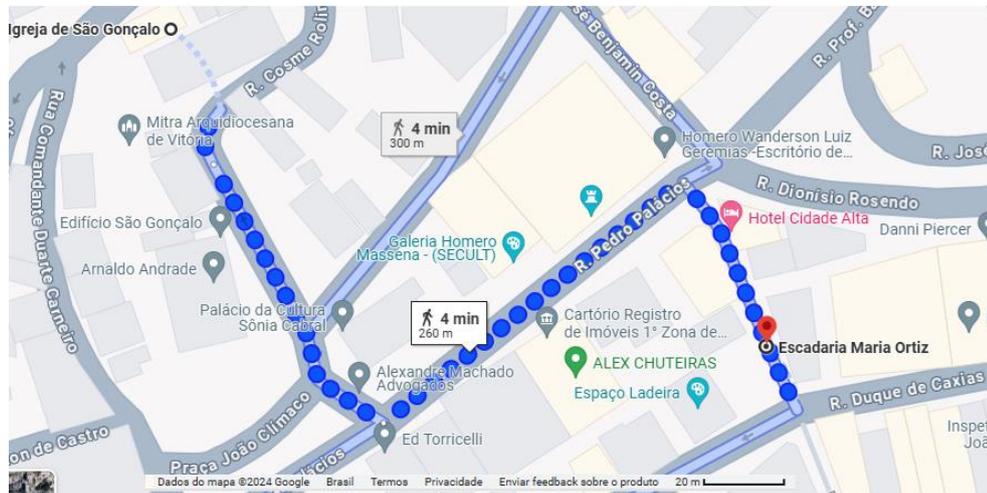
**Foto 7 – Igreja de São Gonçalo**



Foto: Aingrid Souza

Ao sairmos da Igreja São Gonçalo caminhamos cerca de 260m, passando pela Rua Pedro Palácios e chegamos à Ladeira do Pelourinho-Escadaria Maria Ortiz.

**Figura 17 – Deslocamento Igreja de São Gonçalo a Ladeira do Pelourinho-Escadaria Maria Ortiz**



A mudança de toponímia da Ladeira do Pelourinho para Escadaria Maria Ortiz em Vitória-ES oferece um rico campo para discussões sobre geografia, memória e identidade. A toponímia é um elemento crucial na construção da identidade territorial, uma vez que os nomes dos lugares não apenas refletem, mas também moldam a forma como percebemos e nos relacionamos com os espaços ao nosso redor. A toponímia tem o poder de carregar e transmitir significados históricos e culturais. O nome original, Ladeira do Pelourinho, remete a uma época de opressão e sofrimento, associado à escravidão e à violência infligida aos negros. O pelourinho era um símbolo de controle e punição pública durante o período colonial, e sua presença em um nome de lugar lembra o passado doloroso e a opressão que marcou a história da cidade. A mudança de nome conduz a reapropriação e ressignificação do espaço, assim, o novo nome busca reconhecer e celebrar uma contribuição positiva e valente, promovendo uma identidade mais inclusiva e orgulhosa da herança capixaba. A mudança de nome pode ser vista como um esforço para valorizar a figura da mulher heroína, o que contribui para uma narrativa mais inclusiva e diversificada, oferecendo um novo marco de identidade que celebra conquistas e resistências, por outro lado, a mudança contribuiu para o apagamento ou minimização da memória do sofrimento dos negros que ocorreram no mesmo local. A violência e a injustiça que marcaram a Ladeira do Pelourinho são partes importantes da história que não devem ser simplesmente

substituídas, mas sim integradas à narrativa atual para que o aprendizado e a reflexão sobre o passado persistam. Transformar um espaço associado a dor em um símbolo de vitória pode criar uma narrativa incompleta, onde o sofrimento e a luta dos negros não são suficientemente reconhecidos ou discutidos. A história não deve ser apenas celebrada, mas também compreendida em suas múltiplas dimensões. Incluir este local no circuito de aula de campo contribui para o desafio de integrar a história dolorosa com a nova narrativa, garantindo que ambos os aspectos — o sofrimento e a resistência — sejam parte de uma compreensão mais rica e completa do espaço e da identidade local.

**Foto 8 – Ladeira do Pelourinho – Escadaria Maria Ortiz**

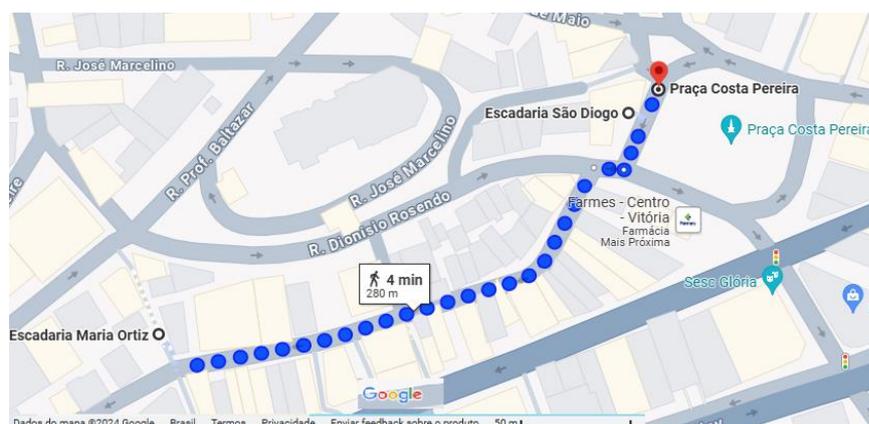


Foto: Aingrid Souza

Fonte: *Escravo no pelourinho - Debret, 1835.*

Seguindo pela rua Duque de Caxias ou pela Rua Dionísio Rosendo alcançamos a escadaria São Diogo e ao final da escadaria chegamos a Praça Costa Pereira (percurso de 300m).

**Figura 18 – Deslocamento Ladeira do Pelourinho-Escadaria Maria Ortiz a Praça Costa Pereira**



A Praça Costa Pereira é um ponto de parada fascinante para o estudo de como as dinâmicas urbanas e culturais podem sobrepor e interagir territorialidades. As discussões, por exemplo, podem ser estruturadas em alguns eixos, como por exemplo: a sobreposição de territorialidades, o papel da toponímia e a relevância dos eventos culturais. No período colonial, a área foi utilizada predominantemente por negros para atividades laborais e residenciais. Isso configura a praça como um território negro na cidade, refletindo a organização espacial e social da época. A dinâmica de urbanização moderna trouxe mudanças significativas alterando os usos e a composição de seus frequentadores. A presença do Teatro Carlos Gomes e o uso para eventos culturais variados como samba, hip-hop e capoeira introduzem novas camadas de significado e apropriação do espaço. Essa transformação não elimina o passado, mas o sobrepõe com novas formas de vivência e expressão.

A mudança do nome para Praça Costa Pereira, em homenagem a José Fernandes da Costa Pereira Júnior, uma figura significativa na abolição da escravidão e presidente da província do Espírito Santo, reforça a identidade histórica e cultural do local. A toponímia serve não apenas como uma referência histórica, mas também como um meio de afirmar e reconhecer a importância da luta contra a escravidão e a resistência negra. O nome ajuda a perpetuar a memória e o fortalecimento da identidade negra associada ao espaço.

A diversidade de eventos, como o samba, hip-hop, capoeira e o projeto “Por Todas Nós: aquilombando a Costa Pereira”, promove a continuidade de um espaço de celebração da identidade negra. Esses eventos não apenas atraem um público diversificado, mas também servem como plataformas para a expressão e resistência cultural. Ao serem realizados em um espaço com uma herança negra, eles promovem a cultura criando um ponto de referência e encontro para a comunidade negra e para todos aqueles interessados em sua rica tradição. Além disso os eventos culturais contribuem para que a praça não seja vista apenas como um espaço urbano, mas como um símbolo vivo da cultura e da luta negra. Esses eventos permitem que a comunidade negra se reconecte com seu passado, reafirme seu presente e projete seu futuro.

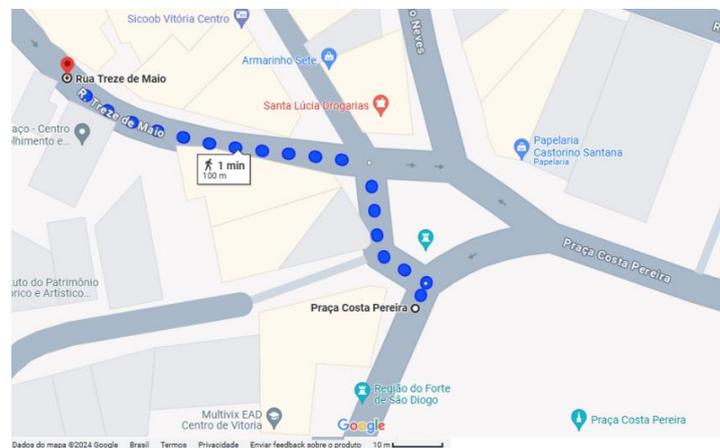
Foto 9 – Praça Costa Pereira



Foto: Aingrid Souza

Conectada a Praça Costa Pereira encontramos a Rua 13 de Maio (antiga Rua do Piolho). O atual nome da rua é referente a data em que o estado brasileiro assina oficialmente a abolição da escravidão por meio da Lei 3353, de 13 de maio de 1888, Lei Áurea.

Figura 19 – Deslocamento Praça Costa Pereira a Rua 13 de maio



A Rua 13 de Maio pode ser analisada como um território social significativo para a população negra durante o período colonial em Vitória-ES sob as perspectivas de Henri Lefebvre sobre a produção social do espaço e de David Harvey sobre a justiça espacial e a distribuição desigual dos recursos urbanos. Henri Lefebvre, em sua teoria da *Produção do Espaço*, argumenta que o espaço não é um ente neutro, mas sim socialmente produzido e moldado por práticas e relações sociais. Nesse sentido, a

Rua 13 de Maio, localizada na periferia da cidade colonial, com condições de baixa salubridade e habitabilidade, foi um espaço que, apesar da marginalização, serviu como um território de resistência e resiliência cultural para a população negra. A rua de acordo com Pedrosa (2023) era um local onde a comunidade negra estabeleceu moradia, relações sociais, culturais e econômicas, contribuindo para a formação de uma identidade comunitária negra, mesmo diante das adversidades.

David Harvey, em sua teoria da *Justiça Espacial*, explora como a distribuição espacial e a qualidade dos espaços urbanos são influenciadas por relações de poder e desigualdades históricas. A Rua 13 de Maio, apesar de não preservar atualmente as características físicas da época colonial, possui um valor patrimonial e histórico significativo. A memória associada à Rua 13 de Maio, marcada por sua história de resistência e identidade cultural, é um aspecto crucial que ilustra como a geografia de um espaço pode refletir e perpetuar desigualdades.

Passar por essa Rua pode suscitar discussões geográficas sobre as interações complexas entre identidade, poder e exclusão. A análise do local com o olhar das teorias de Lefebvre e Harvey podem permitir a compreensão de sua importância histórica e cultural para a população negra e a cidade de Vitória. Inserir a Rua 13 de Maio no circuito de uma aula de campo pode ainda ajudar a promover políticas de valorização cultural e patrimonial sobre o reconhecimento desse território, contribuindo para a reparação de injustiças históricas e para a promoção da equidade urbana.

**Foto 10 – Rua 13 (Treze) de Maio**



Foto: Aingrid Souza



Apesar de sua relevância como patrimônio histórico, arquitetônico, artístico e paisagístico federal, registrado no Livro de Tombo Histórico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a Igreja Nossa Senhora do Rosário, após cortes de verbas da Prefeitura de Vitória para o programa Visitar o Centro, teve suas portas fechadas, pois ao ser excluída do programa enfrentou dificuldades para manter a segurança do espaço e guias responsáveis pelo acompanhamento das visitas regulares do público (FRIEDRICH, 2024). A ausência de investimentos públicos compromete não apenas o desenvolvimento do turismo promovido pelo programa Visitar, mas também a preservação da memória associada a este território negro. Essa situação suscita reflexões sobre as possíveis relações entre os cortes de verbas destinadas a este monumento e a alocação de recursos para outros monumentos na cidade. A inclusão ou exclusão de determinados locais em programas turísticos pode moldar a percepção pública sobre a valorização desses espaços. Essas questões são essenciais para compreender a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos não apenas como um patrimônio histórico, mas também como um elemento fundamental da identidade e da cultura negra em Vitória. Além disso, essas discussões ilustram como as questões políticas podem impactar a preservação e a acessibilidade desse bem cultural.

Em relação a Escadaria do Rosário, que é o único acesso a Igreja do Rosário, cabe destacar que além de fazer parte do conjunto arquitetônico tem papel relevante para a comunidade do Hip-Hop, pois o local é referência para eventos e encontros destinados a fomentar a cultura na cidade. A Escadaria do Rosário, ao ser um ponto de encontro para a prática do Hip-Hop, assume um papel crucial como espaço de expressão cultural e resistência. O Hip-Hop, como movimento cultural e social, é uma forma de resistência e afirmação da identidade negra, e sua presença nesse local reforça o vínculo entre espaço e cultura. Estes eventos além da contribuição para o desenvolvimento social e cultural da área, atraindo visitantes impacta também na percepção pública sobre a importância histórica e cultural da escadaria.

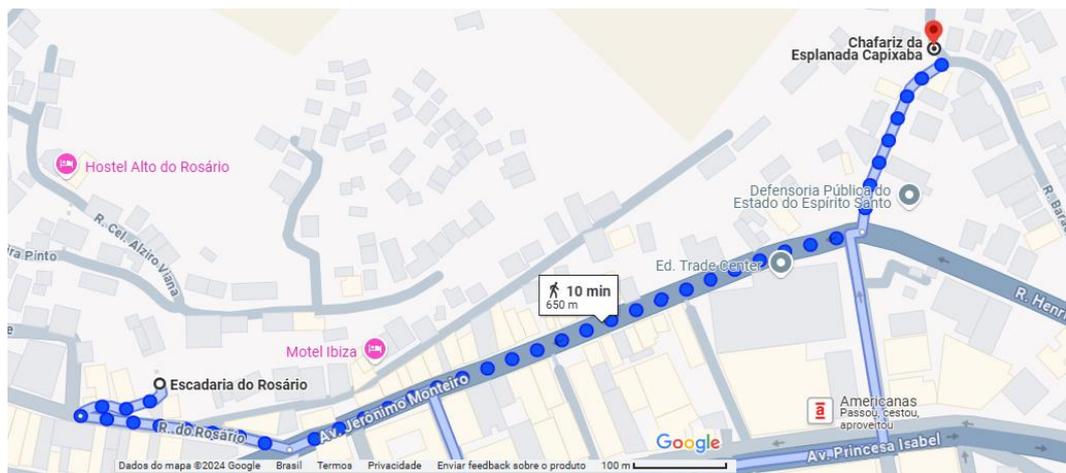
Foto 11 – Igreja Nossa Senhora do Rosário – Escadaria do Rosário



Foto: Aingrid Souza

Ao terminar a visita a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos seguimos para o Chafariz da Capichaba. Caminhando pela Rua do Rosário alcançamos a Av. Jerônimo Monteiro, próximo a Casa Porto das Artes Plásticas e Defensoria Pública do Estado do Espírito Santo, acessamos a Rua Barão de Monjardim, onde entrada do Parque Municipal Gruta da Onça, encontramos o Chafariz da Capichaba (deslocamento médio de 700m).

Figura 21 – Deslocamento da Igreja Nossa Senhora do Rosário ao Chafariz da Capichaba



Encerrar o percurso no Chafariz da Capichaba foi uma escolha guiada pela possibilidade de estacionamento do transporte do grupo, área sombreada para descanso, via com menor fluxo de trânsito de veículos, com estabelecimentos comerciais próximos, como restaurantes e lanchonetes, e especialmente por ser um

ponto de análise para compreender aspectos mais amplos da geografia urbana, social e cultural. Ao olhar para o Chafariz pode-se ter a ideia de que por não mais servir ao abastecimento de água este perde sua importância e relevância, mas o olhar deve ser guiado não para a função de servir água na atualidade, mas da sua importância social histórica para a cidade de Vitória. O Chafariz é um elemento importantíssimo e que deve ser explorado para pensar: a evolução da infraestrutura urbana de Vitória, focando em como os chafarizes eram essenciais para o abastecimento de água e a organização da cidade; a mobilidade e socialização urbana dos escravizados, como este ponto de serviço permitia aos negros da cidade colonial alguns momentos de socialização durante a execução dos seus trabalhos de lavagem de roupas ou abastecimento de água da casa dos seus senhores; o patrimônio enquanto um monumento histórico artístico; as tecnologias e infraestrutura de abastecimento e distribuição de água nas cidades.

**Foto 12 – Chafariz da Capichaba**



Foto: Aingrid Souza

## 8 CONCLUSÕES

Esta pesquisa buscou identificar e mapear territórios negros na cidade de Vitória-ES, propondo um circuito para aulas de campo no intuito de possibilitar discussões geográficas sobre o tema que já vem sendo amplamente abordado na história, artes, sociologia, relações étnico-raciais.

Ao adotar um olhar crítico sobre a tendência predominante de nos concentrar apenas nos pontos de vista hegemônicos, nossa pesquisa procurou destacar territórios de significativa relevância cultural e histórica, que muitas vezes passam despercebidos no cotidiano da sociedade. Transitar frequentemente por esses lugares, muitas vezes, torna o olhar desatento e não percebemos os detalhes sutis e importantes da paisagem, que são fundamentais para a compreensão da rica e diversificada cultura. O circuito proposto é um convite para reverter essa tendência, oferecendo aos participantes a oportunidade de observar e refletir sobre aspectos da cultura negra que são essenciais para a constituição da identidade local e brasileira.

A realização de aulas de campo com um olhar atento para esses territórios contribui significativamente para a educação e para o fortalecimento do respeito e da valorização da herança afro-brasileira. Ao enriquecer a compreensão dos estudantes e da comunidade em geral sobre o papel crucial que os negros, africanos e afro-brasileiros, desempenharam e desempenham na formação da cultura local. A abordagem pedagógica reforça o compromisso com uma geografia mais inclusiva e equitativa. Dessa forma, o circuito proposto tem o potencial de enriquecer a formação acadêmica dos alunos e também promover maior reconhecimento e valorização dos territórios negros. O olhar atento e a reflexão crítica são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e consciente, onde todas as contribuições culturais são devidamente apreciadas e respeitadas.

Ao concluir este trabalho, reafirmamos a importância de reconhecer e integrar os territórios negros no contexto educacional e social, como parte essencial para a construção de uma narrativa mais completa e inclusiva sobre a história e a cultura negra de Vitória-ES. A proposta deste circuito para aulas de campo serve como um convite à reflexão e ao respeito pela rica herança cultural da população negra, visando a valorização genuína e duradoura desses territórios.

## 9 REFERÊNCIAS

A GAZETA. História: Sambão do Povo foi erguido em 112 dias. Publicado em 22 de fevereiro de 2019. Disponível <https://www.agazeta.com.br/es/gv/historia-sambao-do-povo-foi-erguido-em-112-dias-0219>. Acessado em: 09/08/2024

ANDRADE, Gustavo. História: 60 anos de desfiles no carnaval capixaba. Site O Melhor da Música Capixaba. 2015. Disponível < <https://www.omelhordamusicacapixaba.com/2015/02/historia-60-anos-de-desfiles-no.html>> . Acessado em: 09/08/2024

ANDRADE, Gustavo. Mar de Monstros reúne grandes nomes do rap em batalha de MCs e shows, em Vitória. *O Melhor da Música Capixaba*, 11 nov. 2022. Disponível em: <https://www.omelhordamusicacapixaba.com/2022/11/mar-de-monstros-reune-grandes-nomes-do.html>. Acesso em: 11 ago. 2024.

ANJOS, José Luiz dos; TAVARES, Otávio; SANETO, Juliana Guimarães. Bandas de Congo e política oficial: cenários de tradições e transformações estéticas corporais. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 4, p. 897-911, out./dez. 2013.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (SECULT). Exposição Sete Caminhos: do Maes ao Quintal Bantu. Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio del Santo (Maes), 2022. Disponível em: <https://www.es.gov.br/Noticia/exposicao-sete-caminhos-do-maes-ao-quintal-bantu-promove-primeiro-debate-sobre-a-mostra>. Acesso em: 30 ago. 2024.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (SECULT). *Funcultura: Natan Dias e Rafael Segatto promovem curso sobre os usos da biodiversidade na arte contemporânea*, 2023. Disponível em: <https://secult.es.gov.br/Not%C3%ADcia/funcultura-natan-dias-e-rafael-segatto-promovem-curso-sobre-os-usos-da-biodiversidade-na-arte-contemporanea>. Acesso em: 30 ago. 2024.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (SECULT). Noite de celebração marca evento do Prêmio Hip Hop Capixaba. *Secretaria da Cultura do Espírito Santo*, 22 jun. 2024. Atualizado em 26 jun. 2024. Disponível em: <https://secult.es.gov.br/Not%C3%ADcia/noite-de-celebracao-marca-evento-do-premio-hip-hop-capixaba>. Acesso em: 11 ago. 2024.

Atlas do Folclore Capixaba / Usina de Imagem; Coordenação de Humberto Capai; Fotografias da Usina de Imagem - Espírito Santo, SEBRAE, 2009.

AUGUSTO, TUANI GUIMARÃES DE ÁVILA. Regional da Nair e a constituição de espacialidades no Bar da Zilda. In: VIII Semana de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2014, Vitória. Anais da Semana de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.

AZAMBUJA, J. A aula de campo como ferramenta interdisciplinar. In: Ensino e Conhecimento, v. 15, p. 180-190, 2012.

AZEVEDO DE ALMEIDA, Juliana. As impossíveis relações entre a capoeira capixaba e o candomblé. *Revista Ágora*, v. 31, n. 2, e-2020310210, 2020, ISSN: 1980-0096

BARROCA, Aldo José. "Dona Domingas, importante mulher na cultura capixaba." *Tribuna Livre*, 11 jun. 2021. Disponível em: <https://tribunaonline.com.br/coluna/tribuna-livre/dona-domingas-importante-mulher-na-cultura-capixaba-96714?home=esp%C3%ADrito+santo>. Acesso em: [data de acesso].

BEM BRASIL. Juventudes. Núcleo Afro Odomodê. Vitória-ES, 2024. Disponível em: <[NÚCLEO AFRO ODOMODÊ - Bem Brasil - Instituto de Desenvolvimento Social](#)>. Acessado em: 19/08/2024.

BORÉM, Alberto. É lei! Cultura Hip Hop vira patrimônio imaterial do Espírito Santo. *A Gazeta*, 4 jan. 2023. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/e-lei-cultura-hip-hop-vira-patrimonio-imaterial-do-espírito-santo-0123>. Acesso em: 11 ago. 2024.

BRASIL. Lei 2040, de 28 de setembro de 1871. Lei do Ventre Livre. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim2040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm). Acesso em: 16/07/2024.

BRASIL. Lei 3353, de 13 de maio de 1888. Lei Áurea. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/LIM3353.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm). Acesso em: 16/07/2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/DCN-s%20-%20Educacao%20das%20Relacoes%20EtnicoRaciais.pdf>. Acesso em: 16/07/2024.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. A natureza do espaço para Milton Santos. *GEOGRAFARES*, nº 6, 2008

CARBONELL, C. A prática pedagógica e o ensino de Geografia. In: *Educação e Ensino*, v. 8, p. 45-60, 2002.

CAUS, Celso Luiz. Das fontes e chafarizes às águas limpas: evolução do saneamento no Espírito Santo. Vitória-ES: Cesan, 2012

CHAFIK, Armando. Projeto da Cidade do Samba Capixaba. *Revista Eletrônica Viva Samba*. Publicado em 24/07/2024. Disponível <<https://vivasamba.com.br/noticias/projeto-da-cidade-do-samba-capixaba/>>. Acessado em: 09/08/2024.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CORDEIRO, A.; OLIVEIRA, M. *Práticas educativas em Geografia*. In: *Ensino e Prática*, v. 5, p. 150-165, 2011.

DA SILVA, Sandra Gorete Alves. A IMPORTÂNCIA DA AULA DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS DE 6º ANO. UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AL. 2021

DA SILVA, Sandra Gorete Alves. *A importância da aula de campo no ensino de Geografia para alunos de 6º ano*. Universidade Federal de Alagoas, Palmeira dos Índios – AL, 2021.

DAL GOBBO, Eliane. Mercado da Vila Rubim, seus aromas, cores e religiosidades. Blog Por aí, dicas de viagem, 2020. Disponível em: <[Mercado da Vila Rubim, seus aromas, cores e religiosidades – Por aí \(wordpress.com\)](#)>. Acessado em: 19/08/2024.

DIAS, Guilherme Soares. Guia Negro de Vitória: oito dicas de cultura e turismo. Revista Eletrônica Guia Negro. 2023. Disponível em: < [Guia Negro de Vitória: oito dicas de cultura e turismo - Guia Negro](#)>. Acessado em: 19/08/2024.

ES 360. Mural com mulheres que fizeram história no ES será entregue em Vitória: a obra faz parte do Projeto “Cores que Acolhem – Colorindo o Centro”. Publicado em 07 mar. 2022. Disponível em: [[Mural com mulheres que fizeram história no ES será entregue em Vitória - ES360](#)]. Acesso em: [13/10/2024].

FERREIRA, Simone Rangel Batista. Quilombolas do Sapê do Norte: a territorialidade revivida pela memória. In: Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFES, 2011, Vitória – ES. Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES, 2011. v. 1. p. 1-17.

FERREIRA, Gilton Luis, 1966- F383r A reinvenção da cidade: a transformação das ruas e o reordenamento da vida na cidade de Vitória/ES–1890/1928 / Gilton Luis Ferreira. – 2016. 293 f. : il.

FOLHA VITÓRIA. Circuito Afro apresenta espaços de valorização da cultura negra em Vitória. 2017. Disponível em: < [Circuito Afro apresenta espaços de valorização da cultura negra em Vitória \(folhavitória.com.br\)](#)> Acessado em 19/08/2024.

FRIEDRICH Mariah. Igreja do Rosário em Vitória reabre com apresentação de filarmônica. Revista Eletrônica ESBrasil. Disponível < [Igreja do Rosário reabre com apresentação de filarmônica \(esbrasil.com.br\)](#)>. Acessado: 25/08/2024

FRIEDRICH Mariah. Samba de segunda a segunda na Grande Vitória. Revista Eletrônica ESBrasil. Disponível < <https://esbrasil.com.br/samba-de-segunda-a-segunda-na-grande-vitoria/>>. Acessado: 09/08/2024

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz et al. (Org.). A Emergência da multiterritorialidade: a resignificação da relação do humano com o espaço. Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008. p. 19-36.

HAESBAERT, Rogério. Dos multiplus territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, setembro de 2004.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, v. 9, n. 17, 8 fev. 2010.

HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna: Conhecimento e Totalidade no Final do Século XIX*. Editora Brasileira, 1989.

HELEODORO, Beatriz. Carnaval 2023: confira a programação dos blocos de rua pelo Espírito Santo. *A Gazeta*, Vitória, 24 fev. 2023. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/hz/cultura/carnaval-2023-confira-a-programacao-dos-blocos-de-rua-pelo-espírito-santo-0223>. Acesso em: 11 ago. 2024.

JUSTEN, S.; CARNEIRO, M. Competências essenciais no ensino de Geografia. In: *Revista de Didática Geográfica*, v. 12, p. 5-15, 2009.

KHOURY, Felipe. Batalha de rimas no ES terá R\$ 9 mil em prêmios e shows de Dudu, Vk Mac e Afronta MC. *A Gazeta*, 25 nov. 2022. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/batalha-de-rimas-no-es-tera-r-9-mil-em-premios-e-shows-de-dudu-vk-mac-e-afronta-mc-11-25-2022>. Acesso em: 11 ago. 2024.

LEFEBVRE, Henri. *A Produção do Espaço*. Editora Paz e Terra, 1974.

LIBÂNEO, J. *Didática e Formação de Professores*. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, A.; ASSIS, J. O trabalho de campo na Geografia. In: *Revista de Ensino de Geografia*, v. 3, p. 110-125, 2005.

LIMA, F. A. S. (1994). *A Transformação Urbana de Vitória: A Década de 1940 e o Desenvolvimento Integrado*. Editora Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

LIMA, F. T. (1993). *Vitória: Formação e Transformação Urbana*. Editora da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

LOUREIRO, Walk; SOEIRO, Lucas Borges; LOUREIRO, Danielle Queiroz Pereira. Áreas informais de lazer da cidade de Vitória, Espírito Santo: Oportunidade que não é para todos; XX CONBRACE – VII CONICE. Goiânia-GO. 2017

MACIEL, Cléber. "Negros no Espírito Santo". publicação da coleção Canaã do APEES, 2016.

MACIEL, Cleber. *Negros no Espírito Santo / Cleber Maciel; organização por Osvaldo Martins de Oliveira. –2ª ed. – Vitória, (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. 282 p.: il. – (Coleção Canaã, v.22).*

MAIA, Rafaela. Por Todas Nós: aquilombando a Costa Pereira': SESM promove evento voltado às mulheres negras. Assessoria de Comunicação da SESM. 2024. Disponível em: <Erro! A referência de hiperlink não é válida.>. Acessado em: 19/08/2024.

MAPA DE CONFLITOS. ES: Quilombo de Sapê do Norte reduzidos a 10% em pessoas e território continuam na luta pela titulação de suas terras. Disponível em:

<https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/es-quilombo-de-sape-do-norte-reduzidos-a-10-em-pessoas-e-territorio-continuam-na-luta-pela-titulacao-de-suas-terras/>. Acesso em: 30 ago. 2024.

MARIA, Pedro Silva; MADEIRA, Thaíse Valentim. Batalhas sônicas: disputas territoriais do Congo Capixaba. *Logos: Comunicação e Universidade* [E-periódico]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 42-58, jan./jun. 2019. ISSN 1982-2391. Dossiê: Comunicação, território e re-existências - 2.

MARQUES, Marcelo de Souza. A [política da] arte de fazer a panela de barro: processo de identificação e a sedimentação do discurso-da-tradição-do-saber-fazer-panela-de-barro-em-Goiabeiras-Velha, Vitória-ES. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017

MELO, Juliana Costa. A RELEVÂNCIA DA AULA DE CAMPO NO ENSINO DA GEOGRAFIA. UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Maceió – AL, 2020.

MELO, Juliana Costa. *A relevância da aula de campo no ensino da Geografia*. Universidade Federal de Alagoas, Maceió – AL, 2020.

MONUMENTOS CAPIXABAS. O projeto faz uma catalogação dos monumentos espalhados pelos 78 municípios do Espírito Santo. Disponível em: <<https://monumentoscapixabas.com.br/>>. Acessado em: 09/08/2024

MORAIS, Érica Renata Vilela de. Educação e cidade: diálogos possíveis para explorar a temática afro-brasileira / Érica Renata Vilela de Moraes, Dilza Côco. – Vitória, ES: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, 2018.

MORAIS, Érica Renata Vilela de; SANGENIS, Luiz Fernando Conde Sangenis. O monumento Guerreiro Zulu e a cidade: um espaço de memória afro-brasileira em cena. o I Congresso Internacional Online de Estudos sobre Culturas, na modalidade online. Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura – CLAEC. 2019. Disponível: <<https://tupa.claec.org/culturas/paper/download>>. Acessado em: 09/08/2024

NASCIMENTO, Rodrigo Vieira do; ANDRADE, Karylleila dos Santos; PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch. Toponímia e Geografia Cultural: tecendo fios de investigações no âmbito da interdisciplinaridade. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, n. 3, p. 1003-1029, 2018

NEGRI, Silvio Moisés. Segregação Sócio-Espacial: Alguns Conceitos e Análises, *Coletâneas do Nosso Tempo*, nº 8, Ano VII – v. 8. 2008

NUNES, Fabíola Fraga; MOREIRA, Fabricio do Rosário; MIRANDA, Giuliano de; CIRILO, José. Dona Dominga, para além das escadarias do poder. *Farol*, v. 19, n. 28, p. 46-58 – 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/farol/article/view/40098>>. Acessado em: 09/08/2024

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para

além da fábula. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 35, n.1, p. 195-209, jan./abr. 2009

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ASSICX, Raimundo Jucier Sousa de. *Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 35, n.1, p. 195-209, jan./abr. 2009.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. Comunidades quilombolas no Estado do Espírito Santo: Conflitos sociais, consciência étnica e patrimônio cultural. *RURIS*, v. 5, p. 141-171, 2011.

OLIVEIRA, Elvis Reis de; CAMPELO, Jaerle Rodrigues. *IÊ, viva a capoeira, camarã! Apropriação do território pela capoeira na cidade de Vitória – ES*. Trabalho apresentado no XVI SIMPURB, Vitória – ES, 2019.

OLIVEIRA, Fabiana. Prefeitura suspende licença de blocos no Centro de Vitória após recomendação do MP. *G1 Espírito Santo*, 24 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/carnaval/2023/noticia/2023/02/24/desfiles-de-blocos-de-carnaval-no-centro-de-vitoria-sao-supensos-pela-prefeitura-apos-recomendacao-do-mp.ghtml>. Acesso em: 11 ago. 2024.

OLIVEIRA, J. C. (2005). *A Formação e Transformação da Cidade de Vitória: Evolução Urbana e Expansão Territorial*. Editora da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. Processos Organizativos, Memória e transmissão cultural: Análises etnográficas do congo e samba em comunidades afro-brasileiras. Início /Arquivos / v. 1 n. 1 (2011): Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFES / GT 9 – Memória Social e Transmissão Cultural 2011. Disponível < [Processos organizativos, memória e transmissão cultural: análises etnográficas do congo e samba em comunidades afro-brasileiras | Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFES](#)>. Acessado: 09/08/2024.

PASSINI, S. Aula de campo e métodos interativos. In: *Didática da Geografia*, v. 7, p. 172-176, 2007.

PINHEIRO, Larissa Franco de Mello Aquino; LEITE, Priscila de Souza Chisté. O Parque Moscoso como espaço memória da cidade de Vitória-ES. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Vitória, 2018.

PIRCHINER, Juliana Casotto; PASSAMAI, Paulo Cesar da Silva; OLIVEIRA, Eduardo Augusto Moscon. História e memória do Congo: contribuições da educação não formal. *Cadernos GPOSSHE On-line*, Fortaleza, v. 4, n. Único, 2021. ISSN 2595-7880.

PMV-SEDEC – Prefeitura Municipal de Vitória – Secretaria de Desenvolvimento da Cidade e Habitação. Praça Costa Pereira. 2024. Disponível em: < [Praça Costa Pereira – Prefeitura de Vitória \(vitoria.es.gov.br\)](#): Acessado em: 19/08/2024.

PMV-SEMC – Prefeitura Municipal de Vitória - Secretaria Municipal de Cultura (Semc). Mercado da Vila Rubim, 2024. Disponível em: < [Mercado da Vila Rubim – Prefeitura de Vitória \(vitoria.es.gov.br\)](https://www.vitoria.es.gov.br)>. Acessado em: 19/08/2024.

PORTO, Camille; BATISTA, Cílio; OLIVEIRA, Gudialace; CHIEPPE, Maria Luiza. Comércio de artigos religiosos na Vila Rubim. Revista eletrônica Dia de Xepa, 2016. Disponível em: < [Comércio de artigos religiosos na Vila Rubim – DIA DE XEPA \(wordpress.com\)](https://www.wordpress.com)>. Acessado em: 19/08/2024.

PREDROSA, Kaira Bicalho. Na Cidade escravista: Territórios negros no espaço urbano de Vitória-ES (1850-1876). Pós-Graduação do Centro de Artes - UFES. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA – PMV – SEMC (Secretaria Municipal de Cultura). Escadaria Maria Ortiz. Disponível <[Escadaria Maria Ortiz – Prefeitura de Vitória \(vitoria.es.gov.br\)](https://www.vitoria.es.gov.br)>> Acessado em: 09/08/2024

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. *Secretaria de Comunicação*. Disponível em: <https://www.vitoria.es.gov.br>. Acesso em: 11 ago. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA – SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (SEME-POA). Territórios Negros. Disponível < [Povo Negro \(portoalegre.rs.gov.br\)](https://www.portoalegre.rs.gov.br)> Acessado em: 27/08/2024

RAFFESTIN, Claude. O que é o território? In: \_\_\_\_\_. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 2011. p. 128-146.

RAP NO PARK FESTIVAL promete movimentar o Parque Moscoso, em Vitória. *DNA Urbano*, 10 jul. 2022. Disponível em: <https://www.dnaurbano.com.br/roles/1198-rap-no-park-festival-promete-movimentar-o-parque-moscoso-em-vitoria>. Acesso em: 11 ago. 2024.

RATTS, Alex. Os lugares de gente negra: temas geográficos no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. In: SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). *Questões Urbanas e Racismo*. Petrópolis, Brasília: DP et. Alii.; ABPN, 2012. p. 216-243.

REDAÇÃO DE A GAZETA ONLIE. Vitória ganha um novo circuito turístico e cultural em São Benedito. (07/05/2022). Disponível em <https://www.redegazeta.com.br>. Acessado em: 30/08/2024.

RIBEIRO, Geisa Lourenço, 1986- R484e Enlaces e desenlaces: família escrava e reprodução endógena no Espírito Santo (1790-1871) / Geisa Lourenço Ribeiro. – 2012.

RODRIGUES, Maria Luiza de Barros. Do Ponto à Trama: cosmopolítica afro-brasileira dos territórios a partir do município de Cariacica-ES. Dissertação de Mestrado. UFES. 2019

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. Disponível em: <https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2013/04/territc3b3rios-negros.pdf>. Acesso em: 16/07/2024.

SACK, Robert David. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela (Org.). Territorialidades Humanas e Redes Sociais. Florianópolis: Insular, 2011. p. 63-89.

SANTOS, Isabela. Batalha de rimas: conheça histórias de capixabas que são feras na arte do improviso. *Movnews*, 8 mar. 2023. Disponível em: <https://movnews.com.br/entretenimento-blogs/2023/03/batalha-de-rimas-conheca-historias-de-capixabas-que-sao-feras-na-arte-do-improviso/>. Acesso em: 11 ago. 2024.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: EdUSP, 2012.

SENA, Felipe; BARBOSA, João. Além de blocos, Vitória terá trio elétrico até o Sambão do Povo no carnaval. *A Gazeta*, 30 jan. 2024. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/agora/jovem-e-baleado-em-show-de-forro-no-interior-de-linhares-0824>. Acesso em: 11 ago. 2024.

SILVA, Edeson dos Anjos; LACERDA, Geisa Humpp Fernandes; SANTOS JÚNIOR, Paulo Jonas dos. O Congo Capixaba como resistência à aculturação católica: práxis sincréticas descolonizadora dos saberes eurocêntricos. *Identidade*, São Leopoldo, v. 26, n. 1 e 2, p. 251-263, jan./dez. 2021. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/identidade>. Acesso em: 11/08/2024.

SOARES, Lorena Portela (Org.) Agriculturas urbanas agroecológicas e promoção da saúde: fortalecendo diálogos, memórias e redes / organizado por Lorena Portela Soares. — Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz, Fiocruz / Articulação Nacional de Agroecologia, 2023

SOUZA, R.; PEREIRA, L. Trabalho de campo e ensino geográfico. In: Revista Brasileira de Educação, v. 10, p. 2-14, 2007.

SOUZA, Maria José Corrêa de; SANTOS, André Filipe Reid Pereira dos. MUSEU CAPIXABA DO NEGRO MARIA VERÔNICA DA PAS (MUCANE): LUGAR DE QUILOMBISMO E DE PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS (1994-2020). História e Cultura. Artigos Livres e Resenhas. v.11, n.1, jul/2022 | ISSN: 2238-6270

TAVEIRA, Vitor. Rota Ancestral visita locais de cultura negra e indígena. Século Diário. Disponível em: < Rota Ancestral visita locais de cultura negra e indígena - Século Diário (seculodiario.com.br)>. Acessado em: 27/08/2024.

TORREÃO, Rafael Sapiência. GEOGRAFIA DO HIP HOP NA GRANDE VITÓRIA – ES: O LUGAR EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO. Dissertação de Mestrado. UFES. Vitória-ES, 2014.

VENTURI, Luis Antônio Bittar. Paisagem geográfica: muito além do nosso campo de visão, *Confins* [En ligne], 38 | 2018. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/confins/16282>>. Acessado em: 20/04/2024

VITÓRIA. Mapa das regiões administrativas de Vitória. 2014. Disponível em: [http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/geral/regiao\\_administrativa/RA\\_GERAL.pdf](http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/geral/regiao_administrativa/RA_GERAL.pdf). Acesso em: 2 fev. 2017

XAVIER, Lorrana; AZEVEDO DE ALMEIDA, Juliana. A história da capoeira moderna na Grande Vitória-ES. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Rede de Ensino Doctum, Unidade Serra, Serra, 2021.

ZANOLI, Tiago; FERRAZ, Danilo; MANTOVANELLI, Karen. NOBRE, Juliana. Mostra cultural Samba Que Eu Quero Ver anima o pré-carnaval capixaba no Centro de Vitória. *Assessoria de Comunicação da Secult*. 2024. Disponível: < [Governo ES - Mostra cultural Samba Que Eu Quero Ver anima o pré-carnaval capixaba no Centro de Vitória \(www.es.gov.br\)](http://www.es.gov.br)>. Acessado em: 19/08/2024.

ZIPPINOTTI, Daniel Pitzer. As formas simbólicas espaciais e a dinâmica da centralidade em Vitória: um esforço de análise / Daniel Pitzer Zippinotti. – 2014.